



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

**TÍTULO | TURISMO, CULTURA E
LITERATURA**

Nome do Mestrando | Patrícia José Jesus Namora

Orientação | Professora Doutora Maria Noémi Nunes Vieira
Marujo

Mestrado em Turismo e Desenvolvimento De Destinos e Produtos

Relatório de Estágio

Évora, 2017



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Universidade de Évora

Escola de Ciências Sociais

Turismo, Cultura e Literatura

Patrícia José Jesus Namora

Licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas – vertente de
Literatura e Artes
Universidade de Évora

Relatório de estágio apresentado à Universidade de Évora para
obtenção do grau de mestre em Turismo e Desenvolvimento de
Destinos e Produtos

Professor Orientador: Noémi Marujo

2017



Agradecimentos

À minha mãe, a minha flor. Porque nenhuma palavra seria suficiente para agradecer, nem expressar tanto sentimento.

Aos meus irmãos, Ana, Cláudio, Carina, Jéssica e Mónica. Sem vocês nada seria o mesmo, nada seria igual, nem faria o mesmo sentido! Com vocês, qualquer dor deixa de ser dor, e é sempre menos difícil.

À minha estimada colega e amiga Catarina Candeias, parceira nesta aventura literária, nas alegrias e tristezas no “mister”, muito obrigada.

À minha ceb. Diogo Abreu, por ter sido um pilar importante, o meu fiel obrigada!

À minha orientadora Noémi Marujo, por não me deixar desistir. Por ter tido a paciência e a dedicação. Por ter lançado a semente. Por todo o trabalho. Por ser dos melhores exemplos de docente que conheço. A si, o meu sincero obrigada!

À Doutora Lucélia Calisto. Por “partir pedra” e basta... jamais poderei esquecer. Mil obrigados não chegam.

À Diana Severino e à Catarina Fonseca, as que levo comigo, onde quer que vá. Pela força e incentivo, por permanecerem... muito obrigada.

Este trabalho representa o final de um ciclo e o início de outros. É no fim que tudo é alegre mas triste. Alegre pelo final de uma etapa que tanto exigiu e triste pela despedida ao local onde pertenci. Guardarei sempre esta alegria e tristeza.

A cidade que me acolheu desde o início, à qual estarei sempre entrelaçada, minha Évora. Um eterno obrigada!

Resumo

Turismo, Cultura e Literatura

Através das áreas Turismo, Cultura e Literatura, foi possível explorar o património literário na cidade de Évora, com vista a demonstrar uma proposta de implementação de um produto literário.

Combinar tais áreas com a prática de um trabalho de campo foi pertinente pelo desvendar de pontos literários pouco conhecidos ou valorizados, apesar do seu potencial. As atividades desenvolvidas em cada ponto turístico foram concebidas com o intuito de evidenciar as suas características naturais, conhecidas através do roteiro turístico. O trabalho desenvolvido não foi assente na criação de novos postos de atração turística mas sim na demonstração de características já existentes que, por si só, acartam um grande potencial turístico.

A implementação de uma rota literária é economicamente vantajosa e cabe aos agentes culturais olhar o património literário como potenciador do desenvolvimento local, delineando cenários literários e incorporando escritores de renome.

Palavras – Chave: Turismo; Património literário; Évora; Rota literária.

Abstract

Tourism, Culture and Literature

Through the study of the areas of Tourism, Culture and Literature, it was possible to explore the literary heritage in the city of Évora, in order to demonstrate a proposal for the implementation of a literary product.

Combining such areas with the practice of fieldwork was pertinent in unraveling little-known or valued literary points, despite their potential. The activities developed in each tourist spot were designed with the purpose of highlighting their natural characteristics, known through the tourist route. The work developed was not based on the creation of new tourism attraction posts but rather on the demonstration of existing characteristics that, in themselves, have a great tourism potential.

The implementation of a literary route is economically advantageous and it is up to cultural agents to look at literary heritage as a source of local development, outlining literary scenarios and incorporating renowned writers.

Keywords: Tourism; Literary heritage; Évora; Literary route

Índice Geral

Introdução	10
Capítulo 1- Caracterização da entidade de acolhimento	13
1.1. Breve contextualização histórica	13
1.2. Principais competências da DRCAentejo	16
1.2.1. Museu Frei Manuel do Cenáculo.....	17
1.2.2. Apoios atribuídos pela DRCAentejo a Agentes Culturais.....	18
1.2.3. Mecenato Cultural.....	19
Capítulo 2- Fundamentação teórico-conceitual.....	22
2.1. Turismo e Cultura	22
2.1.1. O Turismo Cultural	25
2.2. Turismo e Literatura	31
2.2.1. Conceito de Literatura.....	31
2.2.2. Turismo Literário.....	34
2.2.2.1. O perfil do turista literário.....	42
2.2.2.2. Motivações do turista literário.....	44
2.2.2.3. Turismo Cinematográfico	47
2.3. Turismo e Museus	52
Capítulo 3- Metodologia	61
Capítulo 4- Apresentação e descrição das atividades durante o período de estágio	66
4.1. Atividades para o dia mundial da poesia.....	66
4.2. Criação de um roteiro literário para Évora	71
4.2.1. Descrição pormenorizada das passagens do roteiro.....	77
Capítulo 5- Análise e reflexão crítica das atividades desenvolvidas durante o período de estágio.....	88
5.1. No Museu	88

5.2. Na Igreja do Salvador.....	95
5.3. Análise Crítica da criação do produto turístico para Évora - Évora, uma cidade vocacionada para o Turismo Literário	96
Conclusão	103
Bibliografia	106
Webgrafia	110
Anexos	112

Índice de Tabelas / Figuras

Tabela I Relação entre Turismo e Literatura.....	36
Tabela II Percurso – itinerário literário por Évora.....	73
Tabela III Contagem em (km) do itinerário literário.....	73
Figura I Relação entre museu, turismo e território.....	58

Anexos

Tabela IV - Biografia de Florbela Espanca	112
Tabela V - Biografia de Gabriel Pereira	117
Tabela VI - Biografia de Antunes da Silva	118
Tabela VII - Biografia de Celestino David	119
Tabela VIII - Biografia de Garcia de Resende	120
Tabela IX - Biografia de Vergílio Ferreira	124
Tabela X- XXXIII - Registo Fotográfico dos pontos que integram a rota.....	128 -150
Tabela X - Atividades realizadas para o dia Mundial da Poesia	128
Tabela XI - Eça de Queirós em Évora	129
Tabela XII - Diana de Liz em Évora	130
Tabela XIII- Café Arcada	131
Tabela XIV- Biblioteca Pública de Évora	132
Tabela XV- Largo Luís de Camões	133
Tabela XVI - Restaurante <i>Fanatismo</i>	134
Tabela XVII - Espólio Florbela Espanca e Busto da escritora	135
Tabela XVIII - “Casa do escritor” Gabriel Pereira	136
Tabela XIX - Colégio do Espírito Santo: Sala dos Atos, espólio Túlio Espanca, exemplo de sala com cátedra	137
Tabela XX - Capela de Garcia de Resende	138
Tabela XXI- Cemitério de Nossa Senhora dos Remédios	139
Tabela XXII - Janela de Garcia de Resende e Teatro Garcia de Resende ...	140
Tabela XXIII - Busto de André de Resende e rua que homenageia o escritor	141
Tabela XXIV - Casas onde viveu Florbela Espanca; pontos que integram o ro- teiro literário.....	142
Tabela XXV - Casa onde viveu Vergílio Ferreira; ponto que integra o roteiro lite- rário.....	143
Tabela XXVI - .Casa onde viveu António Francisco Barata; ponto que integra o roteiro literário	144
Tabela XXVII - Estátua de Garcia de Resende e placa que identifica a casa onde viveu Celestino David; pontos que integram o roteiro literário	145

Tabela XXVIII - Flyer do Museu Frei Manuel do Cenáculo e Flyer de um roteiro da obra <i>Aparição</i> de Vergílio Ferreira	146
Tabela XXIX - Túmulo de André de Resende na Sé Catedral de Évora; ponto que integra o roteiro literário	147
Tabela XXX - Estátua de Luís de Camões no Palácio de D.Manuel situado no jardim público; ponto que integra o roteiro literário	148
Tabela XXXI - Livraria <i>Fonte de Letras</i> ; ponto que integra o roteiro literário	149
Tabela XXXII - Sociedade Harmonia Eborensis (SHE); ponto que integra o roteiro literário	150
Tabela XXXIII - Sugestões de logotipos do roteiro literário	151
Tabela XXXIV - Adaptação do roteiro literário (1 dia / meio dia)	152
Tabela XXXV - Alguns autores que referem Évora nas suas obras	156

Introdução

No âmbito da conclusão do mestrado em Turismo e Desenvolvimento de Destinos e Produtos, foi realizado um estágio curricular com o objetivo de fomentar as temáticas que foram aprendidas durante o mestrado. Neste sentido, o presente relatório de estágio é escrito para a obtenção do grau de Mestre, conferido pela Universidade de Évora. O estágio, na DRCA Alentejo, teve a duração de 4 meses.

Este relatório tem como principais objetivos: i) evidenciar as potencialidades literárias da cidade de Évora, através de uma exploração e descoberta do centro histórico da cidade; ii) demonstrar, através de uma análise documental escrita, que Évora possui um legado literário. Com estes objetivos é pretendido acentuar as potencialidades que a cidade possui e ainda, evidenciar o património literário, a partir das atividades que foram desenvolvidas durante o estágio.

Pretende-se, assim, fazer um enquadramento, baseado na história do edifício, mencionando as suas competências e a sua missão, descrever e refletir acerca de um conjunto de atividades que foram desenvolvidas durante o período de estágio, das quais ressalto: i) as atividades para a comemoração do dia 21 de março, no dia mundial da poesia - onde foi criada uma atividade direcionada às crianças, na igreja do Salvador e outra mais direcionada à comunidade em geral; ii) a criação de um roteiro literário que engloba autores e alguns locais onde se pode encontrar literatura e que não se encontram sinalizados com a devida importância. Deste modo, é importante fazer uma análise e reflexão crítica das atividades desenvolvidas, recorrendo a uma análise teórica, que integra o estudo das áreas: Turismo, Cultura e Literatura.

No que diz respeito à estrutura formal do relatório, abordarei a relação e a importância do Turismo com a Cultura e a Literatura, e ainda, na sequência das atividades criadas para o museu de Évora, analisar o estudo entre o Turismo e os museus, elucidando o leitor sobre a importância deste contexto. Logo após, e recorrendo às atividades práticas desenvolvidas, pretende-se elaborar uma

reflexão global, procurando evidenciar a importância do desenvolvimento do Turismo Literário, tipologia do Turismo Cultural, na cidade de Évora. Pretende-se ainda, comprovar que Évora possui potencialidades para a criação deste tipo de Turismo, através da elaboração de um roteiro literário.

A criação de uma rota literária permitirá explorar edifícios que se relacionam com a Literatura e com escritores eborenses como por exemplo, Antunes da Silva, Diana de Liz, Florbela Espanca ou Vergílio Ferreira, fazendo uma reflexão crítica, reforçando, uma vez mais, as potencialidades e os benefícios que o Turismo Literário poderá proporcionar a um local e, conseqüentemente, à sua comunidade.

Para além de evidenciar essas características literárias e os seus benefícios numa cidade, é importante advertir para a valorização do Património Literário, de que Évora é matriarca. É necessário fazer chegar a toda a comunidade aquilo que a cidade contém, de modo a que a implementação deste tipo de turismo se torne possível, evidenciando e fazendo chegar às entidades competentes, como por exemplo o Turismo de Portugal, a câmara municipal, e outros programas que possam valorizar estas características literárias da cidade, evidenciando assim, aquilo que a cidade poderá vir a ganhar e a oferecer, no âmbito do Turismo Literário, constituindo como ponto de partida, o despertar e difundir do gosto Literário.

O motivo para o desenvolvimento deste tema está assente no gosto que desenvolvo pela Literatura, o mesmo gosto que me fez enveredar por esta área, que se foi intensificando pela frequência às aulas de Literatura Portuguesa, no ensino secundário, e posteriormente no ensino superior, até porque através da literatura é possível ser, viver e sentir. Quando obtive conhecimento da existência deste tipo de turismo, pude aprofundar as suas características, baseando-me nos escritores, espaços físicos, obras literárias e em todo um caminho de descobertas bastante significativas, entre o que existe e que está explícito e o que existe e está oculto e, por isso, tem de ser descoberto. Foi exatamente aqui que desenvolvi este gosto pelo Turismo Literário e, a pouco e pouco me fui

debruçando sobre um tema, que depressa se tornou familiar, um lugar de
pertença, o meu lugar... neste universo turístico.

Capítulo 1 - Caracterização da Entidade de Acolhimento

1.1. Breve Contextualização Histórica

O estágio foi realizado na DRCA Alentejo que se encontra sediada na cidade de Évora. O valor deste edifício, é expresso pela obra de Joaquim Palminha da Silva, onde se aglomera um conjunto de características ao nível da arquitetura, o que lhe confere um elevado prestígio.

O período de fundação do edifício, onde foi realizado o estágio, data a partir de finais do século XV e inícios do século XVI. Esteve sob posse do Cónego da Sé de Évora, Doutor José Joaquim Nunes de Melo que aí instalara, um raro Museu de História Natural, dos primeiros a existir em Portugal (Silva, 2005) que, mais tarde, acabou por ser vandalizado pelos soldados de Napoleão Bonaparte aquando do saque da cidade em 1808. Mais tarde, os objetos do Museu foram deixados por D. João V, ao cuidado da Biblioteca Pública de Évora (Silva, 2005).

Sublinhe-se que o mesmo edifício foi conhecido como Palácio Gouveia, pelo poeta e conselheiro de estado José Carlos Gouveia. Posteriormente, a comissão de coordenação da Região Alentejo tomou posse do edifício para instalar a sua sede (Silva, 2005). Porém, tentou-se modificar o edifício e sujeitá-lo a condições que iriam contra a sua estrutura original, o que fez com que a situação fosse rapidamente denunciada pela CME (Câmara Municipal de Évora, fazendo com que desistissem da obra (Silva, 2005). Em 1986 iniciou-se um estudo com objetivo de ver as possibilidades de se instalarem outros serviços públicos.

Refira-se que os vestígios arqueológicos dão conta de ocupações de várias épocas: período de ocupação Romana e mais tarde, ocupada por povos muçulmanos. Há registos de uma *colunata*¹ *toscana* do período renascentista e ainda até ao século XIX, é construído o edifício definitivo com azulejos policromos do (século XVII) e tetos em madeira de carvalho vindos do Convento

¹ Colunata - *Série de colunas enfileiradas simetricamente para adornar um edifício;*

do Paraíso² (Silva, 2005). Segundo Silva (2005), o fundador deste edifício permanece de forma incógnita, e por isso é assunto de discussão por não constar em nenhum documento o fundador desta casa mistério.

“No relatório editado pela CME afirma-se que o edifício era “pouco erudito” mas que continha algumas apostas estéticas conseguidas, segundo o gosto da época. Segundo a data do relatório arqueológico é possível verificar que a utilização do edifício como espaço privilegiado de habitação tem cerca de dois mil anos- século I ao XX” (Silva, 2005, p. 177).

A atual rua de Burgos, primeiramente denominada por Travessa de Santiago e depois por Travessa dos Burgos, aparece citada desde 1449. Os Burgos, impressores e livreiros que aí viveram foram: Jean de Burgos, de nacionalidade Francesa, que se pensa que seria eventualmente o progenitor desta família, que em 1940 imprimiu na cidade a *Chronica Troyana* entre outros volumes, “ilegais” de D. Quixote de La Mancha. Segundo a afirmação da obra, os Burgos habitaram a antiga rua da Selaria, pois era aí que trabalhavam, ‘gozando’ de proteção do Cardeal-Infante e até mesmo do Rei.

A dúvida que a obra de Joaquim Palminha da Silva nos sugere é o facto de terem trabalhado, cerca de 50 anos, nessa rua e não existir uma marca ou registo toponímico, da sua permanência neste local. Curiosamente, essa “marca” veio a verificar-se a alguns metros, na rua de Santiago, numa época, em que segundo o autor não era muito normal homenagearem-se os súbditos de *El- Rei* (Silva, 2005).

A ideia que nos fica, através da obra é a de que, talvez estes misteriosos

² Convento do Paraíso – convento extinto, feminino, pertencia à ordem dos dominicanos. Citado no livro de Fialho de Almeida, no conto: *O menino Jesus*, este convento estaria situado na atual Rua de Machede, em Évora.

“Burgos” tenham vivido justamente na rua de Santiago e por essa mesma razão se passou a chamar de “Rua de Burgos.” O que é facto é que os registos da Rua da Selaria, não se encontram explícitos, em termos de referências à localização de habitação dessa família nesse espaço, ainda que, o trabalho dos livreiros era aqui situado, e por isso, a sua presença seria, evidentemente notada (Silva, 2005).

Outra questão que se coloca na mesma obra, “Que tipo de personagem terá dado nova forma à “casa nobre” da Rua de Burgos?” (Silva, 2005, p. 182). O que este livro refere é que não será possível responder a esta questão se não interpretarmos as simbologias e as mensagens enviadas através dos elementos arquitetónicos e de todas as ornamentações executadas ao pormenor, como se pode entender pela descrição detalhada, dos vários elementos presentes, na arquitetura desta Casa.

Para Silva (2005), a simbologia do imóvel é referida logo pela forma quadrangular que apresentava, pois na idade média, essa forma foi usual para traçar praças, cidades e igrejas, isto porque a forma quadrangular e a forma circular, eram consideradas as formas sólidas perfeitas, pela exatidão de pontos.

Alguns autores medievais relacionaram o Homem no interior do quadrado com os quatro evangelhos e os quatro rios do paraíso (Silva, 2005). Há referência de Cristo, que ao assumir a humanidade, deveria ser considerado o “homem quadrado por excelência”. Também há alusão às pinhas existentes nos capitéis que poderiam simbolizar a imortalidade da vida vegetal e animal. “Pedras talhadas em forma de rosas” (Silva, 2005, p. 187) referente à iconografia Cristã, pois supostamente a rosa é a taça que recolheu o sangue de Jesus Cristo. Dos grupos de três colunas de mármore existentes, destaca-se o significado do número 3, bastante importante nas antigas tradições: fazendo uma alusão ao tempo, que é triplo, o passado, presente futuro. Também há a comparação com o triângulo equilátero e o trevo de quatro folhas, fazendo parte de sistemas

filosóficos e tradições religiosas, como os símbolos da Trindade cristã³. O número 3 simboliza também, segundo é mencionado, os níveis da vida humana: material, racional, espiritual ou divina (Silva, 2005).

Considera-se que, todos os pormenores das figuras desenhadas na arquitetura da Casa de Burgos constituem objeto de estudo e diversas simbologias pelo mistério que o edifício contém. Porém, na impossibilidade de referir tudo isso aqui, importa entender a dimensão do edifício, quer a nível arquitetónico, quer a nível de história propriamente dita, no que concerne aos factos, que são muito poucos, em torno desta casa.

1.2. Principais competências da DRCAentejo

A Direção Regional de Cultura do Alentejo, localizada na Rua de Burgos, tem como diretora principal Ana Paula Amendoeira. Trata-se de um serviço que pertence ao Estado e que possui autonomia na sua administração. A sua área de atuação passa por todo o Alentejo, focando-se em Évora, Beja, Portalegre e nos concelhos de Alcácer do Sal, Grândola, Sines e Santiago do Cacém. Compreende entre si 40 tipologias de imóveis afetos à instituição.

A principal missão da DRCAentejo na área da cultura, em conjunto com os serviços e organismos de presidência do concelho de ministros passa essencialmente, segundo o *Site* oficial da DRCAentejo, pela criação de condições de acesso aos bens culturais, acompanhamento das atividades e a fiscalização das estruturas de produção artística financiadas pelos serviços e organismos da área da cultura; acompanhamento das ações relativas à salvaguarda, valorização e divulgação do património cultural imóvel, móvel e imaterial; e ainda o apoio a museus.

A instituição é composta por uma única unidade orgânica nuclear designada por Direção de Serviços de Bens Culturais (DSBC). Esta entidade

³ Segundo a história cristã, remete às três pessoas da Santíssima trindade: o Pai, o filho e o espírito Santo.

integra como unidades orgânicas flexíveis, a Divisão de Recursos Humanos e Financeiros (DRHF) e o Museu de Évora. Algumas das suas competências (DSBC) passam, segundo o Decreto Lei do Diário da República, 1.ª série — N.º 102 — 25 de maio de 2012, por: Propor a classificação de bens culturais imóveis e a definição ou redefinição de zonas especiais de proteção; Propor a desclassificação de bens imóveis classificados; Colaborar na atualização do inventário e do cadastro dos bens imóveis classificados ou em vias de classificação; Colaborar na elaboração e acompanhamento de planos de salvaguarda e valorização.

No que diz respeito às competências da (DRHF), que se encontram igualmente no *Site* oficial da DRCAAlentejo, respetivamente nos Despachos n.º11389/2012 e n.º11390/2012 publicados pelo Diário da República, 2.ª série — N.º 163 — 23 de agosto de 2012. Esta divisão possui como objetivos, a contribuição para a eficiência e qualidade dos serviços prestados pela Direção Regional de Cultura, propondo medidas e aperfeiçoamento organizacional, regulamentos e normas de controlo interno; Executar as tarefas administrativas relativas à gestão dos recursos humanos; Identificar as necessidades de informação e aperfeiçoamento profissionais numa perspetiva integrada com vista ao enquadramento e desenvolvimento dos recursos humanos e propor o plano anual de formação; Elaborar o balanço social da Direção Regional e atualizar a base de dados da administração pública, entre outras.

1.2.1 Museu Frei Manuel Do Cenáculo

O Museu Frei Manuel do Cenáculo faz parte do conjunto de imóveis afetos à DRCAAlentejo. É um Museu de Arte Sacra situado na cidade de Évora. Contempla essencialmente as coleções de Frei Manuel do Cenáculo, arcebispo

de Évora e fundador da Biblioteca Pública de Évora (ver tabela XXVIII – anexo AAL).

O museu possui diversas coleções, pintura, escultura, desenho, cerâmica, ourivesaria, entre outros. Compreende, para além das coleções do Iluminista Frei Manuel do Cenáculo, transferidas da BPE, o espólio da extinção das Ordens Religiosas. Nas coleções que integram o Museu, é de realçar as coleções de ourivesaria, paramentaria e mobiliário. Integra ainda um núcleo de escultura arquitetónica e tumulária dos séculos XIV a XVI. É ainda composto por um legado de Francisco Barahona do século XX, figura ilustre que viveu em Évora. Também faz parte do museu as coleções de Arqueologia, o espólio de escultura Romana da cidade de Évora, e ainda matérias de escavações em monumentos megalíticos. Este Museu contém três pisos, dispõe de um serviço educativo, incorporado na página oficial DRCAAlentejo, e ainda dispõe de uma Biblioteca e Arquivo, para o serviço de inventário e estudo das suas coleções, entre outras salas, que podemos observar a partir da planta do Museu, presente no anexo x.

1.2.2 Apoios atribuídos pela DRCAAlentejo a Agentes Culturais

Relativamente a apoios atribuídos a Agentes Culturais, a DRCAAlentejo, conforme os projetos que acolhe, concerne vários tipos de apoio monetário às entidades, por exemplo o apoio para projeto “cantos da Terra, da entidade Associ’Arte, apoio ao associativismo cultural, Banda Municipal Alterense, apoio à exposição de desenhos de Elsa Gonçalves, Grupo Pró-Évora, entre outras entidades, como a Universidade de Évora, Sociedade Recreativa e Dramática Eborense.

No que diz respeito ao apoio às artes, as entidades que atualmente beneficiam de apoio na Região do Alentejo, segundo a página oficial da DRCAAlentejo são, na categoria das Artes Plásticas e Fotografia, entidade: Oficinas do Convento - Associação Cultural de Arte e Comunicação. Na categoria de Dança, a entidade: Companhia de Dança Contemporânea de Évora

– CDCE, entidade: PéDeXumbo - Associação para a Promoção da Música e Dança, entidade: AMDA - Associação em Mértola para Desenvolver e Animar na categoria de Música, entidade: Associação Contemporâneos; entidade: Sete Sóis, Sete Luas. Na categoria de Cruzamentos disciplinares temos como entidade: O Espaço Do Tempo. Na categoria de Teatro, entidade: CENDREV (Évora), entidade: BAAL 17 (Beja - Serpa), entidade: Teatro da Terra (Ponte de Sor), entidade: Associação Contra-regra/Teatro do MAR (Sines), entidade: Associação Projeto Ruínas (Évora- Montemor-o-Novo, entidade: Alma d'Arame - Associação Cultural (Évora - Montemor-o-Novo).

No que diz respeito ao Associativismo Cultural, o papel desta entidade passa por assegurar o apoio às bandas de música, filarmónicas, escolas de música e outras agremiações culturais que se dediquem à atividade cultural, constituídas em pessoas coletivas de direito privado sem fins lucrativos, como referido no Decreto-Lei de 2001, que se encontra na página da DRCAAlentejo.

O apoio é feito mediante uma análise de candidaturas efetuadas na entidade, no sentido de verificar o possível valor a ser atribuído.

1.2.3. Mecenato Cultural

Mediante a importância da recuperação e preservação do património para as futuras gerações não se encontra, somente nas mãos do Estado assegurar essa responsabilidade. Mas sim, em conjunto com as empresas privadas, que hoje assumem um papel essencial nesta área de intervenção, fazer com que essa recuperação e preservação seja tanto da competência do setor público, como também do privado. Pois, trata-se da cultura que é um fator de uma área que produz desenvolvimento económico. O investimento na Cultura, feito pelas empresas, mediante a sua responsabilidade social, pode representar um valor acrescentado para as marcas e para as empresas que adiram ao Mecenato, representando um reforço da coesão social do país e identidade nacional na internacionalização e defesa dos interesses comerciais portugueses. Refira-se

que a Cultura funciona como um pilar do Turismo, daí a importância da sua preservação e recuperação constantes. A cultura representa na Europa, segundo consta no Site da DRCA Alentejo, 5,5% do PIB.

É da competência da mesma entidade, a publicação de uma agenda cultural, quinzenal, em colaboração com o Jornal Diário do Sul e a Rádio Telefonia do Alentejo. Essa agenda pressupõe uma atualização quinzenal e tem como propósito divulgar informações acerca de todos os programas e atividades que se realizem na região do Alentejo.

No que diz respeito a Operações Aprovadas Submetidas pela Direção Regional de Cultura do Alentejo, existe alguns exemplos, do trabalho que esta entidade executa. No caso do Castelo da Amieira do Tejo, procedeu à Recuperação das estruturas construídas/Requalificação da Torre de Menagem; Obras de Adaptação e Requalificação das Condições de Acolhimento ao Público do Castelo de Belver; Projeto de Recuperação, Conservação e Valorização do Castelo de Viana do Alentejo; Gruta do Escoural, foi realizada uma Requalificação do Circuito de Visita.

No que envolve as suas competências, a DRCA Alentejo tem a seu cargo, a Salvaguarda dos vários tipos de Património Cultural: Material, Imaterial e Construído. No caso da Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, a sua importância é evidente Segundo a UNESCO: Paris, 17 de outubro de 2003, cito alguns objetivos declarados pela UNESCO no sentido da aprovação no que diz respeito à salvaguarda deste património. Segundo a UNESCO, o património cultural imaterial manifesta-se nomeadamente nos seguintes domínios:

- “a) Tradições e expressões orais, incluindo a língua como vector do património cultural imaterial;
- b) Artes do espetáculo;
- c) Práticas sociais, rituais e eventos festivos;

d) Conhecimentos e práticas relacionados com a natureza e o universo;

e) Aptidões ligadas ao artesanato tradicional” (UNESCO, 2003).

Relativamente à Salvaguarda, “ (...) entende-se por salvaguarda as medidas que visem assegurar a viabilidade do património cultural imaterial, incluindo a identificação, documentação, pesquisa, preservação, proteção, promoção, valorização, transmissão, essencialmente através da educação formal e não formal, bem como a revitalização dos diferentes aspetos desse património.” (...) (UNESCO, 2003). Também “ (...) consciente da vontade universal e da preocupação comum em salvaguardar o património cultural imaterial da humanidade, reconhecendo que as comunidades, em especial, as comunidades autóctones, os grupos e, se for o caso, os indivíduos, desempenham um papel importante na produção, salvaguarda, manutenção e recriação do património cultural imaterial, contribuindo, desse modo, para o enriquecimento da diversidade cultural e da criatividade humana” (...) (UNESCO, 2003).

Assim, através da análise da página oficial da Direção Regional de Cultura *online*, pode-se afirmar, como conclusão do que foi aqui referido, que a DRCA Alentejo, tem um papel essencial tanto na reestruturação, como na preservação dos bens culturais. E ainda, um papel crucial no desenvolvimento de mecanismos para o acesso desses bens a toda a comunidade. É importante para uma região ter uma entidade que preserve os valores culturais e que os faça chegar a toda a população. É ainda de realçar o seu apoio monetário no que diz respeito às artes e a todos os agentes culturais que se encontram na região do Alentejo. De acordo com os imóveis afetos à instituição, como é exemplo o Museu de Évora, o seu foco de apoio deve ser eficaz, no sentido de proporcionar aos visitantes as condições ideais de visita a um Museu, pois tem integrado nos seus principais objetivos, o apoio a Museus, como consta na missão da DRCA Alentejo.

Capítulo 2 - Fundamentação Teórico-conceptual

2.1-Turismo e Cultura

A cultura e o turismo são indissociáveis. Por isso, quando se fala em Turismo é impossível não falar em cultura. “O turismo e a cultura sempre andaram interligados no contexto Europeu, desde os tempos medievais com as peregrinações a Santiago de Compostela e outras deslocações que anteciparam o chamado Turismo Cultural, neste caso na vertente específica do Turismo Religioso” (Sardo, 2009, p. 339).

Atualmente, é notório o impacto do turismo em todo o mundo. Como refere Barreto (2007, p. 9) “O turismo é um fenómeno social que atualmente abrange o mundo inteiro, do ponto de vista geográfico, e todos os grupos e camadas sociais”. De facto, o turismo não contribui somente para o desenvolvimento dos territórios ou para a valorização da identidade cultural de um povo. Ele também é cada vez mais um agente social.

Refira-se que cada lugar possui características que o definem como único, essas mesmas são aproveitadas, e preparadas para serem oferecidas ao turista. Por isso, nos dias de hoje, praticamente todos os lugares são visitados por turistas “graças ao processo de internacionalização de economias e da cultura, assim como à melhoria dos meios de comunicação e transporte, são poucos os lugares que não recebem turistas” (Barreto, 2007, p. 9). O turismo expande-se muito facilmente num lugar e numa primeira fase, por vezes, não é fácil prever que formas poderá tomar, dada a sua característica, de se enraizar num espaço e de haver diferentes repercursões dessa enraização. Como realça a autora Barreto (2007), o turismo é um fenómeno que cresce e se expande de forma bastante incontrollável e imprevisível através do tempo e do espaço. E ainda que, em cada momento e lugar que se produz, acontece uma série de relações que sempre são diferentes.

A cultura é uma construção histórica e está relacionada com todos os aspetos da vida social. Nenhuma cultura existe em estado puro, idêntica a si própria. Todas as culturas sofrem influências internas e externas (Marujo, 2014). Marujo (2014, p.2) afirma que “a cultura faz parte de uma realidade, onde a mudança é um aspeto essencial e, por isso, ela é dinâmica, varia de lugar para lugar e é transmitida de geração em geração”. Ela está, portanto, em permanente mudança, pois com a introdução de novos costumes, e a não preservação dela, há tradições que se vão perdendo e outras que se vão agregando. Assim, “como a cultura é ativa, significa que pode sofrer transformações através do comportamento e atitudes de indivíduos ou de grupos que, uma vez movidos por necessidades, podem introduzir novas regras, costumes e valores. Todas as culturas, devido ao facto universal dos contactos culturais, são em diferentes graus culturas mistas feitas de continuidades e descontinuidades” (Marujo, 2014, p. 2).

Para Eliot (1988) O termo cultura tem associações diferentes, segundo tenhamos em mente o desenvolvimento de um indivíduo ou de um grupo ou classe de toda uma sociedade. Segundo o autor, a cultura do indivíduo depende da cultura de um grupo ou classe, e que a cultura do grupo ou classe depende da cultura da sociedade a que pertence este grupo ou classe (Eliot, 1998). Ou seja, entendemos que a cultura do indivíduo não pode ser uma cultura isolada, pois está ligada a um grupo, tal como a cultura de um grupo não tem significado se não for interligada com a sociedade e com um meio (Eliot, 1998). O conceito da palavra remete para um todo, um conjunto de palavras: meio, indivíduo e ações, que ao funcionarem juntas, talvez signifiquem aquilo a que se denomina de cultura (Eliot, 1998). Como afirma Eliot (1988) não faz sentido referir cultura de um indivíduo como um termo separado da cultura da sociedade. Ou seja, o autor considera que a cultura do indivíduo não pode ser isolada do grupo, e que a cultura do grupo não pode ser abstraída da sociedade inteira (Eliot, 1998). E, portanto, esta cultura de um grupo ou sociedade faz parte da identidade que muitas vezes o turismo se apropria para ‘vender’ aos turistas.

Richards, no ponto *sobre a convergência do turismo e cultura*, no seu livro *'Cultural Tourism in Europe'* explica que as forças que impulsionam o turismo e o consumo cultural são praticamente idênticas (Richards, 1996). Não é por isso, surpreendente que o turismo de massa e o consumo da cultura de massa se tivessem correspondido, impulsionando-se mutuamente. Portanto, estes conceitos são inseparáveis (Richards, 1996). Segundo do autor, "because the basic forces driving the expansion of tourism and cultural consumption are so similar, it is not surprising that mass tourism and mass cultural consumption have coincided in the late 20th century. In spite of reservations about the potential negative impacts of tourism on culture it seems that tourism and culture are inseparable" (Richards, 1996, p. 17).

Conforme o aparecimento da globalização, houve necessidade de dar valor à essência da identidade cultural, daquilo que nos define. Tal como refere Marujo (2014) a globalização despertou no ser humano o desejo de conservar a sua identidade cultural. Passou a valorizar as particularidades das regiões que se encontram, muitas vezes, nas iniciativas locais associadas ao espírito do lugar. Por isso, "no campo do turismo, a cultura constitui o principal elemento da diferença para atrair turistas e visitantes. Vende-se a cultura, manipula-se a cultura com um único objetivo: atrair turistas." (Marujo, 2014, p. 2). Esta ideia vai de encontro à de Wood (citado em Richards, 1996) em que vê o papel da cultura como contextual, onde o seu papel é moldar a experiência do turista numa situação em geral, sem um foco particular na singularidade de uma identidade cultural específica, em contraste com o turismo étnico que possui um foco direto em pessoas que vivem uma identidade cultural cuja singularidade tem vindo a ser comercializada para turistas (Richards, 1996).

No que concerne à atividade propriamente dita Segundo Richards (1996, p. 10) "The cultural tourism market in Europe is therefore becoming increasingly competitive". Para este autor, "a growing number of cities and regions in the European Union are basing their tourism development strategies on the promotion

of cultural heritage, and the number of cultural attractions is growing rapidly”. O autor realça ainda que, perante as novas aberturas de destinos culturais será essencial uma readaptação das atrações culturais tradicionais: “Traditional cultural attractions such as museums and galleries are having to reassess their role as the pressure to generate visitor income intensifies, and the need to compete with a new generation of commercial tourist attractions grows” (Richards, 1996, p. 10)

2.1.1. O Turismo Cultural

Segundo Barreto (2007), a história do Turismo teve a sua origem na *Grand Tour*. Só as pessoas ilustres é que podiam fazer essas visitas com propósitos culturais, visto que o objetivo fundamental das viagens era adquirir o máximo conhecimento possível. Aos ilustres que faziam essas viagens era-lhes atribuído um maior prestígio, em termos de educação e *status* social. Salgueiro (2002) refere que um novo tipo de viajante surge no século XVIII em conexão com as transformações económicas e culturais na Europa do Iluminismo e da Revolução Industrial. “Trata-se aqui do *grand tourist*, conforme era chamado o viajante amante da cultura dos antigos e de seus monumentos” (Salgueiro, 2002, p. 4). Este viajante possuía “gosto exacerbado por ruínas que beirava a obsessão e uma inclinação inusitada para contemplar paisagens com seu olhar armado no enquadramento de amplas vistas panorâmicas, compostas segundo um idioma permeado por valores estéticos sublimes” (Salgueiro, 2002, p. 4). Um viajante que dispunha, principalmente, de tempo e recursos, nas primeiras viagens registadas pela histografia da prática social de viajar por prazer e por amor à cultura (Salgueiro, 2002). Este fenómeno iniciou-se em Inglaterra, onde remontam as

suas origens, explicado pelo facto de estar em vantagem pelo sucesso económico através do comércio e dos métodos agrícolas de produção (Salgueiro, 2002). “O verdadeiro *Grand Tour*, porém, envolvia essencialmente, além de uma viagem a Paris, um circuito pelas principais cidades italianas - Roma, Veneza, Florença e Nápoles, nessa ordem de importância” (Salgueiro, 2002, p. 292). O autor refere ainda que estas viagens tinham não só um propósito de conhecer os locais, mas também envolviam uma série de emoções, essenciais para este viajante, que posteriormente seriam “guardadas” através de relatos em livros e cartas (Salgueiro, 2002).

Segundo Salgueiro (2002, p. 306), “uma sensibilidade especial acompanhava, pois, o *grand tourist*, permitindo-lhe viver emoções que seriam transportadas para seus relatos e registros visuais”. Por exemplo, segundo o autor, o trajeto pelo Monte cenis, permitia ao viajante contactar com a paisagem impressionante, a altura das montanhas, os precipícios, avalanches, “e o frio intenso e a neblina espessa, tudo impressionava segundo termos como "infinito", "grandioso", "interminável", desconhecidos para descrever a paisagem pelos que nunca, até então, haviam deixado sua região de origem, na Inglaterra, França ou Alemanha” (Salgueiro, 2002, p. 306). O fascínio por estes cenários era divulgado através de cartas e relatos de viagem, como é exemplo o novelista inglês Horace walpole, aquando da escrita de uma carta a um amigo. Segundo Salgueiro (2002) os relatos dos viajantes foram frequentes através de cartas que, para além da descrição pormenorizada dos locais e enorme expressividade, motivava à população este desejo de partir em busca desses locais. Estas viagens trouxeram inúmeros benefícios e mudanças a nível de mentalidades que remonta, ao aparecimento do conceito do Turismo cultural pelo conjunto de atividades que constituíam os grandes propósitos destas visitas, (Salgueiro, 2002). Assim, “o viajante passou a ser, pela primeira vez, um turista associando o lazer e a ânsia de conhecimento ao prazer da descoberta de países, monumentos, tradições, sabores e culturas diferentes” (Milheiro, 2005, p. 116). Segundo Milheiro (2005,

p. 116), “a juventude aristocrata visitava Paris e o Sul de França, os Países Baixos, os Alpes, Viena, Praga e Itália”. Para a autora, “o êxito do “Grand Tour” veio impulsionar o aparecimento de actividades e expressões novas: surge a literatura de viagens, criam-se os primeiros “souvenirs” e a palavra “pitoresco” entra no vocabulário corrente” (Milheiro, 2005, p.116). Pode-se afirmar então que estas primeiras formas de viagem, oriundas do Grand tour, envolviam já as “sementes” das práticas culturais daquilo a que hoje se considera ser o turismo cultural.

Para Köhler e Durand (2007), o turismo cultural começa a ser reconhecido como categoria de produto turístico diferente, reconhecendo que algumas pessoas viajavam especificamente com o objectivo de conhecer a cultura ou património de dado destino. Mas segundo os autores, só uma pequena percentagem da população tinha acesso a estas viagens. Os autores sublinham que só, em 1980, com a pós-modernidade, é que se pode assistir a uma “explosão” deste tipo de Turismo (Köhler & Durand, 2007). Com a chegada do Pós-modernismo foi possível assistir a um forte aparecimento de símbolos e significados, em que o objetivo era romper com “o carácter estanque das esferas culturais “horizontais” (pintura, literatura, arquitetura etc.) e “verticais” (cultura popular, erudita e indústria cultural)” (URRY, 1996, como referido em Köhler & Durand, 2007, p. 190).

Segundo Pérez (2009), apesar de a natureza cultural do Turismo ser bastante antiga, a relação entre o Turismo e a cultura é recente, assim como, o conceito de Turismo cultural. Para este autor, “o turismo cultural apresenta-se como uma alternativa ao turismo de sol e praia” (Pérez, 2009, p. 108). No entanto, não existe Turismo sem Cultura, pois o turismo por si só funciona como uma expressão cultural, que envolve à partida a cultura (Pérez, 2009). O turismo cultural é definido como a atividade que mais tem desenvolvido as suas relações interculturais. Este tipo de turismo, apresenta-se sob uma viagem exclusiva, de propósitos culturais e educativos (Pérez, 2009). Refira-se que, segundo Köhler e Durand (2007, p.188), “as definições de turismo cultural baseadas na procura, ou seja, nas experiências pessoais advindas do consumo turístico, têm como

principal ponto positivo o fato de os turistas interpretarem o mesmo objeto ou destino de formas diferentes”.

A ideia de Pérez (2009) acerca do Turismo cultural apresentar-se sob forma exclusiva de propósitos culturais e educativos vai de encontro à de McIntosh & Goeldner (citados em Richards, 1996) que explicam a complexidade do fenómeno do turismo cultural, afirmando que o turismo cultural compreende todos os aspetos de uma viagem e que tem por base uma aprendizagem sobre a história dos locais, onde importa conhecer, participar e aprender. Os autores referem que o turismo cultural é definido como um tipo de turismo que compreende todos os aspetos da viagem, através do qual os viajantes aprendem sobre a história e o património ou sobre os modos de vida e pensamentos contemporâneos de uma sociedade. Ou seja, “cultural tourism is defined . . . as comprising "all aspects of travel, whereby travellers learn about the history and heritage of others or about their contemporary ways of life or thought". In other words, cultural tourists learn about the products and processes of other cultures” (Richards, 1996, p. 23).

Segundo Marujo et al. (2013), o turismo cultural caracteriza-se pela motivação do turista em conhecer e vivenciar lugares onde o seu alicerce está baseado na história de uma determinada sociedade. Para os autores, as culturas são diferentes em diversas sociedades e, por isso, o turista é cada vez mais motivado a consumir essas singularidades culturais que se encontram no património de uma cidade, vila ou aldeia (Marujo et al., 2013). Hoje em dia é visto como um tipo de turismo em que o turista procura viver a tradição de um destino, de um modo mais profundo, participando nela, através das vantagens que o Turismo cultural proporciona (Sardo, 2009). Como referido em Sardo (2009, p. 340) “o Turismo Cultural representa o segmento de mercado turístico que oferece ao visitante, um conhecimento mais profundo de outras culturas, costumes e tradições bem como outras formas de viver e de entender o mundo”. Este tipo de turismo é cada vez mais importante, pela sua afirmação “Uma forma de diferenciação do produto turístico, contribuindo para melhorar a imagem de um destino,

além de ser, igualmente, uma forma de preservar as culturas locais “ameaçadas” pela pressão da globalização cultural” (Sardo, 2009, p. 340).

São vários os benefícios da implementação deste turismo, é por isso essencial, a forma como se vai preservar as culturas, evitando assim, que muitos dos costumes se percam, com o mundo em constante mudança. No sentido de chegar à essência do Turismo Cultural, um complemento ao que foi referido anteriormente: “A definição contempla produtos culturais como o património cultural, as artes, as indústrias culturais e os estilos de vida de um destino” (Pérez, 2009, p. 294).

Uma vez que todas as atividades de turismo envolvem algum elemento de cultura, seja a visita a uma localidade ou a um evento cultural, ou simplesmente o desfrutar da “atmosfera” de um destino em um café de rua, há uma tentação em considerar todo turismo como “turismo cultural” (Richards, 2009). Por exemplo, o mesmo autor explica que muitas viagens a eventos ou atrações culturais têm a cultura como um objetivo secundário. Para o autor, “se chover, o turista de praia troca a praia pelo museu. Turistas em dia livre pela cidade podem se deparar com um festival local, durante uma caminhada exploratória” (Richards, 2009, p.1). Ou seja, esses turistas culturais “por acidente” podem diferir significativamente, em termos de motivações, em relação aos turistas que procuram previamente os locais com propósitos de aprendizagem, conhecimento e experiência de uma cultura (Richards, 2009).

Por conseguinte, a cultura e o turismo sempre estiveram interligados desde que se iniciaram as peregrinações a Santiago de Compostela, pelo turismo religioso. (Sardo, 2009) O turismo como fenómeno abrange o mundo, geograficamente falando, e todas as camadas sociais, fazendo com que sejam proporcionadas diferentes relações em cada momento, ou local (Barreto, 2007). A cultura é ativa, e por isso pode sofrer alterações ao longo do tempo, se tivermos

em conta a introdução de novos costumes ou mesmo a sua manipulação, levando a que ela deixe de possuir o seu carácter identitário, com o objetivo de ser vendida (Marujo, 2014).

A partir das várias acepções de turismo e cultura e de turismo cultural compreende-se a sua dimensão, dada a diversidade do património cultural de um local e dada a proporção da experiência (Castro e Souto, 2010). Os autores referem, ainda, que criar novas formas de turismo cultural, torna-se essencial, pois este tipo de experiência compreende não só os costumes e tradições, mas também novas formas de ver e entender o mundo, os estilos de vida de um destino. Para os autores, é necessário ter consciência de que a criação de produtos de qualidade, os produtos diferenciadores e uma oferta diversificada podem atender à necessidade do turista fazendo com que, o seu tempo de permanência num local, aumente (Castro e Souto, 2010). Sublinhe-se que é, cada vez mais, difícil fazer com que o turista pernoite, em vez de uma noite, duas ou três, principalmente se o local for de pequena dimensão. Porém é através desta dificuldade, da criação e da inovação da oferta, tirando partido do património e dos recursos que uma cidade tem para oferecer, que se destacará a qualidade da gestão turística (Castro e Souto, 2010). Para os autores, quanto maior a diversidade do património cultural, maiores serão as possibilidades de se criar produtos diferenciados, com mais opções e atividades. E quanto maior o leque de ofertas qualificadas de produtos turísticos, melhores serão as possibilidades para estimular o tempo de permanência do turista no destino. Através da identificação e avaliação dos atrativos de uma região ou destino, torna-se essencial verificar se existem potencialidades em termos de atrativos culturais capazes de mobilizar o turista (Castro e Souto, 2010). Aliás, segundo os autores, “a cultura e seus diversos desdobramentos são a base do Turismo Cultural. Pintura, escultura, teatro, dança, música, gastronomia, artesanato, literatura, arquitetura, história, festas, folclore, entre outros, formam uma combinação que permite a vivência da diversidade cultural” (Castro e Souto, 2010, p. 54).

2.2. Turismo e Literatura

2.2.1. Conceito de Literatura

Através do conceito de Turismo Literário emerge a ideia de Literatura, segundo a qual é possível falar nesta tipologia de Turismo. Segundo Moisés (1998, p. 19), a história da Literatura Portuguesa inicia-se em 1198 ou 1189, quando o trovador Paio Soares de Taveirós dedica uma cantiga de amor e escárnio a Maria Pais Ribeiro, cognominada *A ribeirinha*, favorita de D. Sancho I^o. Finalizando-se em 1418, aquando da nomeação de D. Duarte a Fernão Lopes para o ofício de guarda-Mor da Torre do Tombo, para que se tornasse conservador do arquivo do reino (Moisés, 1998). “Durante esses anos de atividade literária, cultivaram-se a poesia, a novela de cavalaria e os cronicões e livros de linhagens, nessa ordem decrescente de importância” (Moisés, 1998, p. 19). A Lírica trovadoresca estabeleceu-se na península Ibérica pelas influências provençais (Moisés, 1998). Segundo Moisés (1998), o aparecimento da poesia, de origem ainda “obscura”, tomou forma através da lírica trovadoresca, em que a poesia se foi assumindo como “cantiga”:

“Havia duas espécies de poesia trovadoresca: a lírico-amorosa, expressa em duas formas, a *cantiga de amor* e a *cantiga de amigo* e a satírica, expressa na *cantiga de escárnio e de maldizer* . . . o poema recebia o nome de “cantiga”, (ou ainda de “canção” e “cantar”) pelo fato de o lirismo medieval associar-se intimamente com a música: a poesia era cantada, ou entoada e instrumentada” (Moisés, 1998, p. 19).

Essas cantigas eram acompanhadas por instrumentos de corda, sopro e percussão (viola, alaúde, flauta, adufe, pandeiro, etc). Trovadores era o nome atribuído aos poetas, que compunham, cantavam e instrumentavam suas próprias cantigas (Moisés, 1998). *Jogral*, chamava-se ao bobo da corte, o mímico, o bailarino que às vezes também compunha. *Segrel*, era o trovador

profissional, *menestrel*, o músico. O idioma empregado era o galaico-português (Moisés, 1998). Segundo Sêcco (2002, p. 183), “o cavaleiro exaltava a mulher, a senhora por quem lutava. Não obstante a devassidão, o amor surgia puro, levando à glória ou à morte, fonte de tudo que há de divino nos homens e fazia cantar. Daí, a primeira expressão artística medieval: a poesia; daí, a primeira escola: a provençal ou trovadoresca”. Neste contexto, a palavra Literatura, encontra-se documentada em Português, num texto que data de 21 de março de 1510 (Eagleton, 2001). Segundo Eagleton (2001, p. 1), “o vocábulo <literatura> representa um derivado erudito do termo latino *litteratura* que, segundo informa Quintiliano, foi decalcado sobre o grego”.

Para Eagleton (2001) existem várias tentativas de definição de Literatura. Segundo o autor, talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou “imaginativa”, mas especialmente porque aplica a linguagem de forma particular. Para Eagleton (2001), o discurso literário torna estranha, aliena a fala comum; ao fazê-lo, porém, paradoxalmente nos leva a vivenciar a experiência de maneira mais íntima, mais intensa. O autor afirma ainda que a literatura é uma forma especial de linguagem, em contraste com a linguagem comum que usamos habitualmente (Eagleton, 2001). Assim, considera que a definição de literatura depende da forma pela qual alguém resolve ler e não da natureza daquilo que é lido (Eagleton, 2001). Para René Wellek e Austin Warren (citados por Eagleton, 2001), a linguagem literária tem o seu lado expressivo e emotivo e, portanto, não se limita a afirmar ou a exprimir o que diz. Quer também influenciar a atitude do leitor, persuadi-lo e, em última instância, modificá-lo. Sublinhe-se que a literatura cria identidade com o leitor. Por outro lado, Eco (citado por Eagleton 2001), refere que ela obriga o leitor a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade de interpretação

Atendendo à importância da função psicológica que a Literatura comporta, assume-se que contém “um certo tipo de função psicológica” (Cândido, 2012, p. 82). Isto quer dizer, segundo Cândido (2012) que a Literatura e as suas características conseguem dar resposta à necessidade de ficção e fantasia que o

ser humano possui e que aparenta fazer parte de uma necessidade Universal. A Literatura preenche, por assim dizer, essa necessidade de ficção através da “anedota, adivinha, trocadilho...narrativas populares, cantos folclóricos, lendas, mitos” (Cândido, 2012, p. 83). O que vem demonstrar, uma vez mais a importância da Literatura, na sociedade, como parte essencial da nossa vida. Pois, se pensarmos bem, ela está presente todos os dias da nossa vida. Ou, seja, nas nossas escolhas, no que vimos, nas nossas atitudes, até nos riscos que corremos, através do papel da ficção, que o ser humano procura satisfazer, de um modo involuntário, sem se aperceber que essa necessidade faz parte de uma base de necessidades que o ser humano busca preencher (Cândido, 2012).

Para Cândido (2012, p. 83), “a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la”. Outra questão sobre a função da Literatura, presente no artigo “A Literatura e a formação do Homem” é a de que a fantasia não possui apenas um carácter ficcional, mas também de realidade (Cândido, 2012). Ainda segundo o autor, a criação do registo fantástico não é exclusivamente imaginativa e irreal, a *fantasia* possui também um *je ne sais quoi* de realidade. E é porque se refere à própria realidade: “Fenómenos naturais, paisagem, sentimentos, factos, desejos de explicação, costumes, problemas humanos, etc” (Cândido, 2012, p. 83) que ela não se pode desprender do real. E através desta ligação, entre fantasia e realidade, podemos entender a verdadeira função da Literatura, principalmente a de satisfazer algumas das nossas necessidades relacionadas com a *ficção* e de contribuir para nos proporcionar múltiplas sensações (Cândido, 2012).

Podemos compreender que definir a Literatura não é uma tarefa fácil e que engloba diversas aceções, de vários autores que tentam chegar a um conceito, delimitando-a; porém é praticamente impossível delimitá-la, impondo quaisquer limites e retirando toda a sua liberdade. Segundo Chiaramonte (2012) para alguns escritores a arte literária é usada para fins estéticos, isto é, a arte pela arte. No entanto, para outros escritores, encontraram na Literatura uma forma de alertar e despertar a consciência da sociedade para a realidade através

da criação de um pacto com o leitor, de modo a que através da Literatura se despertassem comportamentos (Chiaramonte, 2012). Muitos escritores viram também na Literatura uma forma de expressão aos sentimentos, e de retratar a realidade, onde o leitor é transportado conhecendo e aprendendo essas diferentes realidades, fruto dos contextos que experimenta aquando da leitura (Chiaramonte, 2012).

A linguagem da Literatura é conotativa. “A linguagem literária é conotativa, isto é, ela está para além do significado estrito ou literal de uma palavra, frase ou conceito” (Chiaramonte, 2012, p. 20). A linguagem conotativa sugere a interpretação do leitor a determinada palavra, não no sentido exato que a palavra significa, mas, às possíveis interpretações que ela sugere (Chiaramonte, 2012). Também não podemos deixar de referir a função estética da Literatura, a opção do escritor por utilizar determinada palavra (Chiaramonte, 2012). Segundo Chiaramonte (2012), a beleza de um texto literário está precisamente nessa escolha. O leitor terá que, analisar as palavras no seu contexto, o contexto que o autor lhes atribuiu, o que consiste na função mais importante do texto literário. Assim, “dizer que a literatura é inútil para a vida é sinal de que não compreenderam os sentimentos humanos nos textos” (Chiaramonte, 2012, p. 23). Através desta tentativa de definir a Literatura, as suas características tornam-se um pouco mais evidentes. Ou seja, “a leitura é muito mais do que decifrar palavras. Ler é imergir no universo literário e comprometer-se com o mundo real” (Chiaramonte, 2012, p. 23).

2.2.2. Turismo Literário

O Turismo Literário existe desde o aparecimento do Turismo, desde que se pensou em sair da “zona de conforto” em prol da educação, de ganhar cultura, como faziam os ilustres no culminar do *Grand Tour*. Sabemos para já, que não é um turismo novo e que, eventualmente, através dos relatos das viagens que

remontam ao período do *Grand Tour*, originou a Literatura de Viagens. Segundo Martins et al. (2009), a literatura de viagens é um subgénero compósito em que a Literatura, a História e a Antropologia, em especial dão as mãos para narrar acontecimentos diversos relativos a viagens.

A temática da *viagem* na Literatura existe desde muito cedo. Mas, referir *Literatura de viagens* e *a viagem* na Literatura são assuntos diversos (Martins et al., 2009). Tendo em conta que o primeiro está associado ao contar, aos relatos de tudo o que englobe o viajar: momentos, histórias, percursos, gostos. O segundo está relacionado com a própria *viagem* como característica da Literatura (Martins et al., 2009). Segundo os autores, a sua componente principal, pode estar associada à viagem das personagens ou, ainda, ao tempo da ação em que a narrativa decorre. A viagem na Literatura sempre existiu, essencialmente entre os séculos XV e XIX. Pois com o aparecimento do Turismo, surgem também outros tipos de textos, acompanhando algumas transformações sociais (Martins et al., 2009).

Ao falar em Turismo Literário deve ser referida também, a importância da Literatura de viagens, pois esta Literatura é tão primitiva como o aparecimento do *Grand Tour*, e coincide com as suas características, como pudemos constatar aquando da explicação do fenómeno do Grand Tour. Como afirma McCarthy (2010, p. 155), “travel writing has existed for as long as people have travelled”.

Se analisarmos essas viagens, da Literatura de Viagens e do Grand Tour, talvez as veremos como os possíveis locais onde se encontram as sementes do turismo literário. Talvez, mesmo antes de ser inventada a definição, esta prática já existia, através dos propósitos das viagens do Grand Tour, e de vários testemunhos de personalidades que a praticavam. Sabe-se que a literatura de viagens remonta ao século XV através do registo de grandes obras. Como afirma Martins et al (2009), a Literatura de viagens foi iniciada em meados do século XV “como subgénero distinto de outros, como o pastoril ou o histórico. A Literatura de viagens em qualquer das suas etapas, apresenta “marcas” linguísticas, literárias e históricas próprias” (Martins et al, 2009, p. 9). Esta última parece-nos

mais antiga, tendo em conta que existem grandes obras que se consideram obras de Literatura de viagens e que remontam para o século XV ou mesmo, algumas, antes desse século. Se os seus registos, segundo Martins et al (2009), remetem para o século XV, então, as práticas de turismo literário também já deveriam existir no século XVII, em Inglaterra, local onde se verificou o aparecimento do *Grand Tour*. A ação de deslocação a um outro país, estaria também associada à Literatura e à educação, o que por sua vez estaria ligada a personalidades importantes e, conseqüentemente poderia englobar diferentes escritores.

Antes de definir o que se entende por Turismo Literário é necessário fazer o enquadramento deste tipo de Turismo, especificando e demonstrando que Turismo e Literatura são duas áreas de estudo aparentemente distintas, mas que se interligam. Se tivermos em conta que o turista pode ser um leitor quando lê sobre os locais que visita, quando lê sobre monumentos para conhecer a sua história, quando lê sobre escritores importantes que viveram num local, e um leitor pode ser um turista, precisamente quando abre um livro, entra na história e começa a vivê-la e a participar nela, então, percebemos que afinal as relações entre estas duas áreas estão bem mais próximas do que imaginámos. De forma a reforçar a ideia mencionada, segue abaixo os seguintes pontos com as características de ambos.

Tabela I – Turismo e Literatura

Turismo	Literatura
➤ É uma viagem;	➤ É uma viagem;
➤ Gosto pela aventura e descoberta de novos lugares;	➤ Gosto pela aventura, pela descoberta de novos enredos, pelas letras, diferentes realidades e lugares;

<ul style="list-style-type: none"> ➤ Novas experiências (impactos culturais e emocionais); 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Novas experiências: é possível experimentar múltiplas sensações (impactos culturais e emocionais);
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Turista - Identificação com os destinos; 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Identificação com os lugares e personagens;
<ul style="list-style-type: none"> ➤ O turismo potencia um lugar, tornando-o um destino autêntico (experimentar um sentimento nunca antes sentido de pertença, sentimento de familiaridade - através de novas culturas: pessoas e do próprio destino; 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Valoriza um lugar/uma personagem, elevando-a na ação – a forma como o leitor se interliga ao enredo e se identifica com as personagens proporciona uma experiência literária autêntica (experimentar um sentimento nunca antes sentido através da Literatura);
<ul style="list-style-type: none"> ➤ O turista/viajante é a peça fundamental do destino. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ O leitor é a peça fundamental da literatura.

Fonte: elaboração própria

Para Mendes (2007), o turismo literário privilegia os lugares e os eventos dos textos ficcionados. Está também relacionado com a vida dos seus autores, fomentando a ligação entre a produção literária e artística de um autor e os turistas que visitam esses locais. Segundo Coutinho et al (2016, p. 48), “o Turismo Literário é uma modalidade recente que tem como pressuposto a atração de turistas que buscam vivenciar sentimentos e emoções gerados por textos literários, extrapolar as limitações da imaginação e visitar fisicamente lugares e paisagens que inspiraram, atuaram como cenário, ou fizeram parte da vida de seus autores preferidos, dentre outros”.

O Turismo Literário é um nicho de mercado que faz parte de um conjunto

de turismos de nicho, onde se inserem por exemplo, o Turismo Cinegético e o Enoturismo, entre outros, que de certa forma rompem com os moldes de turismo tradicionais (Sardo, 2009). “O turismo literário é, pois, . . . uma forma de turismo cuja principal motivação da visita está intimamente relacionada com a Literatura nacional e/ ou internacional” (Sardo, 2009, p. 343). Este tipo de turismo inclui a visita a casas de escritores; a frequência de locais com eles relacionados como, paisagens, cafés, restaurantes, bibliotecas, hotéis (Sardo, 2009). Estes locais representam “locais de peregrinação para o visitante/ turista literário, que procura neles reminiscências para os seus escritos e poetas preferidos” (Sardo, 2009, p. 343). Este tipo de turista “imagina percursos e vive acontecimentos singulares, fazendo acontecer a experiência turística. A procura de lugares reais ou mitificados pelas obras literárias e, ainda, o interesse em conhecer sítios relacionados com personagens ficcionais singulares ou enredos literários” (Sardo, 2009. p. 343).

O Turismo literário está relacionado com a descoberta de lugares, pelas palavras de escritores, que descreveram de uma forma peculiar, cidades, lugares e paisagens, e que apesar do carácter ficcional de uma obra, estão incorporados no património de alguns países (Sardo, 2009). Mas mais do que isso, esta tipologia de turismo engloba práticas de homenagem aos escritores. “But the attention to literary sites was part of a more comprehensive memorial practice dedicated to honoring illustrious men whose intellectual heritage was considered particularly present in the places where they had lived, worked and died” (Hendrix, 2009, p. 14). Esta forma de turismo, segundo Sardo (2009, p. 344), é vista como “uma forma atípica de turismo”, pois para o turista literário é importante os lugares e, principalmente os acontecimentos que envolvem locais específicos, não importando se se trata da realidade ou da ficção. O que sucedeu na obra literária, ou até na vida do escritor é mais importante para este turista, do que a história de um espaço em particular (Sardo, 2009). Este tipo de turismo “faz ressaltar uma visão diferente dos lugares. O leitor, através da leitura, descobre um lugar ficcionado (que percorre como leitor) e procura-o, depois

como sítio real, para e por onde viajará, transformado em leitor-viajante, leitor-visitante ou leitor-turista” (Sardo, 2009, p. 344).

Sardo (2009) destaca a importância da Casa-Museu de escritores como um património fundamental no âmbito do turismo literário. “Para o Turista Literário conhecer a casa do escritor que admira (poder contemplar a mesa onde ele escrevia, observar os seus objetos, percorrer a sua intimidade e deixar-se levar pela atmosfera da criação literária) constitui uma visita inesquecível” (Sardo, 2009, p. 345). Uma aposta nas casas-museus de escritores, como se tem verificado pela Europa incluindo Portugal, constitui uma atração turística bastante forte, pois esta aposta compreende dois tipos de património: literário e arquitetónico (Sardo, 2009). Em França, por exemplo, é notório o número de casas-museus de escritores. Estes sítios combinam uma exposição com várias atividades que contribuem para o conhecimento do visitante (Sardo, 2009) e, portanto, tais atividades ajudam a incentivar o desenvolvimento do turismo literário.

No caso de Portugal, são várias as casas-museus associadas a escritores e outras personalidades. É notório o interesse em preservar o património literário, envolvendo as casas dos escritores, preparando-as para atrações turísticas. A aposta nesta preservação das casas-museus, como é exemplo a casa-museu José Régio, Casa-museu Ferreira de Castro, entre outras, faz de Portugal um País com tradições literárias (Sardo, 2009). Segundo Sardo (2009, p.349) é “importante chamar a atenção para o facto de existirem, em Portugal, potenciais sítios literários dignos de atenção e merecedores de intervenção”. Trata-se de espaços que se encontram situados no centro do país, que apesar de não estarem bem aproveitados, são espaços onde ainda não foram desenvolvidas casas-museus, mas que, funcionam como zonas de ênfase onde se poderia fazer chegar o desenvolvimento do turismo cultural, numa perspectiva literária (Sardo, 2009). Consequentemente, uma aposta no desenvolvimento destes locais é fundamental, e trará impactos económicos para as regiões menos desenvolvidas (Sardo, 2009). Alguns exemplos desses locais são, a casa de

Aquilino Ribeiro, em Soutosa, Moimenta da Beira, e a casa de Virgílio Ferreira, em Melo, Gouveia.

Sardo (2009), cita David Herbet (2001) no sentido de evidenciar as qualidades que o sítio literário deve conter, pois essas qualidades são importantes para a própria promoção turística. O autor fala em “qualidades gerais e excepcionais de um sítio...que constitui o êxito de uma casa-museu” (Herbert 2001, como referido em Sardo, 2009, p. 349). Herbert, relativamente às qualidades excepcionais de um sítio, fala da relação estabelecida com o escritor. Para o autor “o que lhe confere um significado especial e único; a associação a valores afetivos, a nostalgia, à memória e ao simbolismo do local e, ainda, as relações com outros sítios literários” (Sardo, 2009, p. 349). No que respeita às qualidades gerais de um local, o autor considera que estas englobam as atrações turísticas de um local, sendo que será exatamente o balanço entre as características singulares e as genéricas de um sítio que poderá constituir o sucesso turístico de uma casa-museu (Sardo, 2009).

Voltando à definição do Turismo literário, uma visita a um espaço físico envolvendo esta temática, funciona como um complemento da leitura experimentada. Se por um lado, temos a leitura da obra, por outro, a vivência da história da obra num espaço físico. O que fará com que o turista literário reviva intensamente as emoções que experimentou aquando da sua leitura, num lugar (Cândido, 2012). E é exatamente porque toda a ficção tem um “quê” de realidade, que confere uma maior credibilidade à experiência literária e ao espaço a ela associado. Pois, mesmo que uma narrativa ficcional possa estar associada a um espaço, a credibilidade da ficção aumenta, e o leitor deixa-se levar pelas emoções da obra, pelo lugar e pela experiência. Ou seja, constata que, afinal a ficção não é somente ficção (Cândido, 2012).

Relativamente à relação do Turismo literário e às cidades, esta é bem visível, se atendermos a cidades onde grandes escritores são o ícone literário do destino, como é exemplo Dublin, Praga, Londres, Lisboa, entre outros (Henriques e Henriques, 2010). O património literário através do carácter

identitário que possui deve conjugar-se com o turismo cultural através da devida inserção na oferta e na procura (Henriques e Henriques, 2010). (Robinson e Andresen, 2003, como referido em Henriques e Henriques, 2010) referem que, como a Literatura faz parte do Património, ela poderá ser explorada com o objetivo de ser vendida como produto turístico.

Participar num percurso literário contribui segundo Henriques e Henriques, (2010) para ‘sentir’ e ‘compreender’ melhor o livro, uma vez que sentimento e compreensão se podem interpenetrar, mesmo que de forma ténue. O pressuposto é de que ‘sentimento’ pode contribuir para uma maior compreensão do livro e vice-versa. Ou seja, os autores consideram que a referência dos escritores a espaços como cafés, ruas, monumentos, contribuirão não só para uma melhor compreensão do livro, mas principalmente para um maior sentimento em relação ao livro (Henriques e Henriques, 2010). O livro funciona como integrador, cruzando-se com os vários elementos do exterior que se tornam essenciais e que lhe conferem esse maior sentimento (Henriques e Henriques, 2010). A referência dos escritores a elementos “tangíveis e intangíveis”, nos seus textos, faz com que estes possam ser “combinados” de modo a propiciar as designadas “experiências” turísticas “transformadoras” conducentes ao “self development” ou “transformação” (Pine e Gilmore, 1999). Henriques e Henriques (2010) afirmam também que, através das experiências “culturais-criativas-literárias” a literatura poderá desempenhar um papel fulcral no desenvolvimento do Turismo cultural-criativo pois, para além de valorizar a relação do leitor com o texto, a Literatura evidencia a sua ligação para além do texto.

Em relação à oferta da experiência, esta passa pela construção ou reconstrução das cidades a partir da Literatura associada a monumentos, lugares, paisagens, histórias, sentimentos, tradições, contribuindo para a sua valorização (Henriques e Henriques, 2010). Consequentemente, o turismo poderá apoderar-se dos escritores, das suas obras com vista ao desenvolvimento do turismo literário. Poderão ainda ser desenvolvidos, os

festivais, e feiras alusivos à temática (Henriques e Henriques, 2010).

Segundo (Xicatto, 2008, citado em Henriques e Henriques, 2010) interligar o turismo e a literatura torna-se vantajoso no sentido em que caminhamos para a criação de paisagens turístico-literárias, através da imitação da realidade pela literatura. Veja-se o exemplo de duas cidades: Dublin e Lisboa na ótica do desenvolvimento do turismo literário. A cidade de Dublin, encontra-se num estado mais avançado, em relação à cidade de Lisboa, sendo que está associada a vários Prémios Nobel da Literatura. No que concerne aos percursos literários existentes, estes estão devidamente sinalizados, nos devidos Sites, contemplando informações completas acerca dos escritores e respetivas obras (Henriques e Henriques, 2010). Segundo os autores há referências a comemorações “Bloomsday” e “Bloomstime” onde o primeiro associa-se à personagem Ulisses, que passa por fazer o mesmo percurso que Ulisses fez pela cidade, o que atrai leitores de James Joyce de todo o mundo. O segundo envolve teatros, simpósios, exposições, visitas noturnas à cidade, entre outras atividades que fomentam o património literário. Estes itinerários literários deixaram de estar limitados à esfera cultural e passam a abranger o *marketing* turístico na cidade (Henriques e Henriques, 2010). Em contrapartida, Lisboa possui o desenvolvimento do turismo literário em fase de maturação. Uma vez que os itinerários literários que existem são em número reduzido, comprovando-se uma má integração em redes culturais turísticas de visibilidade (Henriques e Henriques, 2010). Segundo Henriques e Henriques (2010) os itinerários associados ao escritor Fernando Pessoa, estão ainda pouco explorados, tendo em conta que aquilo que existe, só atrai uma pequena percentagem da população.

2.2.2.1. O Perfil do Turista Literário

O perfil do turista literário assemelha-se ao perfil do turista do “Grand tour”, pelo conceito de viagem que anteriormente se associava à educação e à

aquisição de conhecimentos literários. O turista literário é um turista instruído ou com algum conhecimento literário que contém o gosto pelo universo literário. É um “amante das letras”, como se costuma dizer; Um aventureiro (por querer “pisar” cenários onde se passaram histórias; curioso (por novas publicações); Experienciador de variadas emoções; ansioso (anseia por encontrar e perder-se no livro, na história - evasão da sua própria realidade).

O turista literário é, de certa forma, um turista jovem, pelo facto de os jovens serem os grandes espetadores das séries e filmes. Pode-se dizer que eles são, em maior número, o público-alvo deste tipo de turismo. Em menor escala, podemos englobar o turista com idade entre os 40 e os 60 anos. Se tivermos em conta que, está “na moda” manter-se atualizado no que diz respeito às séries mais famosas, haverá sempre uma pequena percentagem dessa população (40-60 anos) interessada em acompanhar estas novas tendências, relativamente às novidades cinematográficas. Este turista é, na sua maioria, instruído, dada a importância do ser “cultus” hoje em dia.

Na sociedade moderna, sabemos que fazer uma viagem é ótimo para o prestígio. Mas, fazer uma viagem e ainda poder ganhar alguma cultura, aprendendo sobre um local, é ainda mais valorizado. Segundo Barretto (2007), o turismo pode ser considerado uma necessidade social, quando uma pessoa entende que deve viajar devido ao *status* e com o propósito de ser estimada pelo grupo. É um turista contemporâneo e por isso, instruído. Será ainda mais exigente no destino que escolherá para a sua viagem, porque é um turista que está informado sobre aquilo que existe, em termos de oferta. Estas características definem uma parte deste turista contemporâneo, que também é o chamado de “novo turista” de que tanto se fala. Este turista irá procurar uma experiência autêntica, algo que se distinga de ofertas tradicionais, e o turismo literário, neste caso, poderá ser a alternativa perfeita. O turismo literário, como novo produto em ascensão, poderá ir de encontro às necessidades deste turista particular- que procura uma verdadeira experiência para posteriormente a poder “contar”, aos familiares, aos amigos, demonstrando-a através de testemunhos pessoais

(fotos, comentários críticos) nas redes sociais (facebook, instagram, twitter) essa experiência.

Por outro lado, este “novo turista” aquando da sua pesquisa pelo produto diferenciador, buscará normalmente algo associado a uma experiência anterior. Neste caso, podemos associar, como exemplo, a leitura de um livro ou mesmo a assistência a um filme que o tenha marcado. O que fará com que, futuras experiências estejam associadas a anteriores. Segundo Sardo (2009, p. 342), “o turista literário corresponde a um tipo de turista específico, um turista muito mais exigente a vários níveis, como, por exemplo, no que respeita às questões da autenticidade do local”. Ou seja, é um turista que procura, essencialmente, experiências que não se podem realizar no dia-a-dia normal (Sardo, 2009). Este turista, tanto pode ser um fã incondicional de livros, leituras e histórias, como pode odiar ler, e, fascinar-se pelos conteúdos imagéticos de um filme, baseado numa obra literária. Segundo o autor, é um turista influenciado pelas vantagens e benefícios que a literatura possui. É também um turista que se interroga sobre aspetos particulares dos escritores e as obras que lê, questionando o porquê de o escritor “descrever um determinado sítio de uma dada maneira, em que fase da sua vida estaria, quando criou uma determinada personagem ou se ele se revê nessa personagem” (Sardo, 2009, p. 341). Ao turista literário interessa sobretudo os pormenores que escapam ao leitor que lê só por ler (Sardo, 2009).

2.2.2.2. Motivações do Turismo Literário

As motivações do turismo literário estão relacionadas com as emoções, com a tal “revivência de emoções” para tal é importante perceber como a questão do “reviver sentimentos” – (que é a principal motivação desta tipologia de turismo) pode influenciar a escolha por este tipo de turismo em alternativa a outros tipos de turismo. Trata-se de um tipo de turismo que representa uma forma alternativa de férias, onde as novelas e os romances podem substituir os guias de turismo, através da literatura, faz ressaltar uma visão diferente dos lugares (Sardo, 2009). A autora refere que as motivações, que atraem as pessoas aos

sítios literários, assim como o perfil do turista literário português, estão, ainda, pouco estudados em Portugal. O mesmo não acontece em diversos países da Europa, onde se têm vindo a realizar vários estudos referentes ao perfil e motivações do turista literário.

O turista literário tem como principal motivação, a vontade de reviver emoções, emoções essas que experimentou aquando de uma experiência literária. Essa vontade está relacionada com o facto de o indivíduo sentir a necessidade de tornar essa mesma experiência real. Associando-a a um espaço físico, de modo a que a literatura não esteja apenas interligada a algo fictício, acrescentando-lhe credibilidade, fazendo alusão a um determinado espaço, que esteja intimamente ligado á obra literária (Sardo, 2009; Coutinho et al, 2016).

Sardo (2009) faz referência a um estudo realizado por Herbert (1996), onde estão presentes as principais razões de visita aos sítios literários. Constitui o conjunto de motivações deste turismo, “o interesse pela vida pessoal do autor; o interesse não só pela vida do autor, mas, também, pelas suas obras e pelo seu imaginário;” (Herbert 1996, referido em Sardo, 2009, p. 342). É de realçar também a “conexão com o escritor ou com as suas obras, que evocam memórias de infância e de nostalgia;” (Herbert 1996, referido em Sardo, 2009, p. 342). E, finalmente, “a atração pelo local em si, uma vez que, frequentemente, os sítios literários são lugares muito aprazíveis, privilegiados, porque associados a paisagens deslumbrantes” (Herbert 1996, referido em Sardo, 2009, p. 342). Existem ainda outras razões descritas “como a atração por um acontecimento trágico na vida do escritor ou a visita ao local por uma mera conveniência geográfica, ou seja, porque o lugar se encontra no caminho que o turista percorre ou perto de um outro itinerário mais abrangente” (Herbert 1996, referido em Sardo, 2009, p. 342).

Como sabemos a principal motivação deste tipo de turismo é a própria literatura e todas as suas vantagens, tendo em conta os benefícios que ela possui, por exemplo: segundo uma notícia datada de dezasseis de Fevereiro de dois mil e quinze, *a ciência mostra os benefícios que a literatura produz no*

cérebro e segundo o *The Guardian*, um estudo da Universidade de *Emory* analisou os cérebros dos leitores de ficção literária e comparou-os com o de outras pessoas que não leram este tipo de livros. O cérebro dos leitores que leram, por exemplo, o livro *Pompeii*, de Robert Harris, durante um período de nove dias mostraram muito mais atividade em determinadas áreas do que os daqueles que não leram. Os investigadores descobriram conectividade intensificada no córtex temporal esquerdo, a parte do cérebro associada a compreensão da linguagem. Na pesquisa foi possível descobrir maior conectividade no sulco central do cérebro, a região sensorial primária. Os psicólogos David Comer Kidd e Emanuele Castano provaram que a leitura de ficção literária aumenta a capacidade de deter e compreender as emoções das pessoas, o que proporciona que façam amizades com mais facilidade por serem mais conscientes das emoções dos outros (Amorim, 2015).

Como podemos entender, a literatura possui diversas vantagens, por isso, existem inúmeros pontos que estão na base das motivações do turista literário. A literatura abre caminho para o campo das hipóteses, no sentido em que, através da visita a um espaço real será possível imaginar possíveis cenários. Ao visitarmos a casa de um escritor: “mais relevante do que a realidade é a ficção ou, seja, a realidade ficcionada, não apenas o que aconteceu naquela casa, mas também o que poderia ter acontecido” (Sardo, 2009, p. 345).

Sabemos que a motivação turística pode ser composta de dois fatores: *push* e *pull*. Os fatores *push* compreendem a necessidade que o turista tem em sair do seu ambiente, conhecer outras realidades e que explicam a vontade de viajar. São regidos por forças internas, que englobam as razões que levam o turista a querer adquirir novas experiências turísticas. Não obstante, os fatores *pull* estão associados aos atributos do destino turístico, o que atrai o turista e o move até determinado local, fazendo com que determinem a sua escolha. Está relacionado a forças externas ao turista, principalmente com as características de um lugar, atribuindo-lhe prestígio (Dias, 2009, referido em Fernandes, 2016, p. 16).

Damásio (1998) concluiu que a tomada de decisão recorre também à emoção. Através do marcador somático, mecanismo automatizado, podemos compreender o papel das emoções na tomada de decisão, pois se fosse apenas a razão a participar nos processos de decisão, seria muito complicado tomar uma decisão (Damásio, 1998). Segundo Damásio (1998), existem dois processos de tomada de decisão, por raciocínio (avaliação da decisão, levantamentos das ações possíveis, comparações lógicas); por emoção (ativação de experiências emocionais, já vividas em situações semelhantes.) O córtex cerebral apoia-se nas emoções para decidir, isto é, os marcadores somáticos informam o córtex sobre decisões a tomar (Damásio, 1998). Ainda segundo Damásio (1998) o nosso pensamento tem necessidade das emoções para ser eficaz. Sem emoções ficaríamos impossibilitados de fazer as escolhas mais simples. Portanto, a razão precisa das emoções para tomar decisões eficazes. Esta explicação leva-nos a entender o que está subjacente no momento da escolha. No que concerne ao turismo literário entendemos a ligação que a literatura possui com as emoções. É uma mais-valia um destino literário “jogar” com emoções, pois, se nas motivações turísticas, as emoções encontram-se em confronto através dos fatores *push* e *pull*, optar por um produto deste género (proporcionador de emoções), será mais tentador, para um turista que tenha de realizar uma escolha, no meio da oferta existente. Então, se num processo de escolha de um destino, ou de um pacote turístico o papel das emoções está presente, mais facilmente o turista optará por um produto deste género. Um destino literário irá “jogar” com as emoções do turista, interferindo no seu processo de escolha.

2.2.2.3. Turismo Cinematográfico

O Turismo literário engloba outra questão essencial, para entendermos a sua dimensão. A importância do cinema está interligada ao turismo literário, se tivermos em conta aquilo que o cinema nos transmite. Segundo Hayata e Madril (2012) os filmes são utilizados, cada vez mais, por professores, como material

didático, em aulas de História, literatura, psicologia, entre outras, com o objetivo de “passar uma mensagem”, ou ilustrar numa aula, um momento histórico, um romance filmado, estudos de comportamento, ou biografias. “Os filmes têm, contudo, capacidades, provavelmente como mais nenhum outro meio audiovisual, de captar, popularizar e relacionar certos lugares com certas características sejam elas culturais ou sociais, construindo ideias sobre o território que depois podem ser assumidas pelas pessoas que vêm os filmes, mesmo quando não correspondem à “verdadeira” realidade territorial” (Almeida et al., 2009, p. 354). O turismo cinematográfico assemelha-se ao turismo literário pelas suas características, o primeiro está relacionado com a imagem que nos chega e que é automaticamente interpretada por nós, com o impacto que essas imagens terão no espectador, e o segundo com a imagem que o leitor constrói na sua mente.

Hayata e Madril (2012, p. 49) referem que existe uma definição para os turistas que servem como pano de fundo de filmes, os *set jettors* “Turista que visita um determinado lugar porque foi destaque em um livro ou filme”. Tal facto está relacionado com os sucessos do cinema e da televisão, pois o turista quer viver as emoções, dos cenários retratados (Hayata e Madril, 2012). Assim, “tal como na literatura, o cinema pode dar significado a um determinado lugar e aumentar-lhe a popularidade tornando-o mais apetecível para ser visitado” (Almeida et al., 2009, p. 358).

O *boom* de imagens que nos chega todos os dias, contribuiu para que o poder da imagem tivesse um impacto maior, pois segundo Almeida et al., (2009, p. 335) a nossa “cultura contemporânea é cada vez mais uma cultura visual”. A televisão e o cinema permitiram compilar uma série de informação, fazendo-a chegar mais facilmente à população enquanto antes estava apenas ao alcance a quem tinha acesso a leituras (Almeida et al., 2009). Os filmes cada vez mais surgem como adaptação das obras literárias, o que faz com que a vontade do espetador que se interesse por algum filme em particular, ou que tenha gostado da história, queira ler a obra. Note-se que a obra contém a particularidade de

estar mais completa, mais pormenorizada, e descritiva, enquanto se um filme passar das três horas, já se torna bastante extenso, e por isso, na maior parte das vezes, a literatura é a alternativa ao cinema. Isto, claro, sem falar da quantidade de pessoas que viram o filme “O Senhor dos anéis” ou o *Harry Potter*, e preferiram, na sua maioria a obra literária, no lugar da versão cinematográfica. Reforçando que para além das potencialidades do turismo cinematográfico, a Literatura sai, na maioria dos casos, vencedora. Apesar de existirem elos de ligação, entre estes dois tipos de turismo, nomeadamente, o facto de podermos viajar, quando vemos um filme, tal e qual a literatura, viajamos através das palavras que estão descritas na obra. No primeiro temos as imagens, onde a literatura compete com a imagem no sentido em que nos fornece as palavras e nos dá a liberdade de interpretação e, nesse sentido, de criarmos as nossas próprias imagens. Pois, através das características do cinema e da literatura é possível conhecer locais sem viajar. A primeira através dos sistemas de comunicação. A segunda através das palavras, da narrativa, da obra literária, tendo esta uma tarefa mais difícil em relação ao cinema, que por si só já possui a imagem. Porém, o cinema impulsiona a própria literatura, na medida em que após a estreia de um filme, a venda de determinado livro tende a aumentar.

As imagens que aparecem nos filmes, muitas vezes, suscitam no espetador a vontade de vê-las ao vivo, sentir a realidade do lugar, principalmente quando se trata de paisagens (Almeida et al., 2009). A popularidade dos locais de destinos turísticos, é cada vez mais fácil de ser concretizada, dada a divulgação excessiva da imagem e conseqüentemente, das suas imagens dinâmicas, através dos videojogos, entre outras imagens recriadas com um propósito específico (Almeida et al., 2009). Os filmes exibidos são potencializadores de determinado destino, no caso d’ “O Senhor dos anéis”, por exemplo, a sua rodagem e produção foram feitas na Nova Zelândia. A partir daí, ela nunca mais foi a mesma (Almeida et al., 2009). Isto também serviu para que, o próprio turismo literário pudesse vingar. Visitar estes cenários onde foram filmadas as ações, onde se concentraram as histórias, onde as personagens

caminharam, para além de ser um local onde se filmaram as cenas, é um espaço onde decorreram as ações das personagens, e é por isso mesmo que o turista literário irá pisar este solo.

Uma obra literária está associada a um espaço real ou imaginário (que pode ser adaptado à realidade consoante as suas características, mencionadas na obra), quer pela ação onde decorre, quer pelo relato de um escritor num local, quer pelo seu local de nascimento e, ou simplesmente pelo facto de uma personagem mencionar determinado lugar. Através desta associação, a própria obra literária funciona como uma espécie de ícone literário de um destino turístico, potenciando-o. Ela acaba por ser a “face” do destino turístico. Veja-se o exemplo dos dez livros, mais vendidos de todos os tempos, segundo a revista “Bula” *Dom Quixote- (Espanha-Madrid) estimando-se que tenha vendido cerca de 500/600 milhões de cópias; O conde de monte cristo (França) 200/250 milhões de cópias; Um conto de duas cidades (Inglaterra) 180 e 250 milhões de cópias; O pequeno príncipe (França - Lyon) 150 e 180 milhões de cópias; O senhor dos anéis (Inglaterra) 150 e 170 milhões de cópias; Harry Potter e a pedra filosofal (Inglaterra) 110 e 130 milhões de cópias; O caso dos dez negrinhos (Reino Unido) 90 e 120 milhões de cópias; O sonho da câmara vermelha (China) 80 e 100 milhões de cópias; O leão, a feiticeira e o guarda-roupa: As crónicas de Nárnia (Reino Unido) 75 e 90 milhões de cópias; Ela, a feiticeira (Reino Unido) 70 e 80 milhões de cópias;*

O turismo cinematográfico acaba, de certa forma, por estar interligado ao turismo literário devido às suas características. Se por um lado, temos as filmagens de um filme num local, por outro lado, iremos ter nesse mesmo local, a imagem que o leitor criou das personagens que deram vida às obras literárias. Não esquecendo que, em muitos casos o cinema é adaptado da literatura.

A visita de um turista, a um determinado local pode estar única e exclusivamente, relacionada, com o facto desse lugar ter servido de cenário, para a realização de um filme ou mesmo ter inspirado, uma personagem ou até um autor. O artigo “Cinema e Turismo”, das autoras Henriques e Henriques

(2010), apresenta-nos “exemplos de alguns roteiros turísticos com bases em produções cinematográficas” é o caso de *O Diabo veste Prada* associado a Paris, França; *Mamma Mia* associado à Grécia; *Austrália* associado à própria Austrália; Pontes de Madison County associado a Iowa, E.U.A. (cidade património mundial da Literatura aclamada pela UNESCO, 2010); *Ratatouille* associado a França – Paris; *Harry Potter* associado ao Reino Unido, Inglaterra, o mesmo acontece com a Literatura.

Lugares que serviram de cenário para as novelas, ou mesmo, por onde passaram escritores, ou casas onde viveram, constituem um ponto de aposta para desenvolver o turismo literário, como é o caso de Dublin, em que está associada ao escritor James Joyce. Muitos procuram seguir os passos do escritor e olhar a cidade, sob a sua perspetiva. O escritor escreveu a maior parte das suas obras, sobre Dublin e as personagens criadas por ele, remetem, para as suas tradições *dublinescas*: “Sempre escrevo sobre Dublin, porque se posso chegar ao coração de Dublin, posso chegar ao coração de todas as cidades do mundo” (<https://www.epochtimes.com.br/dublin-cidadeescritores/#.WbnCQbKGPZ5>, acesso a 31-8-2017). Mas o escritor não é o único que nasceu na cidade, mais escritores que, ou nasceram em Dublin, ou adotaram a cidade como o local para o desenvolvimento das suas produções literárias, como é o caso de: Jonathan Swift (*As viagens de Gulliver*); Oscar Wilde (*O Retrato de Dorian Grey*), George Bernard Shaw (*Pigmalião*), Willian Yeats (*O Crepúsculo Celta*), Brendan Behan (*Confissões de um Irlandês Rebelde*), Sean O’ Casey (*Pinturas num Vestíbulo*) e Samuel Beckett (*Os Dias Felizes*); todos iniciaram suas jornadas literárias lá.” Dublin é o exemplo perfeito, da cidade literária perfeita. Para além de Dublin, existem muitos mais escritores que são, por assim dizer, a “imagem” do destino, incutindo-lhe a marca literária e, dessa forma, tornando o destino apelativo ao turista que tem o gosto pelas letras. É o caso de William Shakespeare (Inglaterra), Jean Paul Sartre (França), Bertold Brecht (Alemanha), Leo Tolstoy (Rússia), JK Rowling (Escócia), Pablo Neruda (Chile). Também associado á cidade de Lisboa temos o escritor Fernando

Pessoa, Luís Vaz de Camões, Eça de Queiroz, entre outros. Apesar de existirem alguns roteiros literários, quer em Lisboa, ou em Leiria (baseado na obra “O Crime do Padre Amaro” de Eça de Queiroz) este tipo de turismo compreende múltiplas potencialidades, principalmente na cidade de Évora, como iremos constatar.

2.3. Turismo e Museus

De forma a analisar o contributo dos museus no desenvolvimento do Turismo Local, é importante que se perceba o conceito de museu, no que respeita à sua área de estudo, a Museologia e o seu papel na sociedade. É necessário saber defini-la, atendendo ao que envolve uma unidade museológica. Sabemos que a “Museologia estuda os métodos e as técnicas apropriadas para recolher, para classificar, para conservar e para os exhibir” (Trindade, 1993, p. 17).

Contribuem para o desenvolvimento intelectual do homem e para a difusão dos conhecimentos humanos (Lei-quadro dos museus Portugueses, lei nº 47 (2004). Segundo a Lei-Quadro dos museus portugueses (2004), consideram-se museus as instituições que cumpram as funções museológicas previstas nesta lei para o museu. São instituições sem fins lucrativos e de carácter permanente, onde se guardam e exibem coleções de objetos de interesse artístico, cultural, científico, histórico, entre outros, procurando dar o seu contributo para o desenvolvimento da sociedade nos seus vários níveis. As suas funções são várias, e delas podem destacar-se pela sua importância: i) o estudo e investigação; ii) a incorporação; iii) o inventário e documentação; iv) a conservação; v) a segurança; vi) a interpretação e exposição; e ainda, vii) a educação (Lei-Quadro dos Museus Portugueses, 2004).

É necessário que um museu passe pelo processo de credenciação, ou seja, de avaliação e de reconhecimento da sua qualidade técnica; de verificação do cumprimento de todas as funções museológicas expressas na Lei-quadro dos

museus portugueses, para que depois possa ser integrado na Rede Portuguesa de Museus que conta já com 149 unidades museológicas (lei-quadro n.º 47, 2004).

Em Portugal existe uma vasta variedade de património museológico que se encontra tutelada sob a responsabilidade de várias entidades públicas e privadas (Nabais, 1993). Ainda segundo a mesma autora algumas organizações que reuniram objetos culturais, não deveriam utilizar a definição de museu, pois não cumpriam os requisitos para formar uma estrutura museal, contendo apenas algumas coleções. Não cumpriam as funções essenciais de um museu, “recolha, inventário e registo, conservação, investigação, divulgação, ação cultural e educativa” (Nabais, 1993, p. 65). A autora sublinha que hoje assiste-se a um forte desenvolvimento museológico devido à qualidade do património que Portugal possui. O que compreende o envolvimento da comunidade, autarquias e empresas que auxiliam na preservação da cultura, investigações científicas e a aposta na formação de especialistas pelas Universidades (Nabais, 1993).

Segundo Nabais (1993) no início da década de 80 a museologia beneficiou de uma série de alterações benéficas para o seu desenvolvimento. “Novas práticas museológicas, alargamento do conceito de património museológico, renovação e criação de novos museus” (Nabais, 1993, p. 66). Um museu não se limita ao espaço que recebe os objetos, mas sim, influencia também o território onde está situado. Esta autora refere ainda que é importante um museu renovar-se, pois deste modo, acompanhará o desenvolvimento da sociedade, cada vez mais crítica, respondendo às suas expectativas.

Existem várias áreas de atuação nos museus, na área do património cultural imaterial⁴ atua-se em pelo menos três áreas: como catalisador, intermediário e como espaço em si mesmo (Carvalho, 2011). No papel de

⁴ Património Cultural Imaterial- Entende-se por “património cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural (Artigo 2º; convenção para a salvaguarda do PCI; Unesco).

catalisador, deve proporcionar uma reflexão da comunidade e a sua mobilização, no sentido de sensibilizá-las para a importância da preservação do património (Carvalho, 2011). Assim, “pode caber ao museu a tarefa de informar sobre as possibilidades de desenvolver estratégias de salvaguarda (ex. Inventários, sistemas de transmissão)” (Carvalho, 2011, p. 125). Saber explorar o património cultural imaterial é também uma mais-valia para o desenvolvimento local, através de atividades promovidas pelo museu, pelo serviço educativo e da divulgação de informação *online*, fazendo chegar a informação mais facilmente à comunidade (Carvalho, 2011).

Segundo Carvalho (2011, p. 125) “os museus podem criar eventos especiais (ex. festivais) juntamente com as comunidades, que possam funcionar como instrumentos favoráveis à defesa e salvaguarda do seu património”. A autora refere que como intermediário, o museu pode desenvolver atividades com o objetivo de apoiar projetos de salvaguarda, pois a comunidade deve contribuir para a valorização do seu património. Consequentemente o museu tem de promover estes laços, comunidade, museu e património, apoiando projetos de salvaguarda do património existente (Carvalho, 2011). Para Carvalho (2011) referente à área expositiva, já são vários os museus que disponibilizam espaços para as comunidades apresentarem as suas próprias exposições. O que permite, desta forma, que “as comunidades possam apresentar e valorizar o seu património...para além disso o museu pode ser um local de encontro destas comunidades, um espaço de aprendizagem e transmissão de saberes” (Carvalho, 2011, p. 126).

O museu deve atuar sobretudo, como local de transmissão de conhecimento. Como refere Dana (1917, p. 25), “the museum as the Teacher and Advertiser”. Neste contexto, existem duas coisas essenciais que, segundo o autor, podem manter um museu vivo, *teach* e *advertise*. A importância do museu como espaço de conhecimento poderá ser aliada às escolas e universidades. Um museu, devidamente organizado, tem muito mais a dar à comunidade do que os quadros que contém (Dana, 1917). É de realçar os poderes que um

museu contém como afirma Low (1947, p.30) “which are of the utmost importance in any war of ideologies”. Os museus têm o poder de: fazer ver a verdade/ realidade; fazer reconhecer a importância do individual e a função de tornar as mentes sãs, “happy and healthy” (Low, 1947, p. 30). Um museu como proporcionador de experiências deve ser activo, estabelecendo com o consumidor uma relação de confiança, interagindo explicitamente ou implicitamente com o visitante que o procura (Low, 1947).

No que integra a constituição de um museu, este deve conter na sua base, uma coleção de objetos, independentemente de serem de natureza artística, arqueológica, etnográfica, científica, tecnológica (Gil, 1993). Todavia o autor realça que essa coleção não deve ser uma coleção reunida ao acaso ou ao gosto particular do colecionador, mas sim de acordo com uma organização de ideias em função dos objetos, através de programas que englobam as competências do museu, para que, deste modo, os objetos possam transmitir uma mensagem cultural (Gil, 1993). Neste contexto as competências do museu passam pela organização/ reorganização das peças para “que os objetos, para além do seu valor intrínseco transmitam – por si só ou em conjunto com outros – informações ligadas à história, ao ambiente social, à economia, ao progresso tecnológico, etc, da época a que respeitam” (Gil, 1993, p. 79).

Como constatamos, a função de um museu é mais do que proporcionar experiências e, por isso, torna-se importante a sua renovação e reorganização, de modo a atender à necessidade do visitante e acompanhar o desenvolvimento social de uma comunidade. Segundo o London’s Victoria and Albert Museu, como citado por Panero (2016) the museum of the future will finally be a café with “art on the side”. Atualmente, os museus encontram-se em constante adaptação dos seus espaços, o que se torna uma mais-valia para o desenvolvimento do turismo criativo, permitindo por sua vez ao turista a oportunidade de observar, experienciar e aprender (Santos e Marujo, 2014). Contêm, segundo as autoras, um papel de relevo na promoção e desenvolvimento do turismo, preservando a identidade cultural de uma

sociedade. Estreita deste modo a relação dos jovens com a cultura e história do passado. Estão inseridos dentro do turismo cultural e representam, uma atração para os turistas. (Santos e Marujo, 2014).

Os museus são, cada vez mais, trabalhados para o setor do turismo, numa perspectiva de oferecer ao visitante uma experiência singular. O museu é um local onde os turistas adquirem conhecimento acerca dos hábitos e costumes de uma determinada sociedade (Santos e Marujo, 2014). Quanto maior for a compreensão sobre a cultura, a curiosidade dos visitantes sobre a história e tradições aumenta, havendo uma imensa procura pela descoberta de algo novo e não apenas o que já conhecem ou conheceram em tempos antigos. Os turistas ambicionam cada vez mais novas experiências turísticas (Santos e Marujo, 2014).

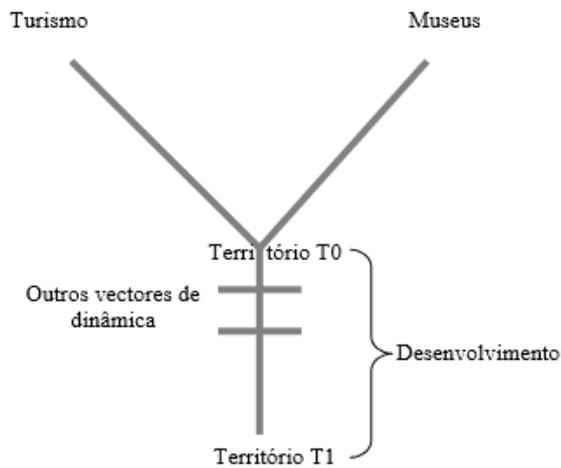
Denote-se a ligação entre estas duas áreas, museu e turismo, como explica (Santos 2012, como referido em Santos e Marujo, 2014), o museu necessita de públicos e o turismo de garantir a sustentabilidade cultural para que possa incentivar esses mesmos públicos. Segundo Gonçalves (citada em Santos e Marujo, 2014, p.4) “os museus e o turismo abordam duas perspectivas: uma primeira segundo a qual o museu integra ofertas que pelo seu valor e simbolismo atraem turistas à sua visita e uma outra, que se coloca do lado do turista como indivíduo que exige e que tem necessidades e expectativas que procura preencher na visita ao museu” (Gonçalves, 2012 como referido em Santos e Marujo, 2014, p. 4). Segundo Santos e Marujo (2014), Évora é denominada como a “cidade museu”, atrai visitantes e turistas ao longo de todo o ano. Os museus de Évora não estão na base das primeiras motivações para os turistas que visitam a cidade funcionam sim, como uma oferta complementar ao turismo cultural (Santos e Marujo, 2014). No turismo é necessário, os museus fornecerem informação cultural aos visitantes de forma a saciar a sua curiosidade sobre a cultura local e desta forma atrair mais turistas. O património cultural pode ser considerado como uma fonte de desenvolvimento da oferta turística (Castro, 2013). Segundo Castro (2013) os museus possuem um

potencial de atração turística, são parceiros do desenvolvimento do turismo cultural e contribuem para captar novos públicos a este tipo de turismo. Possibilita a valorização das identidades locais, para o financiamento de projetos museológicos, bem como atividades de conservação e restauro. Auxiliando assim, o desenvolvimento do turismo local (Castro, 2013).

Castro (2013) refere que se a museologia e o turismo expandirem as suas funções culturais, o primeiro tornando-se mais interativo e o segundo incidindo na preservação e promoção da integração cultural, ambos contribuem para beneficiar as duas áreas, impulsionando por sua vez o Turismo cultural (Castro, 2013). Castro (2013) expõe a relação entre os Museus e os centros culturais de uma forma realista, afirmando que nestas duas áreas existem algumas problemáticas que impedem a colaboração no desenvolvimento local. “Neste aspecto, um dos conflitos localiza-se exatamente nos museus, cujos acervos têm valores sociais e intrínsecos, e cuja função precípua é preservar, independentemente de qualquer outra atividade externa ou geradora de recursos” (Castro, 2013, p. 6).

Através do estudo de Santos e Marujo (2014) acerca dos *espaços museológicos na promoção do destino Évora* é possível constatar que existe uma relação entre museus e turismo, mas que se essas áreas forem correlacionadas em prol do Turismo cultural, tanto o visitante como a comunidade irão beneficiar. Durante o estudo realizado foi verificada a falta de sinalética e a informação interna para os visitantes no museu de Évora (Santos e Marujo, 2014). Este mesmo estudo vem constatar também, que o desempenho dos diretores dos museus e núcleos é essencial na organização e promoção do espaço, em termos do papel da oferta de uma unidade museológica.

Figura I – Relação entre museu, turismo e território



Fonte: *Moreira, (2008).*

Segundo Moreira (2008) o Turismo e os Museus constituem as forças principais que atuarão diretamente sob o território, influenciando desse modo, o seu desenvolvimento. Como se pode verificar pela Figura I, o território está no centro, como sendo o principal alvo do impacto provocado pelo Turismo e Museus. Para a compreensão da relação que existe entre Turismo e Museus é de realçar, neste sentido, as várias dinâmicas económicas das quais o Turismo é proporcionador (Moreira, 2008). Segundo Moreira (2008, p. 39) essas dinâmicas incluem “geração de receitas diretas e induzidas através de efeitos multiplicadores sobre outros setores económicos”. Incluem também a geração de emprego e conseqüentemente, influência na qualidade desse mesmo emprego, contribuindo também, para a coleta tributária (Moreira, 2008). No panorama da economia mundial, o Turismo torna-se fundamental na “visibilidade e imagem que através dele os territórios criam ou modificam” (Moreira, 2008, p.

40). Pois, a “face” de um destino turístico é criada pelo próprio Turismo, e é essa “face” que emergirá da competitividade da economia mundial (Moreira, 2008).

Na impossibilidade de citar todos os contributos do Turismo, ficam apenas os exemplos acima referidos. Em contrapartida, os museus estão associados a dinâmicas territoriais, segundo Moreira (2008, p. 41) através de duas formas “uma que se centra fundamentalmente nas condições endógenas de suporte e viabilização do desenvolvimento e outra, de natureza mais exógena ao espaço considerado, que se traduz, sobretudo, pelo aprofundamento dos ganhos relacionais com o exterior”. O Museu atua num plano interno, que passa pela interação com a comunidade, com o intuito de atingir “três efeitos” (Moreira, 2008). O “primeiro efeito” engloba o desenvolvimento da coesão social que incide na transformação de um grupo de pessoas para uma comunidade, (Moreira, 2008) o que por sua vez vem reforçar a identidade territorial, contribuindo para o desenvolvimento de medidas contra os espaços vazios num território, fomentando as funções integradoras de um território (Moreira, 2008). No que aponta ao segundo efeito, Moreira (2008, p. 41) refere que este respeita à: “rememorização, reforço e revalorização social dos saberes específicos e das componentes caracterizadores dos territórios, na dupla óptica da acentuação de factores diferenciadores susceptíveis de originar ganhos de competitividade externa e na da promoção de efeitos sociais centrípetos”. Por último, o museu contribui para a promoção da cultura (Moreira, 2008). Moreira (2008) menciona ainda um plano externo, influenciado pelos museus, relativamente às suas potencialidades e responsabilidades. O reforçar da atratividade turística e os níveis de satisfação em relação à estada, através da qualidade e da autenticidade, no que respeita às experiências proporcionadas (Moreira, 2008).

Um contributo no sentido de identificar e preencher nichos de mercado nos vários setores económicos visíveis através da união da tradição e da inovação (Moreira, 2008). “A criação de um ambiente de empreendedorismo nos territórios, para o qual a autoconfiança e a visão estratégica prospectiva associada a um presente iluminado pelo passado – e orientado pelo futuro - são

peças fundamentais” (Moreira, 2008, p. 41-42). A incidência dos museus, num território, surge sob uma perspectiva, citando as palavras acima mencionadas, “endógena” e “exógena”.

Tal como Santos e Marujo (2014), o autor Moreira (2008) confirma então a relação entre Turismo e Museus, mas por outro lado, reforça que a sua ligação é de natureza distinta. Vejamos: “Cultura/Museus e Turismo/Turismo Cultural, são de natureza hierárquica, enquanto Turismo/Cultura e Museus/Turismo Cultural, são, basicamente, funcionais e de complementaridade” (Moreira, 2008, p. 43). Em forma de conclusão, entendemos que os Museus e o Turismo Cultural funcionam como um complemento de turismo e cultura. E que, a cultura e os museus, deram origem turismo cultural (Moreira, 2008).

Capítulo 3 - Metodologia

Este relatório tem como principais objetivos: i) evidenciar as potencialidades literárias da cidade de Évora, através de uma exploração e descoberta do centro histórico da cidade; e ii) demonstrar, através de uma análise documental escrita que Évora possui um legado literário. Com estes objetivos pretende-se acentuar as potencialidades que a cidade possui e ainda, evidenciar o património literário, a partir das atividades que foram desenvolvidas durante o estágio.

Pretende-se demonstrar de que forma, a criação de atividades relacionadas com a poesia, é uma mais-valia para a constatação da necessidade de uma rota literária em Évora. Mostrar que um bom aproveitamento, a nível de conteúdos da Literatura, pode ser útil pedagogicamente e turisticamente. O primeiro através do cariz educativo, o segundo pela criação de produtos inovadores neste campo. Isto faz com que os espaços turísticos (englobando o património cultural), sejam dinamizados, contribuindo igualmente para a dinamização de um espaço comum.

Deste modo, escolheu-se a utilização de uma análise qualitativa. Refira-se que “a investigação qualitativa surgiu como alternativa ao paradigma positivista e à investigação quantitativa, os quais se mostraram ineficazes para a análise e estudo da subjetividade inerente ao comportamento e à atividade das pessoas e das organizações” (Sousa e Baptista, 2011, p.56).

No sentido de perceber a pertinência da implementação de atividades relacionadas com a poesia em espaços culturais, esta primeira fase da investigação contém primordialmente uma componente de observação. Segundo Godoy (1995, p.27), “a observação tem um papel essencial no estudo de caso. Quando observamos, estamos procurando apreender aparências, eventos e/ ou comportamentos. A observação pode ser de carácter participante ou não-participante”. Neste contexto foi feita uma observação participante e não-

participante. A observação-participante traduz-se pelo envolvimento ativo do investigador em todos os acontecimentos sociais e culturais possíveis, relacionados com a unidade de análise (território, espaço turístico, grupo de turistas, turista, residente, etc.) que definiu para a sua pesquisa (Marujo, 2012). Por outro lado, a observação não-participante define-se “quando o pesquisador atua apenas como espectador atento, temos o que se convencionou chamar de observação não-participante. Baseado nos objetivos da pesquisa e num roteiro de observação, o investigador procura ver e registrar o máximo de ocorrências que interessam ao seu trabalho”(Godoy, 1995, p. 27).

A observação não-participante, compreendeu o período de ida à escola conhecer os alunos que participaram na atividade, foi escolhida de modo a não funcionar o normal funcionamento da aula. Foi essencial neste sentido perceber qual o nível de aprendizagem em que se encontravam, para pôr em prática uma atividade relacionada com a Poesia. Quanto à recolha de dados: essencialmente através das notas de campo, análise documental que integra “.jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios), (...) elementos iconográficos (como, por exemplo, sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes.)” (Godoy, 1995, p. 21-22.). Nesta fase foram realizadas propostas de atividades a serem realizadas para o dia mundial da Poesia. Estas propostas compreenderam, a fase de recolha de dados, através de observação participante (interação com a equipa técnica do Museu e da Igreja do Salvador, local de apresentação dessas atividades) e não-participante,(através do registo de notas de campo, documentos que auxiliassem na dinamização de Museus, subponto da análise teórica-conceitual.) Na observação participante, o observador deixa de ser o espectador do fato que está sendo estudado. Nesse caso, ele se coloca na posição dos outros elementos envolvidos no fenómeno em questão (Godoy, 1995).

A fase da apresentação das atividades integrou uma observação participante, pois serviu para que pudéssemos interagir nas atividades, denotando o interesse, quer do público-infantil, quer da comunidade em geral.

Por outro lado, verificar o entusiasmo das crianças, incutir o gosto pela Literatura, levando-as a pintarem desenhos de poetas ou a escreverem sobre a Literatura, deixando que elas se expressassem livremente para que percebessem a essência da Literatura. Tudo isto foi essencial e ao participarmos com elas, para além de uma relação de empatia, pudemos perceber que elas estavam verdadeiramente interessadas no tema e nas atividades. Para além das atividades conterem uma forte componente pedagógica, as crianças puderam divertir-se, dinamizando e dando vida à Igreja do Salvador, no dia 21 de Março de 2017.

A atividade no Museu de Évora integrou de igual forma, uma observação participante, pois pudemos participar na declamação de poemas e conversar sobre Literatura, usufruindo dos materiais que utilizamos para a sua divulgação e que contribuíram para a caracterização da sala e, ainda, ir para a rua distribuir *flyers* alusivos à temática e blocos de notas. Aqui pudemos ver diretamente, pela abordagem direta, a reação das pessoas, o interesse da população mais velha e da população mais jovem. O trabalho de campo compreendeu uma forte componente prática, no caso das atividades para a sensibilização da Poesia, a caracterização de uma sala para esse fim, onde houve necessidade de analisar, através de registo de notas, e através da assistência a visitas guiadas de forma a entender os seus passos essenciais, os espaços que integram o Museu de Évora.

Por outro lado, na construção do roteiro, a componente prática envolveu um conjunto de registos fotográficos, a deslocação aos locais, de modo a obter esse mesmo registo, a leitura intensiva de documentos, investigação no terreno, onde estavam por exemplo, sediados antigos edifícios mencionados em documentos. Tudo isto serviu para o sucesso da concretização da experiência, com vista à obtenção de conclusões, conforme o objetivo fulcral enunciado neste capítulo.

A informação registada foi sempre confirmada, indo aos locais, através de fotos e documentos posteriormente escritos. As ruas que estavam relacionadas

com cada escritor, foram registadas fotograficamente, assim como: estátuas dos escritores, bustos, casas onde viveram, a Universidade de Évora e todos os pontos importantes que ela contém, o jardim de Évora e alguns dos próprios locais onde pesquisamos as informações relativas aos escritores são edifícios importantes, e por isso, fazem parte do próprio itinerário (como é o caso da Biblioteca Pública de Évora devido às ilustres personalidades que a visitaram: Eça de Queiroz e Florbela Espanca, ela, visitou-a no dia 25 de Março de 1926, assinando o livro de registos como *Florbela Espanca Pereira Lage*, e outras tantas personalidades, como consta no Arquivo Distrital de Évora.). Como a Biblioteca Pública existem outros locais importantes, que se interligam às vivências e histórias dos escritores selecionados. Note-se que no trabalho de campo foram desenvolvidas pesquisas e atividades que se foram tornando experiências literárias.

Existem três pólos cronológicos para a análise de conteúdo, sendo que o terceiro engloba um tratamento dos resultados obtidos e interpretação, em que os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (“falantes”) e válidos (...) (Bardin, 1977). A análise de conteúdo compreende um conjunto de conclusões, ou seja, mesmo que os dados estejam evidenciados no texto, de forma direta, o contexto necessita de ser reconstruído pelo pesquisador, o que acaba por estabelecer alguns limites (Moraes, 1999). E, nessa reconstrução, torna-se impossível incluir todas as condições que envolvem a mensagem a ser transmitida, quer em termos daquilo que precedeu a mensagem, quer em termos de tempo e espaço (Moraes, 1999). Não existem quaisquer limites que delimitem o contexto de uma análise, tal facto dependerá do pesquisador, da disciplina e dos objetivos da investigação, e sobretudo dos materiais que estão a ser analisados (Moraes, 1999).

Através dos vídeos analisados, documentos, observação, participação, criação de atividades, foi possível chegar a conclusões importantes pois, segundo Moraes (1999), uma compreensão dos fundamentos da análise de conteúdo certamente é importante para o analista conseguir tirar o máximo

dessa metodologia. E ainda, compreender sua história, entender os tipos de materiais que possibilita analisar, estando ao mesmo tempo consciente das múltiplas interpretações que uma mensagem sempre possibilita (Moraes, 1999). O que faz com que auxiliem no entendimento de um conjunto de objetivos que uma análise de conteúdo possibilita, principalmente no sentido de explorar as possibilidades deste método de análise (Moraes, 1999).

De modo a melhorar a minha prática profissional, utilizei o paradigma da investigação-ação. Watts (como referido em Coutinho, 2013) evidencia que a investigação-ação corresponde ao método onde os participantes analisam as suas próprias práticas educativas utilizando algumas técnicas de investigação pertinentes à análise da experiência. Desta forma, uma participação ativa em atividades permitiu incutir aos participantes o gosto pela literatura, demonstrando-lhes que o ensino da literatura, é benéfico quer em termos de conhecimento dos autores que envolviam a atividade, quer em termos de interpretação dos textos.

Deste modo, a constatação da pertinência de atividades relacionadas com a poesia em espaços culturais, pelo sucesso das mesmas, vem denotar a importância da sensibilização para atividades deste cariz. A criação de uma Rota Literária evidencia essa importância, promovendo os espaços que a integram, dinamizando-os, dando-lhes vida, através do cariz pedagógico que a Literatura contém. Neste sentido, a ideia de proposta de uma Rota Literária adaptada ao público infantil seria interessante, de acordo com o feedback da atividade realizada. Através das atividades criadas foi possível, analisar a sua importância pedagógica, recorrendo a uma análise documental, que demonstra que torna-se bastante eficaz, ensinar a literatura, visto que ela contribui para estimular a criação. O objetivo deste trabalho é sobretudo demonstrar através da análise documental, do feedback das atividades, de uma observação e análise de conteúdos aqui evidenciados, e do sucesso do roteiro e atividades que Évora necessita de uma intervenção nestas práticas.

Capítulo 4 - Apresentação e descrição das atividades desenvolvidas durante o período de estágio

4.1. Atividades para o Dia Mundial da Poesia

Conforme previsto no plano de estágio, o principal objetivo, oriundo da temática central, Turismo Literário baseava-se em potenciar as questões literárias existentes na cidade de Évora, demonstrando as suas características através de atividades que sensibilizavam a comunidade, englobando-se em um conjunto diversificado de faixas etárias.

As atividades em plano consistiam em criar e desenvolver dinâmicas e atividades literárias, por exemplo, uma atividade para o público-infantil, que compreendeu a sensibilização para a poesia e a elaboração de um poema autobiográfico, a partir de um poema de Bocage e, outra, direcionada à comunidade, que consistiu na criação de um espaço alusivo à comemoração do dia mundial da poesia, no Museu de Évora, através do contacto com algumas obras literárias, conversas literárias e declamação de poesia, entre outras atividades que mencionarei posteriormente. Foi escolhido o dia mundial da poesia, assinalado no dia 21 de março para apresentar essas mesmas atividades. Do dia 1 de fevereiro ao dia 21 de março foram realizadas atividades relacionadas com o dia mundial da poesia. Sendo que no dia 21 realizou-se a apresentação das atividades - no museu de Évora e na igreja do Salvador – estando em constante desenvolvimento ao longo deste estágio.

O estágio delimitou-se em duas fases, a primeira destinada à observação e a segunda, à intervenção. Inicialmente, e na fase da observação, começou-se por reconhecer o espaço envolvente da DRCA lentejo nomeadamente as instalações e toda a equipa técnica, composta, na sua maioria por arquitetos e arqueólogos. Esta observação, ocorrida com base no trabalho de campo que foi baseada na observação às salas, da DRCA lentejo, tal como as do Museu, os espaços interiores e exteriores que o compreendiam e as dinâmicas sobre a

sensibilização para a poesia, que podiam ser executadas, analisando assim, as estratégias, atualmente em decurso e, que se podia reciclar para desenvolver atividades relacionada com a poesia. Em seguida, e após o reconhecimento dos espaços, da equipa técnica e das metodologias que estavam a ser desenvolvidas, que seriam retomadas durante a intervenção, iniciou-se o período de intervenção.

Évora é Poesia, foi este o título escolhido para a apresentação das atividades que partilhavam os objetivos gerais: i) expandir o gosto da poesia nos diferentes agentes da comunidade; e ii) sensibilizar a reflexão em torno da poesia, delimitando a sua importância;

Começamos por idealizar cinco postos, em cada posto existiam atividades alusivas à poesia como por exemplo, o visionamento de um filme alusivo à Poesia, a declamação de poemas, uma espécie de tertúlia numa mesa redonda, onde fosse possível participar em conversas literárias, onde pudessem ser debatidos os desfechos das obras literárias, a interpretação de poesias, pensando sobre os motivos e formas de escrita dos autores através do conhecimento das suas biografias, e ainda, um outro posto, onde era possível criar alguns textos/poemas. Porém, percebemos que no Museu seria inviável fomentar estas atividades, pois não se tornava exequível a sua aplicação no tempo que nos era concedido neste estágio, bem como, pela falta de recursos humanos para colaborar na supervisão de toda a atividade. Estes entraves fizeram com que abandonássemos estas atividades, havendo a necessidade em repensar sobre a proposta inicial.

No desenrolar das novas propostas de atividades elaboramos uma lista de alguns livros, relacionados com a poesia, expondo-os no Museu (ver tabela X – anexo E). Também selecionamos alguns poemas para serem integrados em *flyer*, para serem distribuídos no decorrer das atividades. Foi feito o recrutamento de alguns profissionais que tinham a função de distribuir e declamar os poemas que iam aparecendo nos *flyers*, levando a poesia à comunidade.

Os *flyers* distribuídos continham o poema selecionado, devidamente

identificado com a referência do autor, acompanhada por uma foto do poeta, o título da atividade, a data, e o logótipo das entidades envolvidas na atividade (ver tabela X – anexo D). A acompanhar o *flyer* do dia da Poesia, fizemos blocos de notas, personalizados com o tema da poesia, também para distribuir à população (ver tabela X – anexo B).

Além disso, foi realizado um vídeo para ser projetado durante as atividades. O vídeo estava de acordo com o tema e procurava criar alguma dinâmica na sala da atividade. Para tal, foram seleccionados diversos fragmentos de vídeos existentes na internet com documentários e até, discursos de personalidades importantes na área da Literatura, dos quais destaco o filme de *Florbelá Espanca*, por fazer uma reflexão sobre o papel do “eu” poético, que procuramos incutir aos participantes durante as atividades.

Para a decoração da sala foi feita uma exposição dos livros e de alguns materiais como por exemplo, fotos de escritores, frases sugestivas, escritas nas paredes e claro a projeção do vídeo que criamos. Procuramos dispor estrategicamente os materiais na sala (ver tabela X – anexos E, F, G, H).

Foram também criadas quatro áreas de atividade dentro de uma das salas - sala dos desenhos. Uma das áreas foi destinada à exposição de um conjunto de livros, para que o participante pudesse contactar com alguns desses livros ou mesmo, declamar alguns poemas.

Outra das áreas foi destinada às atividades *Take what you need*, (ver tabela X – anexo G) bem como *Leave what you can*, onde cada participante podia tirar um papel à sorte, onde continha uma palavra, relacionada com Literatura, e com uma necessidade, que qualquer pessoa precisasse naquele momento, como por exemplo, livro, comunicação, musicalidade, confiança eram algumas das palavras que continham os papéis. A dinâmica do *Leave what you can* seguia o mesmo exemplo, mas em vez de se retirar um papel, o desafio era escrever uma palavra aleatória daquilo que estivessem a sentir naquele momento e que estivesse relacionada com a Literatura e, posteriormente colocá-la dentro de uma caixa, onde seriam reunidas todas as palavras escritas pelos

participantes.

Numa das paredes, havia um painel elaborado com papel de cenário, onde estava escrita uma frase de Sophia de Mello Breyner Andresen (ver tabela X – anexo H). Partindo da frase, pedia-se às pessoas que a continuassem escrevendo outras frases, identificando e descrevendo como era a metade das suas próprias almas. Simultaneamente, enquanto algumas pessoas ouviam ou assistiam aos vídeos, outras escreviam no painel ou mesmo a folheavam alguns livros e ainda conversavam e declamavam Poesia, refletindo acerca dela

Relativamente à estratégia de promoção, consistiu na criação de um cartaz que tinha o propósito de divulgar o programa, (ver tabela X – anexo A) sendo afixado em diferentes pontos estratégicos, dos quais saliento a Universidade de Évora, algumas escolas da região, a Praça do Giraldo, o Museu de Évora, o Posto de Turismo, a Câmara Municipal de Évora, e a própria DRCAentejo. Além disto, divulgamos na internet, em algumas redes sociais, como por exemplo o *Facebook* e a página “Cultura em Évora”, uma vez que sabemos que cada vez mais, estes são meios de divulgação poderosos, ainda mais, quando trabalhamos com estas faixas etárias.

Nestas atividades, pensamos também nas crianças, e foi para elas que algumas das atividades foram desenhadas. Ensinamos-lhes em que consistia a poesia, e a literatura, a uma turma da Eb1 de São Mamede. Procuramos desenvolver atividades de índole mais prática procurando sempre fazer a ponte com a teoria, uma vez que a capacidade de concentração das crianças apresenta curtas durações. Além disso, nas visitas realizadas à escola, procuramos enquadrar as nossas propostas, com as atividades que os alunos desenvolviam nas aulas, e que estão previstas nos programas curriculares do 1.º Ciclo do Ensino Básico, divulgados pelo Ministério da Educação, das quais ressaltamos a necessidade de desenvolver o gosto pela escrita, pela leitura e pela compressão de histórias. Aqui consideramos que as nossas atividades podiam ser bastante interessantes, uma vez que existe uma grande variedade de autores de literatura infantil.

Durante algumas das várias atividades que foram desenvolvidas, foi lido o poema autobiográfico de *Bocage*, fazendo uma interpretação coletiva. Foi pedido aos alunos a criação de um poema pessoal, partindo do exemplo que foi anteriormente analisado e declamado.

Os poemas foram recolhidos, baralhados e entregues às coordenadoras da atividade. As estagiárias leram os poemas em voz alta para o grupo e a turma tinha como missão tentar adivinhar o autor de cada poema, pelo que já conhece de cada um dos colegas, até porque a poesia tem muito de nós. Notou-se que houve uma grande adesão à atividade por parte das crianças, o que nos revelou que as atividades estavam bem enquadradas. A atividade acontecia ao som de algumas músicas que procuravam inspirar os alunos, até porque a música é uma forma de poesia. As músicas funcionavam como som ambiente para não distrair os alunos, da atividade principal.

Outra atividade englobou a organização das crianças em grupos, com o objetivo de decorarem um cartaz, onde pudessem representar aquilo que a poesia significava para elas, da forma que mais achassem pertinente. Esta atividade apelou à criatividade, à reflexão e à capacidade de transpôr para o papel aquilo que a poesia lhes transmitia (Cartaz decorado pelas crianças - ver tabela X - anexo C).

No final das atividades, foi distribuída a cada criança um bloco de notas para que pudessem escrever os seus poemas autobiográficos, apelando assim, à escrita dos alunos. Com esta experiência e partilha de aprendizagens, pretendeu-se apelar à criatividade das crianças e sensibilizá-las para a importância da Literatura, fazê-las refletir e ensiná-las a definir alguns conceitos básicos de literatura (ver tabela X – anexo B).

De modo a englobar as atividades desenvolvidas foi criada uma proposta de realização de um livro no Museu de Évora, de forma a compilar estas e futuras atividades, com o objetivo de dar a conhecer a vertente pedagógica que o Museu integra e alguns espaços onde se passaram atividades socioeducativas.

4.2. Criação de um roteiro Literário para Évora

O itinerário encontra-se constituído por 28 pontos, sendo que o ponto de partida é a Praça do Giraldo e o de chegada é o mesmo. O objetivo é que a rota se inicie e finalize no mesmo ponto.

O itinerário engloba um conjunto de pontos, maioritariamente dentro do centro histórico, apesar de existirem alguns que estão fora do mesmo. A lógica do itinerário foi pensada consoante a proximidade dos locais e a facilidade para chegar até eles e também consoante a informação que vai ser abordada ao longo de todo o percurso, de forma devidamente estruturada. Esta rota pode ser adaptado para um dia, (ver tabela XXXIV dos anexos) indo de encontro ao perfil do visitante de Évora que fica na cidade apenas uma noite. Para ser realizado num único dia, a ideia passa por selecionar apenas os pontos mais turísticos, aqueles que, de um modo geral, representam a “face” da cidade e constituem os símbolos mais emblemáticos. Então, o ideal será encurtar o itinerário para 11 pontos, com o intuito de proporcionar uma experiência literária de qualidade aos participantes, num período de tempo mais reduzido.

Duração do percurso: Estimativa de aproximadamente dois dias. O primeiro dia será do ponto nº1 até ao ponto nº 19 e o segundo dia será do ponto nº20 até ao ponto nº28.

Horário

Primeiro dia:

Manhã: encontro previsto às 10h, início às 10h30 na Praça do Giraldo (Ponto n.º 1 ao 9).

Almoço: 12h30 – 14h

Tarde: encontro às 14h também na Praça do Giraldo e termina por volta das 17h30/18h nas Portas de Moura (Ponto n.º 9 ao 19).

Segundo dia:

Manhã: encontro previsto às 10h nas Portas de Moura (Ponto n.º 19 ao 24).

Almoço: 12h30 – 14h

Tarde: encontro às 14h no Largo Alexandre Herculano e termina por volta das 18h na Praça do Giraldo (Ponto n.º 24 ao 28).

Número de participantes: 15/20 pessoas (podendo haver alguma alteração).

Limitações:

- Faixas etárias que participam. Deverá ser definida a idade a partir dos 16 anos, estando sujeita a alterações se assim fizer sentido.
- Condições meteorológicas, visto que o itinerário se realiza a pé e ainda são alguns quilómetros, a melhor forma de se realizar seria na Primavera, tendo em conta o clima do Alentejo.

Tipo de percurso: Pedestre, à exceção do ponto n.º 28 do itinerário (localizado no Convento do Espinheiro), dada a distância vai ser necessária a deslocação através de algum meio de transporte.

Nível de acessibilidade: Média (desníveis da calçada de Évora).

Tabela II – Distância em (km) dos pontos do itinerário

Distância (km)	
Desde o ponto 1 até ao 9:	2,188Km (em 1h10min)
Desde o ponto 9 até ao 19:	3Km (em 1h30min)
Desde o ponto 20 até ao 23:	1,826Km (em 1h08min)
Desde o ponto 24 até ao 27:	570m (em 2h27min)

Fonte: Estagiárias Patrícia Namora e Catarina Candeias; 2017

Tabela III – Itinerário Literário por Évora

ITINERÁRIO LITERÁRIO POR ÉVORA			
Localização	Pontos a Referir	Descrição	Escritores
1. Praça do Giraldo	1 - Praça do Giraldo.	- Local emblemático da cidade, muitas vezes referido em obras literárias.	- Antunes da Silva; - Vergílio Ferreira; - Galopim de Carvalho; - Entre outros.
	2 - Café Arcada Sugestão: possível local para tomar o pequeno-almoço.	- Referido na obra <i>Aparição</i> ; - Frequentado por escritores como Vergílio Ferreira ou Antunes da Silva.	- Vergílio Ferreira; - Antunes da Silva.
2. Rua João de Deus	3 - Nº28.	- Casa onde viveu Florbela Espanca.	- Florbela Espanca.
3. Largo Luís de Camões	4 - Antigo Largo da Porta Nova;	- Local onde nasceu Antunes da Silva; - Referências feitas por Galopim de Carvalho;	- Antunes da Silva - Galopim de Carvalho;
	5 - Nº39.	- Nº 39 – Casa onde viveu Florbela Espanca.	- Florbela Espanca.
4. Rua José Elias Garcia	6 - Casa onde viveu Eça de Queirós	- Casa e Lápide que identifica a casa onde viveu Eça de Queirós	- Eça de Queirós.

	Sugestão: Entregar neste local uma cópia do jornal o <i>Districto</i>	aquando da sua passagem por Évora e que corresponde também ao local onde era redigido o jornal o <i>Districto</i>	
5. Rua Gabriel Victor do Monte Pereira (Antiga Rua da Ladeira)	7 - Rua com o nome do escritor;	- A antiga Rua da Ladeira, tem hoje o nome do escritor Gabriel Pereira, visto que este nasceu numa casa nesta rua;	- Gabriel Pereira.
	8 - Casa onde nasceu. Sugestão: os participantes poderiam ficar aqui alojados.	- Lápide que identifica a casa onde nasceu; - A casa funciona hoje como Alojamento Local – Casa do Escritor.	
6. Praça Joaquim António Aguiar	9 - Teatro Garcia de Resende.	- O teatro da cidade de Évora tem o nome do escritor Garcia de Resende.	- Garcia de Resende.
7. Avenida Sr. Dos Remédios	10 - Cemitério de Nossa Senhora dos Remédios.	- Onde se encontram sepultados: Túlio Espanca, António Francisco Barata, Gabriel Pereira.	- António Francisco Barata; - Gabriel Pereira.
8. Praça do Giraldo	11 - Restaurante Fanatismo. Sugestão: possível local para almoço.	- Restaurante alusivo à poesia de Florbela Espanca.	- Florbela Espanca
9. Jardim Público	12 - Jardim Público.	- Estátua de Garcia de Resende; - Busto de Florbela Espanca.	- Garcia de Resende; - Florbela Espanca.
10. Jardim Público	13 - Palácio D. Manuel.	- Galeria das Damas, onde em tempos se realização as demonstrações teatrais (até de Gil Vicente); - Estátua de Luís de Camões.	- Gil Vicente; - Luís de Camões.
11. Rua Diana de Liz	14 - Rua Diana de Liz;	- Lápide que identifica a rua e que foi mandada colocar por Ferreira de Castro;	- Diana de Liz; - Ferreira de Castro;
	15 - Casa onde viveu António Francisco Barata.	- Casa onde viveu António Francisco Barata.	- António Francisco Barata.
12. Rua 5 de Outubro (Antiga Rua	16 – N.º75;	- N.º75 – casa onde viveu Florbela Espanca;	- Florbela Espanca
	17 -Livraria “Fonte de	- Espaço onde se respira	- Todos os

da Selaria)	Letras”.	literatura.	escritores.
13. Rua Diogo Cão	18 - N.º30;	- N.º30 – Casa onde viveu Florbela Espanca;	- Florbela Espanca.
	19 – N.º40.	- N.º40 – Casa onde trabalhou Florbela Espanca.	
14. Rua de S. Manços	20 - Janela de Garcia de Resende.	- Janela Manuelina que pertence à casa onde, segundo a tradição, viveu Garcia de Resende. - Florbela Espanca tem um poema dedicado a esta janela “À Janela de Garcia de Resende”.	- Garcia de Resende; - Florbela Espanca.
15. Rua Dr. Augusto Eduardo Nunes	21 - Casa onde viveu Vergílio Ferreira.	- Ver a casa por fora e a lápide que identifica a mesma.	- Vergílio Ferreira.
16. Travessa do Açacal	22 - Travessa do Açacal	- Rua onde nasceu Diana de Liz.	- Diana de Liz.
17. Rua Joaquim Henrique da Fonseca (Antiga Rua do Espírito Santo)	23 - Casa onde viveu Celestino David.	- Ver por fora a casa e a lápide colocada na mesma que identifica a casa onde viveu e faleceu o escritor.	- Celestino David.
18. Rua da Oliveira	24 - Rua da Oliveira	- Rua onde nasceu André de Resende.	- André de Resende.
19. Largo dos Colegiais	25 – Colégio do Espírito Santo (Antigo Liceu André de Gouveia).	- Antiga livraria do edifício; - Sala do Governo Civil (espólio de Túlio Espanca); - Estátua de Túlio Espanca; - Sala dos Atos; - Sala de aula com cátedra (ex: 117).	- Vergílio Ferreira; - Florbela Espanca.
20. Largo de S. Mamede	26 - Estátua de André de Resende.	- Estátua de André de Resende.	- André de Resende.
21. Rua do Mestre	27 - Rua do Mestre Resende.	- Rua que homenageia o escritor eborense André de	- André de Resende.

Resende		Resende.	
22. Rua de Aviz	28 – N.º5; 29 – N.º61.	- Nº5 e Nº61 – casas onde viveu Florbela Espanca.	- Florbela Espanca.
23. Rua Vasco da Gama	30 - Círculo Eborense.	- Local frequentado pelas personalidades ilustres da cidade, incluindo Eça de Queirós.	- Eça de Queirós.
24. Largo do Marquês de Marialva	31 - Sé Catedral.	- Na Sé encontra-se o túmulo de André de Resende.	- André de Resende.
25. Largo do Conde de Vila Flor	32 - Biblioteca Pública de Évora;	- Breve referência ao Templo Romano (?); - Biblioteca Pública de Évora, local onde se respira literatura e que foi frequentado por diversos escritores (incluindo Florbela Espanca);	- Florbela Espanca
	33 - Igreja dos Lóios.	- No livro o País das Uvas de Fialho de Almeida, é feita uma referência à Igreja dos Lóios onde está incluído o escritor Alexandre Herculano.	- Fialho de Almeida; - Alexandre Herculano.
26. Pátio de S. Miguel	34 – Casa António Francisco Barata.	- Casa onde viveu António Francisco Barata.	- António Francisco Barata
27. Convento do Espinheiro	35 - Capela de Garcia de Resende.	- Capela mandada erguer por Garcia de Resende e onde esteve sepultado, o escritor e outros membros da sua família. Nota: Não se encontra sinalizada.	- Garcia de Resende.
<p>* Bernardim Ribeiro- poeta alentejano, autor da maior novela sentimental <i>Menina e Moça</i>. Encontra-se no Museu de Évora uma estátua alusiva ao poeta, pioneiro do género bucólico. Évora foi uma das 3 cidades a editar a obra em 1557.</p> <p>*Sugestão: Sociedade Harmonia Eborense para local de divertimento nocturno.</p>			

Fonte: Namora e Candeias (2017)

4.2.1. Descrição pormenorizada das paragens do roteiro

Neste ponto do trabalho será feita uma descrição pormenorizada das paragens do roteiro. Considerou-se que deveria figurar no corpo do trabalho e não como anexo devido à sua importância.

- 1) Praça do Giraldo: Aqui será o encontro e o ponto de partida, o local emblemático da cidade e que é tantas vezes referido em obras literárias de alguns escritores selecionados;
- 2) O café arcada: O segundo local passa pelo café arcada, referido na obra *Aparição*, frequentado por escritores como Vergílio Ferreira, Antunes da Silva e outros. Aqui sugerimos, um dos estabelecimentos mais antigos da cidade, para tomar o pequeno almoço (ver tabela XIII dos anexos).
- 3) Rua João de Deus: A Rua João de Deus, nº28, é uma das casas onde viveu a escritora Florbela Espanca.
- 4) Largo Luís de Camões: No ponto seguinte: O Largo de Luís de Camões, antigo largo da porta nova, é um ponto de paragem obrigatória, é o local onde nasceu Antunes da Silva. Alguns livros referem que o escritor nasceu aqui, outros que nasceu na Rua do Muro. É também aqui que há inúmeras referências do escritor Galopim de Carvalho, e das suas memórias de infância aqui passadas, neste largo, fazendo também alusão, ao seu nascimento neste local, *para os residentes nesta zona da cidade-museu, a Porta Nova era, como se diria hoje, um “centro comercial” a céu aberto. «Tudo aquilo de que preciso para o governo da casa está aqui à mão» dizia, satisfeita, a minha mãe. E*

tinha razão (Carvalho, 2014.). Também, neste mesmo ponto, está situada uma das casas de Florbela Espanca - Largo Luís de Camões nº39 (ver tabela XV).

- 5) Rua José Elias Garcia: Relacionada com a casa e a redação do jornal de Eça de Queirós, situada na Rua José Elias Garcia, onde é hoje a pastelaria Violeta. Há uma lápide que identifica o local (ver tabela XI).
- 6) Rua Gabriel Victor do Monte Pereira: Situada na antiga rua da Ladeira, é a rua com o nome do escritor, e aí se situa a casa onde nasceu e que é hoje, um alojamento local, sinalizado com uma placa que identifica a “casa do escritor”. Temos como sugestão, os participantes ficarem aqui alojados mas, claro que, só aceitarão se assim o desejarem, pois têm alguma diversidade de alojamento local à sua disposição, dentro do centro histórico (ver tabela XVIII).
- 7) Teatro Garcia de Resende: A paragem seguinte é o Teatro, este possui a particularidade de ter o nome de um escritor “Garcia de Resende” que grande importância teve, essencialmente, devido ao *Cancioneiro geral* que reunia as composições poéticas das cortes de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel I, no século XVI, e por ser um “Teatro à Italiana” em Portugal, estando mesmo ao nível de alguns teatros em Itália-Milão. É por isso, que constitui um ponto de paragem obrigatória (ver tabela XII – anexo AX).
- 8) Cemitério de nossa senhora dos remédios: Selecionado para o roteiro, porque aqui estão sepultadas três figuras importantes, Túlio Espanca, que deu o seu contributo a Évora e à Literatura, através dos muitos textos que escreveu sobre a cidade. António Francisco Barata, escritor “trabalhador incansável das letras, a quem Évora ficou muito

devendo, e a quem continuavam a negar inexplicavelmente, que o seu nome figurasse numa das suas ruas”, também se encontra aí sepultado, e desta forma, contribuiu para que Évora fosse mais tarde, Património Mundial da Unesco, 1986. E Gabriel Pereira, nascido em Évora, professor, no antigo Liceu de Évora, teve um papel importante como tradutor de grandes textos de Estrabão e Plínio, escreveu “Estudos Eborenses” (ver anexo XXI).

- 9) Restaurante *Fanatismo*: Do itinerário criado faz parte o restaurante *Fanatismo*, pela particularidade de ter como decoração interior, poemas de Florbela Espanca, nas paredes, podemos ler alguns poemas da escritora e até nos pratos, onde a comida é servida. Neste ponto sugerimos que seja aqui o almoço dos participantes (ver tabela XVI).
- 10) Jardim Público: Local onde está o busto da poetisa Florbela Espanca e a estátua de Garcia de Resende (ver tabela XVII – anexo AE e tabela XXVII – anexo AAJ).
- 11) Palácio de D. Manuel: De seguida a visita é ao Palácio de D. Manuel onde estão as estátuas de Luís de Camões e de Vasco da Gama, na varanda depois de atravessarmos a Galeria das Damas. Era aqui nesta Galeria que eram representadas muitas das peças de teatro de Garcia de Resende, e onde se reunia toda a corte para ver os vários espetáculos. Há uma grande referência a este espaço no jornal *O Garcia de Resende*, de 1908, com o nome das peças que aí eram apresentadas, e onde continha muitos excertos d’O crime do padre Amaro de Eça de Queirós, ou mesmo Camilo Castelo Branco e “O canto do Suicida”, prosa poética, entre outros escritores importantes, ou menos importantes que escreviam poemas anónimos, retratando algumas situações políticas desse ano (ver tabela XXX).

- 12)** Rua Diana de Liz: Esta rua tem a particularidade de conter a placa identificativa, com o nome da escritora eborense, que faleceu no mesmo ano de Florbela Espanca e cujo seu marido Ferreira de Castro, também ele escritor, após a morte da escritora mandou erguer a placa que, ainda hoje lá se encontra, identificando a rua, junto á antiga Ermida de S. Brás. Todos os seus livros, também de alguma controvérsia, fazendo lembrar até alguns escritos de Florbela Espanca, foram publicados postumamente, por força do seu marido, que lhe prometeu publicar as obras que a escritora havia escrito em vida (ver tabela XII).
- 13)** Rua 5 de Outubro: Nesta rua, nomeadamente no nº 75 está situada outra das casas onde viveu Florbela Espanca e depois temos ainda, na mesma rua a livraria *Fonte de letras*, que contém um conceito inovador de livraria, onde o participante pode entrar, ouvir música clássica, folhear ou comprar um livro, beber um café, ou ainda ver algumas atratividades que esta livraria possui. As montras, sempre decoradas acompanhando as épocas e comemorações atuais. A máquina de poemas que se encontra à entrada da livraria, onde é possível tirar um poema à sorte (...) (ver tabela XXIV e tabela XXXI).
- 14)** Rua Diogo Cão: Seguindo para a Rua de Diogo Cão, iremos dar a outra das casas onde viveu a escritora Florbela Espanca, nº 30 e mais abaixo, na mesma rua, nº 40 foi o Colégio de D^a Salvadora Mosca, onde a escritora trabalhou a partir de Outubro de 1916- como consta num panfleto d'um roteiro Florbeliano de 1994, cedido pelo Grupo Pró-Évora e que acompanha o percurso da escritora dos 14 aos seus 23 anos de idade (ver tabela XXIV – anexo AAC).

- 15)** Rua de São Manços: Paralela à Rua de Diogo Cão, onde está situada a “Janela Manuelina” da casa de Garcia de Resende e a que Florbela faz referência num dos seus sonetos: “Janela antiga sobre a rua plana (...)” da obra *Charneca em Flor*, obra póstuma, datada de 1931, um ano pós – *mortem* (ver tabela XXII – anexo AW e tabela IV).
- 16)** Rua doutor Eduardo Nunes: O seguinte ponto da rota será a Rua doutor Eduardo Nunes, aqui verificar-se-á a lápide que identifica a casa onde viveu Vergílio Ferreira, escritor que viveu em Évora e deu aulas no Colégio do Espírito Santo, escreveu a *Aparição* onde descreve a cidade de Évora e alguns espaços importantes da mesma, por onde passam alguns pontos desta rota literária, como por exemplo o café arcada, já mencionado, o colégio do Espírito Santo e o jardim Público, onde faz referência ao busto de Florbela Espanca, aí situado (ver tabela XXV).
- 17)** Rua do Açacal: Paragem obrigatória, onde nasceu a escritora Diana de Liz, não sabemos ao certo em que casa viveu, pois não há referências, sabe-se apenas que nasceu nesta rua.
- 18)** Rua Joaquim Henrique da Fonseca: A antiga Rua do Espírito Santo onde está colocada a lápide do, também escritor eborense, Celestino David (ver tabela XXVII - anexo AAK).
- 19)** Rua da Oliveira: O próximo ponto é a Rua da Oliveira, onde nasceu o escritor André de Resende, poeta eborense do século XVI, teve um papel fulcral devendo-se-lhe os primeiros estudos dos monumentos epigráficos da época Romana em Portugal. sabe-se também que deixou uma vasta produção literária, composta em português e Latim e

que frequentou o antigo Convento de S. Domingos, atualmente já extinto, onde foi convidado para mestre do infante de D. Duarte (ver tabela XXIII).

20) Colégio do Espírito Santo- Universidade de Évora: Este ponto engloba um conjunto de subpontos que são paragem obrigatória, tais como: a) Sala do Governo Civil, onde está concentrado o espólio de Túlio Espanca (deste espólio é possível ver a sua máquina de escrever, alguns cadernos de desenho, algumas obras, tal como manuscritos, medalhas de condecoração e alguns documentos importantes - exemplo de um documento que refere que o escritor foi guia-turístico na cidade de Évora.); b) Estátua de Túlio Espanca, a sugestão passa por visitar a sua estátua, situada na varanda da sala de docentes da Universidade; c) Sala dos atos do Colégio do Espírito Santo. Um exemplo da beleza das salas de influência Italiana, com azulejos seiscentistas, é uma das salas mais importantes da Universidade, é aqui que anualmente é atribuído o prémio Vergílio Ferreira; d) Sala 117 do Colégio do Espírito Santo. O próximo ponto passa, por um exemplo de sala com a cátedra, onde antes se lecionava. Seleccionamos a sala 117, como exemplo da beleza das salas do CES, com a Cátedra e o painel de azulejos, que conta uma história, através das figuras celestiais e humanas que lá se encontram (ver tabela XIX).

21) Largo de s. Mamede: O largo de S, Mamede, é o próximo ponto de paragem, é lá que está a estátua de André de Resende.

22) Rua do Mestre Resende: Rua que homenageia o escritor (ver tabela XXIII).

- 23)** Rua de Avis: O ponto seguinte é a Rua de Avis nº 5 e nº61 mais duas das casas onde viveu Florbela Espanca (ver tabela XXIV).
- 24)** Círculo Eborense: Seguimos para o Círculo Eborense, na Rua Vasco da Gama, sabemos que Eça de Queirós frequentava este local e aqui eram realizados alguns debates políticos e jogos ilegais (Ver tabela XI anexo L, M, N).
- 25)** Sé Catedral: Situada no Largo do Marquês de Marialva, aí encontra-se o túmulo de André de Resende, a sugestão é que se visite também os restantes espaços da Sé, a maior Catedral medieval de Portugal (ver tabela XXIX).
- 26)** Biblioteca Pública de Évora e Igreja dos Lóios: Depois da Sé, segue-se a Biblioteca Pública de Évora e a Igreja dos Lóios, no Largo do Conde de Vila Flor. Sabemos, através do arquivo distrital de Évora que muitas figuras ilustres frequentaram a Biblioteca pública, Florbela Espanca e Eça de Queirós, a família Cordovil, a família Barahona, foram alguns dos que, aquando das suas visitas, deixaram a sua assinatura no livro de registos que a biblioteca continha. É aqui que se encontra parte do espólio da escritora Florbela espanca (ver tabela XIV e XVII – anexos AC e AD).
- 27)** Páteo de S. Miguel: O ponto seguinte é o Páteo de s. Miguel, onde ficava a casa, onde viveu António Francisco Barata, apesar de existir muita controvérsia, alguns livros referem que ele viveu aí, enquanto nos registos dos moradores do Páteo, não há qualquer tipo de referência ao escritor. Há também registos de ter vivido na casa que se encontra na tabela XXVI.

28) Convento do Espinheiro: O último Ponto deste roteiro, é o mais longe em termos de proximidade de locais, é o Convento do Espinheiro, pois próximo deste luxuoso hotel, encontra-se uma capela, com o túmulo de Garcia de Resende e alguns familiares. Este túmulo/ capela foi mandado erguer pelo escritor e encontra-se praticamente abandonado, num descampado, com boa acessibilidade, sem qualquer sinalética associada (ver tabela XX).

29) Sugestão de local de divertimento após o percurso: A sugestão de local de divertimento noturno após o percurso, é a SHE- a Sociedade Harmonia Eboreense, é um espaço acolhedor que tem a particularidade de se assemelhar a uma casa, que está relacionada com o tema da rota, contém alguns espaços de lazer, com sofás, mesas, cadeiras, televisão, sala de bar, pista de dança e esplanada exterior (ver tabela XXXII).

Conforme a tabela do itinerário Literário este itinerário é constituído por 27 pontos, sendo que o ponto de partida é a praça do Giraldo e o de chegada é o mesmo. O objetivo é que a rota se inicie e finalize no mesmo ponto. Este itinerário engloba um conjunto de pontos, maioritariamente dentro do centro histórico apesar de existirem alguns que estão fora do mesmo.

A lógica do itinerário foi pensada consoante a informação que vai ser abordada ao longo de todo o percurso, de forma devidamente estruturada. A estimativa de percurso é de aproximadamente dois dias, iniciando-se com encontro previsto às 10h, formalmente às 10h:30m em cada dia, e finalizando às 17h:30/18h.

No primeiro dia, na parte da manhã, o percurso será feito do ponto (1) ao (9) com pausa para almoço das 12:30 às 14h. O encontro depois de almoço será na Praça do Giraldo, às 14h, sendo percorridos o ponto (9) ao (19), terminando nas portas de Moura.

No segundo dia, com início nas Portas de Moura, serão percorridos numa manhã o ponto (19) ao (24). A hora de almoço é igual à do primeiro dia, das 12h:30 às 14h. Às 14ho encontro será na Praça Alexandre Herculano e serão realizados os pontos do (24) ao (28), com o fim previsto para as 18h na Praça do Giraldo.

Este percurso também foi adaptado para um dia e para uma manhã/tarde, de forma a pensar nos turistas que querem participar, mas que só ficam na cidade, durante um curto período de tempo (ver tabela XXXIV dos anexos).

Então, para um dia adaptamos o percurso da rota, englobando os pontos mais turísticos, que acabam por ser a “face” da cidade e encurtando assim, o itinerário para 11 pontos. O primeiro ponto é a (1) Praça do Giraldo, que inclui o café arcada, o segundo passa pelo (2) Largo Luís de Camões, passando para a (3) Rua José Elias Garcia. De seguida para a (4) Praça Joaquim António de Aguiar, seguindo para a (5) Rua Cinco de Outubro, cruzando para a (6) Rua de Diogo Cãoe posteriormente passando pela (7) Rua de S. Manços, com acesso à (8) Praça do Giraldo para o restaurante *Fanatismo*.

A parte da tarde terá início no (9) Largo dos colegiais, passando pelo (10) Largo do Marquês de Marialva e por fim o último ponto deste percurso passa pelo (11) Largo do conde de Vila Flor. Este percurso terá início às 10h e 30 na Praça do Giraldo, com encontro às 10h:00 no mesmo local, com os participantes, serão visitados os pontos (1) ao (8). Das 12:30h às 14h da tarde, é a hora estimada para almoço, tal como, no percurso que contém a duração de dois dias. Às 14ho ponto de encontro, é a Praça do Giraldo, pois, é próximo do restaurante. Da parte da tarde, a durabilidade do percurso é das 14 às 19 horas, do ponto (9) até o (11) tendo como fim, as Portas de Moura.

Também adaptamos este itinerário para uma manhã/tarde (ver tabela XXXIV dos anexos) consoante a preferência do turista, respondendo à necessidade do perfil do turista que visita a cidade de Évora. Este percurso contém 10 pontos, dentro do centro histórico, sendo que o primeiro ponto (1) é a Rua de Avis, seguindo depois pelo (2) Largo Luís de Camões, passando

posteriormente pela (3) Rua João de Deus, seguindo-se para a (4) Rua Cinco de Outubro e logo depois para a (5) Rua Diogo Cão, seguindo para o (6) Largo conde Vila Flor e depois para o (7) jardim público. O ponto (8) será na Travessa do Açacal e posteriormente para o (9) Largo dos Colegiais, finalizando-se o itinerário no ponto (10) na Rua Diana de Liz. Este percurso está adaptado numa sequência lógica de informação que será transmitida ao longo do mesmo. Foram selecionados os pontos que se relacionam com as escritoras Florbela Espanca e Diana de Liz, baseado no seu percurso em Évora. Esta adaptação do percurso incide na obra e vida das poetisas.

Decidimos limitar o número de participantes para 15 pessoas, visto que às vezes torna-se difícil estar em determinados espaços, sem que as pessoas estejam minimamente confortáveis para ouvir aquilo que é relatado. Com mais de quinze pessoas considerou-se que talvez não fosse possível organizar estrategicamente os participantes, para que todos pudessem ouvir, devidamente, toda a história que envolve o percurso. Como o itinerário obriga a passagem em algumas ruas mais estreitas, torna-se difícil com demasiados participantes, fazer a gestão entre o que está a ser relatado e a distribuição dos participantes no espaço onde decorrem esses relatos. Não interferindo, deste modo, com o trânsito dos residentes.

Com o número de participantes que selecionamos, é possível organizar adequadamente o percurso e, através da proximidade entre o guia e o participante, ao longo do percurso, atribuir valor à experiência.

A nível das limitações, a partir dos 16 anos de idade, estando, porém, sujeita a algum tipo de alteração, se assim fizer sentido. Decidimos a partir dos 16 porque é a idade em que se começa a atingir alguma maturidade e algum interesse mais vocacionado para uma área específica. Limitamos também, (e porque ainda não pensamos numa solução eficaz), algum participante inapto de percorrer a pé este itinerário, por incapacidade motora.

Este tipo de percurso é pedestre à exceção do último ponto do roteiro, dada a distância, será necessário a deslocação através de meio de transporte,

que será providenciado conforme a implementação da mesma e consoante os recursos á disposição para tal. Importa referir que o nível de acessibilidade deste roteiro literário é médio, pois a cidade não se encontra adaptada a uma boa circulação pedestre devido aos desnivelamentos da calçada da cidade.

É possível circular normalmente, mas para uma pessoa incapacitada fisicamente ou debilitada (no caso de pessoas idosas), é impossível participar num roteiro deste género.

É claro que, este roteiro tem como público-alvo todos os interessados na área da Literatura, como tal, estudantes de escolas secundárias, universitários, docentes, e a todos os turistas vindos de outro país, ou mesmo de outros pontos de Portugal que queiram “viver”, “sentir” e experienciar a Literatura em Évora, aprendendo sobre a cidade através da poesia, dos escritores, da história dos espaços da cidade (referida em obras) e descobrir pontos de interesse literário descritos em poemas, locais aos quais poderíamos, muito bem apelidar de “locais literários” pela atmosfera literária que contêm. Évora é repleta destes locais.

A distância de todo o percurso literário foi avaliada em quilómetros, através de uma visita, à qual denominamos de “visita-experimental”, onde dividimos as distâncias, consoante o grupo dos pontos a visitar, em cada dia do itinerário. Então, segundo a tabela II representada na página 54, é possível verificar as diferentes distâncias dos pontos da rota.

Capítulo 5 - Análise e reflexão crítica das atividades desenvolvidas durante o período de estágio

5.1. No museu

No que respeita às atividades desenvolvidas no dia 21 de Março, dia mundial da poesia no museu de Évora, embora a atividade não tenha corrido da melhor forma, foi possível perceber e identificar algumas falhas de organização. Uma atividade deste género e com estas características não foi totalmente receptível por parte de toda a equipa que incorpora o museu, especialmente, dada a temática do museu e a pouca adesão a inovações por parte da equipa integrante.

Após visitas constantes ao museu a fim de perceber os espaços e onde poderia ser realizada uma atividade relacionada com a temática da poesia, a dificuldade maior passou pela inexistência de uma sala para este tipo de atividade: primeiro não havia salas disponíveis e ficou acordado que as atividades iriam ser realizadas pelo museu, incorporando a atividade numa das salas do museu (que continha temáticas diferentes àquelas que aí iriam ser desenvolvidas); Passado algum tempo voltou-se a perguntar e a explicar que seria necessário uma sala para a execução das atividades, onde fosse possível trabalhar os temas em questão. A sala dos desenhos foi indicada com essa finalidade, poucas semanas antes do dia da apresentação. Quando finalmente havia uma sala para trabalhar, iniciou-se o seu estudo, de modo a organizar os materiais a expôr. Este processo requereu visitas constantes ao museu, visitas essas que não eram vistas com bons olhos pelos elementos integrantes da recepção do museu - todos os dias perguntavam “se tínhamos avisado alguém”- Quando ainda antes de iniciar as práticas da sala, foi enviado um e-mail ao diretor (pela nossa tutora de estágio Ana Cristina Pais) sob o nosso consentimento explicando todo o tipo de atividades que iam acontecer, os dias que íamos visitar o museu para experimentações, as pessoas que nos iriam auxiliar, selecionadas por nós em todas essas tarefas e possíveis materiais que

iríamos necessitar. O museu dispôs apenas de um projetor, uma mesa de suporte, seis cadeiras, um escadote, quatro plintos e uma mesa corrida.)Tudo o que foi necessário para além destes materiais fomos nós que tratamos: comprando alguns deles e reutilizando outros que já tínhamos. Sempre que entrávamos no museu ninguém nos perguntava nada: que atividades estávamos a organizar, se precisávamos de alguns materiais, o que ia acontecer e onde. As únicas palavras que ouvimos durante os dias que estivemos em experimentação foram: “Avisaram alguém que vinham?” A equipa técnica que incorpora o museu não fazia a mínima ideia do que iria acontecer na sala dos desenhos, somente no dia 21, o dia da atividade, uma das pessoas que integra a equipa veio à sala perguntar o que “iria acontecer ali e se precisávamos de alguma coisa”; O que nós sentimos durante esta fase, foi essencialmente que todo o pessoal não é de facto “aberto” a mudanças, pois praticamente toda a equipa já incorpora o museu há mais de 15 anos, sendo que grande parte deles integra uma faixa etária igual ou superior a 45 anos. Segundo E. Hooper- Greenhill (citado em Mendes, 2013, p.44) “o educador do museu deverá ter formação adequada em quatro vertentes iniciais, domínio científico de base (ao nível de licenciatura), museologia, museografia e ciências da educação. Só assim poderá exercer competentemente a sua missão, muito exigente”. O educador do museu deverá também conhecer os objetos e tudo aquilo que diz respeito às coleções que integram um museu, e claro, a instituição museológica onde desempanha tais funções (Mendes, 2013). Deve saber comunicar e dominar as técnicas pedagógicas e didáticas, tal como conhecer o público a quem tem de dirigir-se, uma vez que incidirá na sua educação com a máxima eficiência (Mendes, 2013). O autor refere ainda que dada a evolução da museologia compreendeu-se a necessidade de incorporar uma equipa técnica mais diversificada. Sugere também que se aposte no recrutamento de educadores de museu entre docentes profissionalizados em pelo menos um dos graus de ensino, atribuindo-lhe posteriormente, uma formação complementar referente aos museus (Mendes, 2013). E, “mais que uma casa-forte, o museu é um palco” (Boavida, 2010, p. 7).

Palco esse, onde devem ser fomentadas várias atividades, como é exemplo a atividade do dia mundial da poesia.

Percebeu-se que é muito difícil trabalhar em condições deste género, como descrevi acima e que é ainda mais difícil criar uma atividade sem um espaço socioeducativo que esteja disponível para a execução de atividades diversificadas. Se houvesse a noção de que, como afirma Dana (1917), um museu devidamente organizado tem muito mais a dar à comunidade do que os quadros que contém, ou que a importância de um museu como espaço de conhecimento poderá ser aliada às escolas e universidades todo o nosso trabalho seria seguramente mais aceite e integrado à equipa do museu, chegando mais facilmente à comunidade com vista ao sucesso das atividades.

Nos dias de hoje é difícil criar algo novo num espaço onde se enraizaram várias problemáticas, que tem repercursões a vários níveis, como é exatamente o caso do museu de Évora: número (muito) reduzido de visitantes do museu, atividades e dinâmicas que não existem, falta de promoção dos espaços, falta de criatividade nos panfletos existentes, falta de organização do pessoal que integra o museu, falta de pessoas que acolham e estejam dispostas a trabalhar em equipa, com um espírito livre e aberto a sugestões, promovendo criando e participando em novas atividades, como é normal acontecer em espaços museológicos (toda a equipa trabalha para um mesmo propósito - para o sucesso das atividades, proporcionando experiências. Como é parte do objetivo do museu, fornecer/ enriquecer/ criar novas e verdadeiras experiências. Depois da década de 70, o museu não funciona como local exclusivo de contemplação de arte, mas sim como local de entretenimento e lazer público, aquisição de conhecimentos, investigação e criação cultural (Mendes, 2013). Um estudo realizado em Évora por Santos e Marujo (2014) referente às satisfações globais dos visitantes ao museu indica que, 41% dos inquiridos responderam que ficaram muito satisfeitos, 50,8% Satisfeitos e 6,6% Muito Insatisfeitos, 1,6% não respondeu. Deste modo, 98,4% dos inquiridos referiu que iria recomendar o museu que visitou, enquanto 1,6% salientou que não vai recomendar. Porém,

para 38% dos inquiridos, a visita ao museu esteve 'acima das expectativas', enquanto para 57% esteve 'dentro das expectativas'. A partir deste estudo é possível concluir que é preciso trabalhar mais no sentido de converter as percentagens de 6,6% insatisfeitos e dos 1,6 % que não respondeu, para a percentagem dos 41 % dos muito satisfeitos. Menos de metade dos inquiridos está muito satisfeito com a experiência que experimentou, neste sentido o museu deverá procurar "novas alternativas para satisfazer os desejos dos visitantes" (Santos e Marujo, 2014, p. 10). Pois, segundo as autoras "a produção de experiências memoráveis está ao alcance de pequenas verbas" (Santos e Marujo, 2014, p. 10). Sabe-se que o museu é um espaço educativo e por isso é necessário a reinvenção das práticas de difusão de conhecimentos, como tal, a aprendizagem não poderá ser estática (Santos e Marujo, 2014).

Segundo Mendes (2013, p.30), "a possibilidade de novas ofertas programáticas, fruto de uma transformação museológica recente, coloca então inúmeros desafios às instituições, em constante procura por novos meios de divulgação do seu legado artístico". De forma a garantir a sua sobrevivência, o museu deve adaptar-se à procura dos turistas, apostando na transformação no campo conceptual e arquitectónico (Mendes, 2013). Estas noções proporcionarão um conjunto de renovações e conseqüentemente ampliações no edifício (Mendes, 2013).

Um museu não só se distingue pelo que tem, mas pelo que pode proporcionar ao seu visitante, que deve ser a prioridade pelo qual trabalha toda a equipa técnica: criar as condições necessárias para proporcionar uma experiência única e original. Neste sentido refere Santos e Marujo, (2014, p.10) "não há museus sem público, tal como não há destino sem turistas e, por isso, esta é uma realidade que deverá ser trabalhada conjuntamente entre os diferentes actores do turismo". Apesar de haver muitas lacunas a apontar relativamente aos defeitos que existem no museu, é fundamental que uma equipa que incorpore um museu possua uma série de características específicas, especialmente no que compete à comunicação entre todos para o bom

funcionamento de dinâmicas. Aqui entende-se que mais importante do que a coleção que o museu comporta é a forma como o que possui está organizado, pois a chave do seu sucesso passa pela estruturação, promoção, criatividade e originalidade nas experiências que proporciona aos seus visitantes, como afirma Santos e Marujo, (2014). Segundo Castro (2007) os museus possuem um potencial de atração turística, são parceiros do desenvolvimento do turismo cultural e contribuem para captar novos públicos a este tipo de turismo.

Posto isto, apesar da dinâmica da poesia não ter corrido da melhor forma ou da forma como se esperou, posso afirmar que aprendi imenso, nomeadamente as responsabilidades de trabalhar numa estrutura museológica, as limitações existentes, o funcionamento interno do espaço, o resguardo de peças, como o comportamento da equipa do museu e a sua organização influencia a sua dinâmica. Mesmo que a atividade não tenha sido um sucesso, todo o esforço valeu a pena, porque apesar de ter ganho tanto com o facto de alguns pontos não correrem da melhor forma, é precisamente quando as coisas não correm de forma esperada, que a experiência acaba por ser mais rica e a aprendizagem mais completa. “Com cada passo em frente que damos, com cada problema que resolvemos, descobrimos não só novos problemas não resolvidos, como constatamos também que quando julgávamos pisar terreno firme e seguro, tudo é de fato incerto e vacilante” (Popper, 1978, p. 1).

Os aspectos positivos a apontar são todos os aspectos negativos aqui mencionados: porque é exatamente quando as coisas nos correm menos bem, que conseguimos olhar para elas sob uma perspetiva diferente. Se tivésse que realizá-la outra vez, faria tudo completamente diferente e é precisamente através destas linhas que se conclui que, para aprender e evoluir é necessário e preciso que algumas coisas não corram da forma como idealizamos.

Após algumas conversas literárias no museu, passamos à sensibilização pelas ruas de Évora: entregamos postais com poemas às pessoas, alguns cadernos de notas alusivos à poesia e ainda declamamos poemas entre conversas literárias. Esta atividade foi muito interessante porque pudemos ver a

adesão por parte das pessoas às questões literárias. Espalhamos a poesia pela cidade como quem espalha e prega uma fé qualquer e a população reagiu positivamente.

Também, foi criada uma “proposta de melhoria do flyer do museu de Évora”, pois, este é o primeiro contacto que o turista estabelece com o museu, antes de o visitar e, claro, será para muitos o fator que os fará tomar a decisão de visitá-lo. Claro, que, existe também a página *online* do Museu, mas o folheto irá complementar as restantes estratégias de comunicação e divulgação. Neste sentido verificou-se que, uma boa estruturação do flyer seria uma mais-valia, não só para o museu, mas também para a própria cidade, uma vez que o turista podia situar-se no espaço, e de forma prática seria conduzido até ao museu, já que a cidade não oferece esta sinalização. Depois da análise do mesmo, foram seleccionados vários pontos importantes da estruturação que o flyer devia conter, em primeiro lugar: o mínimo texto possível, um resumo o mais sintético possível, utilizando-se frases curtas, simples e palavras – chave; substituir o tipo de papel do folheto pelo papel que costuma ser utilizado para esse efeito; a imagem da capa deveria ser substituída por outra e estar acompanhada de uma frase sugestiva, pois a capa é a parte mais importante do panfleto e deve conter uma imagem, devidamente selecionada, e frase que capte a atenção do turista; as imagens que se encontram no interior do panfleto deveriam ser substituídas por outras; poderia conter também, uma breve descrição das atividades, já criadas nesse espaço, (colocando-se uma foto ou um testemunho que as ilustrasse). Também, poderia haver uma breve descrição acerca do tipo de visitas guiadas que o museu disponibiliza. Achou-se de igual modo, que as três imagens das plantas deveriam ser substituídas, por uma apenas de modo a evitar que ficasse demasiado “pesado” e até confuso em termos de texto e imagem. A última página do panfleto só devia conter o horário, morada, o número de telefone, o email e site (todos os contactos relativos á instituição). A nível promocional, o que poderá ser feito passa pela Substituição dos folhetos antigos por novos; distribuí-los pelos hotéis/câmaras municipais mais próximas/ postos de turismo/ operadores

turísticos (todos os pontos importantes para que o museu possa chegar mais facilmente aos turistas); em termos de sinalética (algo que seja facilmente identificável na cidade em termos dos possíveis percursos que vão dar ao museu). Para além do folheto, a nível promocional podem ser criadas várias iniciativas como, uma página nas redes sociais atualizada e apelativa (facebook/instagram) visto que hoje em dia são a forma mais fácil e rápida, de chegar às pessoas; pensamos na criação de uma app (aplicação) que fornecesse ao visitante todas as informações necessárias, sobre o museu, assim como, as novidades acerca das exposições, atividades realizadas e também, à programação futura. Outro ponto importante, que deveria ser aposta do museu, é a criação de atividades fora do museu com temáticas específicas, captando públicos variados, ou específicos, consoante a temática, podendo contribuir assim, para a sua própria promoção, tornando o museu de Évora mais vivo e apelativo. Ou então, ainda, um vídeo promocional, onde estejam presentes atividades desenvolvidas, os espaços do museu e até visitas guiadas, interrogando-se os participantes acerca das atividades. Esta opção seria bastante interessante para dar a conhecer a toda a comunidade e aos turistas em geral, aquilo que o museu faz, e a vertente pedagógica que possui. Posteriormente o vídeo promocional do museu seria publicado no site da DRCA Alentejo, na página do museu, e onde fosse conveniente a sua divulgação.

Para além das atividades criadas no museu, e de modo a promover mais dinâmica no mesmo espaço, viu-se a possibilidade de elaborar um livro. Pois como afirma Carvalho (2011) referente à área expositiva, já são vários os museus que disponibilizam espaços para as comunidades apresentarem as suas próprias exposições, já que o museu é um espaço de aprendizagem e sobretudo de transmissão de saberes (Carvalho, 2011). Seria interessante que o livro ficasse exposto, onde fossem compiladas, não só as atividades criadas no dia mundial da poesia, mas também todas as que, a partir daí fossem realizadas neste mesmo espaço. De forma a que cada atividade, que posteriormente fosse realizada no museu, também pudesse ficar registada, estando ao alcance dos

visitantes, para que estes possam concluir que o museu de Évora é inovador, apesar da sua temática conservadora, no que respeita à Arte Sacra, e que promove iniciativas dinâmicas. Além disso, “os museus precisam de encontrar formas e meios de actuação, envolvendo as suas comunidades de públicos e/ou integrando-se em dinâmicas geradas com os seus parceiros, no seu respectivo meio (Boavida, 2010, p. 15). Os conteúdos deste livro seriam: compilação de fotografias, devidamente identificadas dos alunos /escolas/ participantes) das atividades realizadas; conjunto de textos no âmbito de oficinas/workshops de escrita escrita, compilar (textos, frases) e colocá-los no livro; descrição das atividades, algum conteúdo informativo acerca das temáticas abordadas: poesia, teatro (...); alguns testemunhos, opinião dos participantes, acerca da atividade realizada, o que fará com que haja um *feedback* da atividade proposta. Local onde ficaria: pensamos em duas opções, na sala de entrada, recepção, assim, todos os turistas poderiam ter uma visão do leque de atividades que foram realizadas, reforçando, deste modo, a vertente socioeducativa do museu, construindo uma imagem positiva aos olhos do turista, logo a partir da recepção. A outra opção de local, onde eventualmente poderia ficar este livro, é a sala de vendas do museu, onde as pessoas poderiam folheá-lo ao mesmo tempo que veem alguns produtos que podem comprar, ao mesmo tempo que cria alguma dinâmica nesse espaço de vendas. Este livro poderia estar disponível online, no site do museu, na sua página de facebook e na página da DRCAAlentejo. Apesar de conter o conjunto de dinâmicas criadas e de servir para demonstrar ao público, a vertente de práticas socioeducativas, servirá também, como promotor do próprio museu, publicitando o espaço em diversos locais. Deste modo, poderá abranger um maior número de pessoas.

5.2. Na igreja do Salvador

As atividades aqui realizadas, direcionadas ao público infantil foram

concluídas com sucesso. Este local foi selecionado porque no museu não havia nenhum outro espaço disponível à sua realização, uma vez que a sala dos desenhos já estaria preparada para a atividade que decorreria a partir das 14h deste dia. No entanto, este local não dispunha das condições necessárias para a concretização desta atividade, pela dimensão do espaço, e pela dificuldade em utilizar o projetor numa parede que estivesse vazia para esse fim. Ainda assim, todo o espaço foi decorado, conforme a temática e adaptado pelas estagiárias. Como o principal objetivo das atividades passa por despertar consciências, neste caso em particular, do público infantil, fomentando a importância da Poesia, achou-se pertinente, antes de elaborar um roteiro literário, fazer uma sensibilização, demonstrando o quanto é importante despertar as crianças para esta arte. Como afirma o autor Arantes (2006, p.27,) “sem desdenhar das demais aprendizagens que a escola fomenta, a atividade poética implica, para os que se dedicam a ela, uma concentração pessoal extraordinária”. O papel dos professores torna-se essencial na mobilização das temáticas literárias, porém, não são estes que ensinam a fazer arte ou que ajudam a buscar ideias para a produção de textos, a arte não se ensina, ela está associada à criação pessoal do indivíduo, e por isso, é promovida através da estimulação (Arantes, 2006). Neste sentido, atividades deste género funcionam perfeitamente como estímulo à criação pessoal de cada um, tal como refere o autor.

5.3. Análise crítica da criação do produto Turístico para Évora- Évora, uma cidade vocacionada para o Turismo Literário.

Findas as atividades do Dia Mundial da Poesia, passou-se à criação de um produto turístico para a cidade de Évora que consistiu numa rota de Turismo literário, dadas as potencialidades a nível de património literário que a cidade possui. Procedeu-se à organização e à pesquisa intensiva de toda a informação literária que havia ao alcance e da que ia chegando (através de pequenas conversas com professores, sobre determinado escritor que havia passado pela

cidade ou que tinha nascido em Évora.) A necessidade de criação de uma rota literária prende-se com o facto de explorar os locais da cidade e os escritores que nela viveram ou que a tornaram palco das suas obras. Torna-se benéfica a constatação da criação de um produto deste género, pois como refere Coutinho et al (2016, p. 48), “o Turismo Literário é uma modalidade recente que tem como pressuposto a atração de turistas que buscam vivenciar sentimentos e emoções gerados por textos literários, extrapolar as limitações da imaginação e visitar fisicamente lugares e paisagens que inspiraram, atuaram como cenário, ou fizeram parte da vida de seus autores preferidos, dentre outros”. Uma aposta no desenvolvimento destes locais é fundamental, e trará impactos económicos para as regiões menos desenvolvidas (Sardo, 2009). A cidade ainda não possui nenhum roteiro literário bem estruturado que englobe um conjunto de escritores, e foi essencialmente por aqui que se iniciou esta vontade de criar esse roteiro. Para além de Évora possuir as potencialidades e a atmosfera ideal à concretização do produto, constata-se também, que é economicamente vantajoso. Como afirma Henriques e Henriques (2010) o turismo poderá apoderar-se dos escritores, das suas obras com vista ao desenvolvimento do turismo literário. Poderão ainda ser desenvolvidos, os festivais, e feiras alusivos à temática. Mendes (2007, p.87) afirma também que “o Turismo Literário tem como palco a promoção de locais onde há uma ligação directa entre a sua produção literária e artística e os turistas que as visitam. Trata-se de reflectir sobre o carácter decisivo que este factor (artístico ou literário) tem na escolha da visita”.

O trabalho de campo tornou-se essencial, a todos os sítios e ruas que estavam no contexto das pesquisas para a elaboração de uma rota literária, nomeadamente sobre os escritores e os seus passos na cidade, as casas onde viveram, onde trabalharam, tudo o que se pudesse interligar à rota constituiu uma mais-valia. Ao longo da pesquisa no trabalho de campo, entendeu-se a importância dos locais de visita, relacionados com os escritores e que se encontravam sem qualquer sinalização, como é o caso de alguns bustos e

túmulos, nomeadamente a capela mandada erguer pelo escritor Garcia de Resende, perto do convento do espinheiro. No sentido de proporcionar uma oferta literária, que neste caso passa pela estruturação da rota em questão, seria desejável uma reconstrução das cidades a partir da Literatura associada a monumentos, lugares, paisagens, histórias, sentimentos, tradições, contribuindo para a sua valorização (Henriques e Henriques, 2010).

Ao longo da construção do roteiro, verificou-se que algo tão importante se encontrava tão desvalorizado pelas entidades competentes, tratando-se, mais do que de benefícios económicos, da valorização do património. “A literatura possui um papel essencial para a cultura de um povo e insere-se como parte do património cultural imaterial local enquanto expressão artística e cultural” (Simões 2008, como referido em Coutinho et al., 2016, p. 35). Para a compreensão da ligação entre as três áreas Turismo, Cultura e Literatura é necessário abandonar a ideia de que a literatura é algo estático. Os textos literários poderão chegar ao turista através do património cultural material, imaterial ou natural (Simões 2008, como referido em Coutinho et al., 2016) e, “dessa maneira a literatura é transmitida tanto através da arquitetura quanto através de mitos, lendas, folclores, culinária, danças, entre outros (Simões 2008, como referido em Coutinho et al., 2016, p. 35).

Constatou-se que o património literário da cidade é vasto e que há locais/ monumentos que nos saltam à vista, e outros que requerem uma intervenção ao nível da recriação e sinalização. Essa falta de intervenção contribui para que a população não olhe para eles com a importância com que devia. Desta forma, interligar o turismo e a literatura torna-se vantajoso no sentido em que caminhamos para a criação de paisagens turístico-literárias, através da imitação da realidade pela literatura (Xicatto, 2008, citado em Henriques e Henriques, 2010). Através da quantidade de informação que compilamos compreendeu-se a dimensão da construção do produto que contémamos em mãos. Para além de se falar dos escritores, houve que procurar perceber alguma história sobre alguns locais, edifícios e monumentos históricos mencionados em obras, com o

objetivo de estabelecer algumas ligações com o escritor, e desse modo, decidir a sua inclusão na rota. A implementação deste produto está de encontro às necessidades do turista atual, um turista particular, que procura uma verdadeira experiência para posteriormente a poder “contar”, aos familiares, aos amigos, demonstrando-a através de testemunhos pessoais (fotos, comentários críticos) nas redes sociais (facebook, instagram, twitter) essa experiência. Este turista será aquele que sente a necessidade de tornar essa mesma experiência real, associando-a a um espaço físico, de modo a que a literatura não esteja apenas interligada a algo fictício, acrescentando-lhe credibilidade, fazendo alusão a um determinado espaço, que esteja intimamente ligado à obra literária (Sardo, 2009; Coutinho et al, 2016). Por outro lado, outra vantagem do turismo literário, como afirma Mendes (2007) prende-se com uma promoção de locais onde há uma ligação directa entre a sua produção literária e artística e os turistas que as visitam. Trata-se de reflectir sobre o carácter decisivo que este factor (artístico ou literário) tem na escolha da visita.

Um produto desta dimensão, estruturado num todo (incluindo autores e atividades) irá captar um maior número de público, nacional e internacional. Se forem estabelecidos protocolos com escolas e universidades em todo o país, ou mesmo fora dele, (com Espanha, por exemplo) será uma forma de potenciar a cidade, atraindo um maior número de visitantes durante o ano. Existe uma diversidade de leitores a quem este destino literário poderá interessar, assim como existem vários tipos de leitor, um destino literário terá que estar preparado para atender a essa diversidade. Pois como é evidente interpretar um texto literário não é uma tarefa fácil, a Literatura por si só é complexa e cheia de significados, e por vezes uma leitura não é suficiente para entendê-los. Como afirma Simões (citado em Coutinho et al., 2016), a literatura está para além de simples relatos, ela é capaz de “ressignificar” lugares, independentemente de serem ficcionados, e desta forma, impulsiona a visita de leitores, a sua convivência com a população, entendendo a sua cultura. O turista poderá sentir e viver uma cultura através da sua perspectiva de leitor. Apesar da sua

complexidade, e as suas vantagens não ressaltarem imediatamente à vista, é essencial aceitar que uma apropriação por parte do Turismo poderá trazer imensos benefícios em vários setores.

Outra questão que importa abordar, está relacionada com o conjunto de cidades que incorporam a rede de cidades literárias pela Unesco. Entre elas encontra-se a cidade portuguesa, Óbidos. Segundo o site da Câmara Municipal de Óbidos, torna-se evidente o sucesso desta cidade, que criou o FOLIO, festival literário, internacional de Óbidos, criando também uma rede de livrarias em todo o centro histórico e em locais improváveis, como é exemplo, uma antiga adega, uma escola primária desativada e alguns museus. Uma vez mais, importa reforçar que o turismo literário possibilita a recuperação e revitalização de sítios que, de outra forma, estariam destinados ao abandono e ao esquecimento. Por exemplo, se olharmos para o caso de Óbidos, chegamos à conclusão que os agentes culturais trabalharam num todo para adaptar toda a cidade em prol deste tipo de turismo e que alcançaram o esperado, o que vem reforçar o quanto vantajoso é para uma cidade, a implementação do turismo literário. Porém, se compararmos estas duas cidades, Évora e Óbidos, em termos do Património Literário que transportam, concluímos que, em Évora há raízes literárias, há uma presença de escritores que ecoa por toda a parte, Eça de Queirós viveu na cidade e aí fundou o jornal '*O Districto de Évora*', que posteriormente seria utilizado para uma escrita de ficção: *N'A Capital*, (romance que Eça deixou inédito), refere a cidade no seu primeiro romance- *O Crime do Padre Amaro*, sem mencionar a poetisa Florbela Espanca, ou Vergílio Ferreira, Diana de Liz, entre outros (...) No caso de Óbidos não existem referências a escritores deste nível. Existe uma reconstrução de espaços literários, há quem faça alusão à artificialidade e à manipulação construídas, e como afirma Marujo (2014) a cultura é o elemento diferenciador para uma maior atração turística, e por isso as estratégias para essa atração são: "vende-se a cultura, manipula-se a cultura com um único objetivo: atrair turistas" (Marujo, 2014, p. 2), tal como se verifica através do exemplo da cidade. Posto isto, Óbidos, sem grandes figuras literárias

de renome associadas, é ainda assim, um caso de sucesso em Portugal. Évora neste sentido, como contém um vasto património nato e de qualidade associado a ela, necessitaria apenas de uma forte aposta nas infra-estruturas necessárias: revitalização de espaços pertinentes, construção de outros pequenos espaços, preparação de pessoal especializado, atividades estrategicamente pensadas e dinamização de pontos literários, tal como a criação de eventos e atividades alusivas ao tema. Neste sentido, uma aposta estratégica em Évora, poderá funcionar, tornando-a um caso de sucesso, onde o turismo literário poderá vingar. Sublinhe-se que quanto maior for a diversidade do património cultural, maiores serão as oportunidades de se criar produtos diferenciados, com mais opções e atividades. Não é fácil fazer com que um turista pernoite numa cidade, especialmente, de pequena dimensão e, portanto, a preparação de um produto diferenciador englobando uma rota literária funcionará como um desafio a essa questão. Outro desafio refere-se à valorização de algumas relações no setor turístico. Para Coutinho et al. (2016, p. 50), o turismo literário “envolve em seus bastidores elementos e relações complexas que ainda precisam ser valorizadas para favorecer não apenas melhor compreensão sobre o assunto, mas também mais visibilidade e acesso tanto ao Turismo Literário quanto a Literatura”. Refira-se que Imensos escritores potenciam a cidade através dos seus escritos, o que contribui para a sua visibilidade, potenciando-a através das características por eles mencionadas, (ver tabela XXXV dos anexos).

Em forma de conclusão, estes são apenas alguns exemplos de autores que mencionaram Évora nos seus textos, no entanto, existem outros, que de igual forma tentam descrever a magia que só Évora contém. O que existe na cidade, acerca desta tipologia de turismo, é ainda extremamente reduzido. Existe um roteiro de Vergílio Ferreira com alguns locais por ele frequentados, sem visita agregada a um guia, ou qualquer tipo de promoção associada, (ver tabela XXVIII – anexo AAM) um livro intitulado *Évora na Literatura*, que conta com a autoria do núcleo de documentação da Câmara Municipal de Évora, entre outros autores. E, que foi realizado um colóquio para a comemoração dos 150 anos de Eça na

cidade de Évora, que contou com alguns oradores, nomeadamente a autora e docente da Universidade de Évora, Ana Luísa Vilela e Ana Teresa Peixinho da Universidade de Coimbra. Até ao momento, a valorização do património literário não tem merecido atenção por parte das entidades competentes.

Conclusão

Mais do que um estudo aprofundado de um tema, o trabalho de campo, permite ao investigador chegar a conclusões eficazes, penetrando na raiz da problemática. O estudo das áreas Turismo, cultura e Literatura funcionaram como suporte de tudo o que foi construído, ao longo de quatro meses. Durante este tempo, foi crucial aprender. Apesar de ser essencial investigar, propôr, criar, perceber, foi também importante retirar a minha própria aprendizagem no contexto da experiência. Foi possível entender o funcionamento interno da DRCA Alentejo, para posteriormente, compreender o meu papel de estagiária no contexto da entidade. Porém, nesse papel, senti que não houve o devido acompanhamento com vista a uma aprendizagem e evolução eficaz. Posso afirmar que a experiência ficou aquém das minhas expectativas, pela falta de uma orientação que pudesse auxiliar a colocar em prática as atividades propostas. Essa orientação compreende um défice no apoio dos materiais necessários à concretização dessas atividades e na falta de espaços à realização das mesmas.

Considero que, todo o trabalho desenvolvido foi útil no sentido de demonstrar o papel da Literatura na sociedade. Foi desafiante criar um produto que engloba as características da literatura. Apesar da literatura estar associada a algo intangível, (por estar, na maior parte das vezes, associada a algo fictício) como pude verificar, quando bem explorada pode gerar diversas vantagens económicas num destino turístico.

As atividades propostas incluíram uma sensibilização para a poesia, adaptada aos vários tipos de público, e a construção de um roteiro literário, que tanto deu gosto criar. E, de facto comprovou-se que a construção desse roteiro em Évora é uma forma de valorizar o património literário que a cidade transporta. Este trabalho de campo foi essencial na demonstração das potencialidades literárias de Évora, através da pesquisa intensiva aos documentos antigos, jornais, revistas, espólios, onde pudemos interligar as informações que íamos

selecionando. Nesta sequência, compilou-se os registos dos escritores na cidade e, nesse propósito construiu-se a rota, ao mesmo tempo que se foi descobrindo o património literário. Entre ruas, bustos, monumentos, túmulos, capelas, espólios, a falta de sinalética tornou-se evidente e a principal razão de indignação. A falta de uma aposta de agentes culturais neste sentido deixa ao abandono estes valores literários que a cidade contém, ainda que, por si só emane uma atmosfera literária que não pode ser ignorada.

A estruturação de um produto como este fez ver a importância que o património tem para uma cidade, e entender que a sua criação foi necessária, pois até ao momento ainda ninguém se tinha dedicado a registar a presença de escritores em Évora. Apesar de ter sido uma tarefa difícil e de estar ao meu encargo todas as deslocações aos locais, posso afirmar que a sua concretização foi bem-sucedida, uma vez que pude encarnar o papel de investigadora e perceber o seu trabalho.

Pude constatar que a cidade necessita de ser alvo de algumas intervenções, com vista a melhorar a sua oferta turística e que a aposta no turismo literário, promovendo-o de forma eficaz, e como afirma Castro e Souto (2010) pode ser uma forma de fortalecer as identidades culturais, contribuindo para o desenvolvimento económico e social das comunidades. Para tal, deve cruzar-se uma articulação de esforços com o poder local, de modo a fomentar ações, contando com a participação dos devidos interlocutores (Castro e Souto, 2010).

Ao longo da realização do trabalho, como já referi anteriormente, a aprendizagem pessoal foi o foco, e como tal, ensinou-me a olhar para as coisas de forma diferente. Ao longo de 4 meses, a minha atenção em torno dos espaços que me rodeavam mudou significativamente, no sentido em que passei a reparar mais nos pequenos pormenores dos objetos, e a refletir acerca do que eles poderiam significar no contexto do trabalho em curso. Alguns dos pontos que foram descobertos eram-me desconhecidos, contudo, os espaços onde essas descobertas foram feitas, não o eram, o que remete ao facto de estarmos alheios

ao que nos rodeia e de não lhes atribuir a importância que eles deveriam merecer.

O turismo literário pode ser de facto um contributo para a cidade de Évora. Através dele pode ser possível captar mais turistas/visitantes para este destino. Por outro lado, pode ser também uma forma de valorizar a cultura literária daqueles que escreveram e passaram por esta cidade.

Referências bibliográficas

Almeida, D., Fumega, J., Alves, T. (2009). Cinema e Turismo. *Turismos de Nicho: Motivações, Produtos, Território*, 353-367.

ARANTES, V. A. (2006). *Humor e alegria na educação*. Grupo Editorial Summus.

BARDIN, L. (1977). Análise de conteúdo. *Lisboa: edições*, 70, 225.

Barretto, M. (2007). *Cultura e turismo*. Papyrus Editora.

Boavida, T. (2010). Os museus, o património e as dinâmicas urbanas: o caso de Coimbra. *Informação ICOM Portugal*.

Candido, A. (2012). A literatura e a formação do homem. *Remate de males*;

Carvalho, A. (2011). *Os Museus e o Património Cultural Imaterial: Estratégias para o Desenvolvimento de Boas Práticas*. Edições Colibri; CIDEHUS - Universidade de Évora.

CASTRO, A. L. S. D. (2013). Museu e turismo: uma relação delicada.

Chiaromonte, E. (2012). QUE É A LITERATURA, AFINAL?. *Revista Educação-UNG*, 7(2), 18-24.

COUTINHO, F.; FARIA, D. e FARIA, S. (2016). Turismo literário: uma análise sobre autenticidade, imagem e imaginário. albuquerque – revista de história. vol. 8, n. 16. p. 31-50.

D'Almeida, F. (1946). *O país das uvas*, conto “ O menino Jesus do Paraíso.” Disponível online em:

<http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?ID=86#>

Damásio, A. (1994). *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. Disponível em:

https://drive.google.com/file/d/0B6e_yNLSHPIMDkwM2M0MTktYzlkNS00MTQ2LTg3YzUtNWQ1YzFIMzZjMmU3/view?ddrp=1&hl=pt_PT#

Da Silva, E. P. (2000). Património e identidade. Os desafios do turismo cultural. *Antropológicas*, (4), 217-224.

Eagleton, T. (2001). O que é literatura. *Teoria da Literatura—Uma Introdução*, 1-22.

Eliot, T. S. (1988). Notas para uma definição de Cultura. [PDF] Recuperado de <https://www.pdf-archive.com/2017/05/24/t-s-eliot-notas-para-uma-definic-o-de-cultura/t-s-eliot-notas-para-uma-definic-o-de-cultura.pdf>

Fernandes, S. C. E. (2016). *Turismo em Espaço Rural* (Doctoral dissertation).

Godoy, A. (1995) Pesquisa Qualitativa Tipos Fundamentais. Revista de Administração de Empresas. 35, (3), 20-29. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>

Grilo, M. Ludovina; Antonieta Félix, *Évora na Literatura – Contribuições para uma Antologia*, Núcleo de Documentação, DCHPCT, CME, 1ª Ed., Dezembro 2012.

Guerra, J, & Vieira, A. (2010). *Aula viva*. Literatura Portuguesa 10º ano. (3ª ed). Porto editora.

Hayata, K. S., & Madril, M. L. (2012). *Turismo cinematográfico: um novo segmento para o desenvolvimento turístico*. São Paulo: Cásper Líbero. Disponível em: < http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/export/sites/default/dadosefatos/outros_estudos/downloads_outrosetudos/Graduaxo_2_LUGAR.pdf>. Acesso em, 6.

Henriques, C., & Henriques, L. TITULO: Turismo Literário em cidades da periferia europeia. O caso de Lisboa e Dublin.

Köhler, A. F., & Durand, J. C. G. (2007). Turismo cultural: conceituação, fontes de crescimento e tendências. *Turismo-Visão e Ação*, 9(2), 185-198. Disponível via google em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/204/174>

Lei n. 47/2004. (2004). *Aprova a Lei Quadro dos Museus Portugueses*. *Diário da República - I Série - A* 5379. Nº 195 - (04- 08- 19);

Low, T. (2004). What is a museum. *Reinventing the museum: Historical and contemporary perspectives on the paradigm shift*, 30-43. Disponível via google académico em:

[https://books.google.es/books?hl=pt-PT&lr=&id=NFBlyE14qWoC&oi=fnd&pg=PA30&dq=Low,+T.+\(2004\).+What+is+a+museum.+Reinventing+the+museum:+Historical+and+contemporary+perspectives+on+the+paradigm+shift,+30-43.&ots=NnQkXobrM6&sig=tjIYVohCCFtzP6ZOMI4oyU0VAac#v=onepage&q&f=false](https://books.google.es/books?hl=pt-PT&lr=&id=NFBlyE14qWoC&oi=fnd&pg=PA30&dq=Low,+T.+(2004).+What+is+a+museum.+Reinventing+the+museum:+Historical+and+contemporary+perspectives+on+the+paradigm+shift,+30-43.&ots=NnQkXobrM6&sig=tjIYVohCCFtzP6ZOMI4oyU0VAac#v=onepage&q&f=false)

Martins, C., Sadlier, J.D., Lisboa, J., Cristóvão, F., Nery, I., Carreira, N.J., ...Santos, C. (2009). *Literatura de viagens : da tradicional a nova e a novíssima : marcas e temas*. Coimbra. Edição Almedina.

Marujo, N. (2012). A Observação participante na investigação em turismo. *Revista TURYDES*, v.5 (13), p.1-10.

Marujo, N. (2014). A Cultura, o Turismo e o Turista: que relação? *Revista TURYDES*, V.7 (16), p.1-12

Marujo, N., & Santos, S. (2014). Os espaços museológicos na promoção do destino Évora (Portugal): estudo de caso”, *Revista TURYDES*, V.8(17), p.1-12.

Marujo, N., Serra, J., & Borges, M. (2013). Turismo cultural em cidades históricas: a cidade de Évora e as motivações do turista cultural. *TURyDES–Revista de Investigación en Turismo y Desarrollo Local*, 6(14), 1-10.

Mendes, J. A. (2013). *Estudos do património: museus e educação, 2ª edição*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press.

Mendes, M. (2007). Na senda da estética e poética dos itinerários turísticos e literários: o Vale do Lima. Tese de Mestrado em Turismo. Universidade de Aveiro.

Mendes, M. D. C. F. T. (2013). Ampliação. O caso específico dos museus.

Milheiro, E., & Melo, C. (2005). O Grand Tour e o advento do turismo moderno. *Revista Turismo e Desenvolvimento*, 114-118.

Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, 3ª edição; Brasília (2010) Turismo cultura: Orientações básicas. Disponível online http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/download_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf

McCarthy, M. (2010). 9 We are family: IGLFA World Championships, London 2008. *Tourist Experience: Contemporary Perspectives*, 141.

Moisés, M. (1998). *A literatura portuguesa através dos textos*. Editora Cultrix.

Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação, Porto Alegre*, 22 (37), 7-32.

Moreira, F. J. D. M. (2008). O turismo e os museus nas estratégias e nas práticas de desenvolvimento territorial.

Pereira, Claudia Sousa, *Uma Certa Évora*, 2013.

Pérez, X. P. (2009). Turismo cultural. *Uma visão antropológica*.

Popper, K. R. (1978). *Lógica das ciências sociais*. Brasília: Universidade de Brasília.

Ramos, p., Nabais, A., Gil, F., Rocha -Trindade, M., Carvalho, J., Ribeiro., ...Carvalho, A.(1993). *Museologia*. Universidade aberta.

Richards, G. (2009). Turismo Cultural: padrões e implicações. CAMARGO, P; CRUZ, G. *Turismo Cultural; estratégias, sustentabilidade e tendências*. Ilhéus: Editus.

Richards, G. W. (1996). Cultural tourism in Europe. VF P2-02. Disponível em Google:

http://www.tram-research.com/cultural_tourism_in_europe.PDF

Salgueiro, V. (2002). Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*, 22(44), 289-310.

SARDO, A. N. (2009). Turismo Literário: A importância do património e dos sítios literários para o desenvolvimento turístico regional. *Turismos de Nicho: Motivações, Produtos, Território*, 339-352.

Sêcco, G. C. (2002). CANTIGA DE AMIGO. *UniLetras*, 24 (1).

Silva, J.P. (2005). Évora – *Cidade Esotérica e Misteriosa*. Europress;

Sousa, M. J. e Baptista, S. C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios*. (3.^a ed.). Lidel – edições técnicas.

Watson, N. (Ed.). (2009). *Literary tourism and nineteenth-century culture*. Springer.

Webgrafia

Amorim G. (2015, Fevereiro 16). *Ciência mostra os benefícios que a Literatura produz no cérebro*. Disponível em <http://www.blogdogaleno.com.br/2015/02/17/ciencia-mostra-os-beneficios-que-a-literatura-produz-no-cerebro>

Antunes da Silva em Évora
<http://viverevora.blogspot.pt/2013/07/vida-e-obra-de-antunes-da-silva-ou-o.html>
acedido em 18 de Maio de 2017

Diana de Liz em Évora
<http://viverevora.blogspot.pt/2010/11/diana-de-liz.html> acedido em 15 de Maio de 2017.

Évora – Largo Luís de Camões, antigo largo da Porta Nova
<http://viverevora.blogspot.pt/2012/09/evora-perdida-no-tempo-porta-nova.html>
acedido em 12 de Maio, 2017.

James, S. (2013). *Dublin uma cidade de escritores*. “Epoch Times.” Disponível em: <https://www.epochtimes.com.br/dublin-cidade-escritores/#.WT6egVXyvIV> (citação de James joyce e dos escritores que iniciaram as suas jornadas literárias em Dublin - acedido em Junho 7, 2017).

James Panero. (2016) .*The museum of the present*. Recuperado em 11 de Agosto, 2017 de <http://jamespanero.com/writing/2016/12/the-museum-of-the-present.html>

Óbidos, Vila Literária
<http://obidosvilaliteraria.com/>

Revista ÉVORA MOSAICO nº 4 – Janeiro, Fevereiro, Março 10 | EDIÇÃO: CME.
Disponível online em:
<https://www.cm-evora.pt/pt/site-viver/culturaepatrimonio/cultura/equipamentosculturaismunicipio1/livraria-municipal/documents/mosaico4.pdf>

Significado de *colunata*- Dicionário acedido em <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/colunata/17999/>

Significado de santíssima Trindade segundo a doutrina cristã
<http://www.franciscanos.org.br/?p=37229>

Vivências de Galopim de Carvalho em Évora, no antigo largo da Porta Nova
<http://dererummundi.blogspot.pt/2014/03/porta-nova-evora-anos-40.html>
acedido em 12 de Maio de 2017

Anexos

Na impossibilidades de colocar toda a biografia referente aos escritores que incorporam o roteiro, seguem apenas as seguintes: Florbela espanca, Gabriel Pereira, Antunes da Silva, Celestino David, Garcia de Resende, André de Resende, Vergílio Ferreira.

Florbela Espanca

A poetisa Florbela Espanca nasceu em Vila Viçosa a 8 de Dezembro de 1894 e faleceu em Matosinhos a 8 de Dezembro de 1930. Desde cedo, surgiram os tumultos na sua vida. A mulher do seu pai – Mariana do Carmo Toscano - era estéril e, por isso, João Maria Espanca relacionou-se com uma camponesa – Antónia da Conceição Lobo e, assim nasceram os seus filhos – Florbela e Apeles. Embora tenham sido criados em sua casa, João Espanca não os reconheceu como filhos, ficaram registados como filhos de Antónia e de pai incógnito (só reconheceu Florbela coo filha 18 anos após a sua morte). Florbela foi baptizada como Flor Bela Lobo, no entanto optou por se autnomear Florbela d’Alma da Conceição Espanca.

OBRA: “Autora polifacetada: escreveu poesia, contos, um diário e epístolas; traduziu vários romances e colaborou ao longo da sua vida em revistas e jornais de diversa índole, Florbela Espanca antes de tudo é poetisa. É à sua poesia, quase sempre em forma de [soneto](#), que ela deve a fama e o reconhecimento. A temática abordada é principalmente amorosa. O que preocupa mais a autora é o amor e os ingredientes que romanticamente lhe são inerentes: solidão, tristeza, saudade, sedução, desejo e morte. A sua obra abrange também poemas de sentido patriótico, inclusive alguns em que é visível o seu patriotismo local: o soneto "No meu Alentejo" é uma glorificação da terra natal da autora.

Somente duas antologias, [Livro de Mágoas](#) (1919) e [Livro de Sóror Saudade](#) (1923), foram publicadas em vida da poetisa. Outras, [Charneca em Flor](#) (1931), [Juvenília](#) (1931) e [Reliquiae](#) (1934) saíram só após o seu falecimento.”

In https://pt.wikipedia.org/wiki/Florbela_Espanca#Obra (consultado em 19 – 04 – 2017)

“Em Outubro de 1908, com 13 anos de idade, Florbela Espanca deixou Vila Viçosa e foi viver, com a família, para Évora, onde permaneceu até aos 19 anos, para

então deixar o Alentejo, aquando do seu primeiro casamento. Durante a sua vida, Florbela regressará muitas vezes a Évora, onde permanece temporadas, sempre em casa de seu pai, João Maria Espanca, na Rua de Avis, de início, depois no Largo Camões, por último na Rua João de Deus. Só deixará a cidade, para sempre, em finais de Julho de 1930 (...)

Locais onde viveu:

- Rua de Avis nº5 e nº 61 (1908 – 1912)
- Largo Luís de Camões nº 39 (1913 (com uma curta estadia no Redondo no início desse ano) – 1916)
- Rua 5 de Outubro (na altura Rua da Selaria) nº75 (1916 - referida em carta de Outubro deste ano)
- Rua Diogo Cão nº 30 (1917 – referida em carta de Março de 1917)
- Rua João de Deus nº 28 (1930 – morada familiar onde esteve, em Julho de 1930, cinco meses antes da sua morte)

In *Roteiro Florbeliano* realizado pelo Grupo Pró-Évora

Locais que frequentava:

“O primeiro namorado parece ter surgido em 1911 e foi um idílio sem consequências. Juntos preenchiam requisições de livros na **Biblioteca Pública de Évora.**”

“Corriam os anos de 1914, 15 e 16, temo-la a fechar-se na **Biblioteca Pública** da cidade, «a consultar tudo o que podia».”

In *Expresso* (27 – 07 – 1985)

Actualmente, na BPE, encontra-se parte do Espólio da poetisa, que contém: fotografias, pinturas, objectos pessoais, poemas escritos à mão por Florbela, cartas pessoais destinadas ao seu professor Guido Battelli (sendo que a última carta data de dois dias antes da morte da escritora), fitas com as quais foi homenageada e o último exemplar que a escritora possuía da obra *Soror Saudade*.

“Antes de regressar a Itália, Guido Battelli, entrega na Biblioteva de Évora as cartas trocadas com Florbela, com ordem de permanecerem lacradas durante dez anos. Dava-lhe a ele, homem velho, tempo de morrer. Florbela, essa, começava a viver depois da morte.”

In *Expresso* (27 – 07 – 1985)

“Em Évora, Celestino David recebeu o espólio de Florbela E., que Gudo Battelli lhe enviou para o depositar na Biblioteca Pública, com destino ao Arquivo Distrital. Com Florbela, desapareceu também o exemplar do “Zé Pipocas”, revista ilustrada, composta e escrita por Túlio Espanca, o maior jovem romancista português” (sic), então com 14 anos de idade, e que a poetisa lhe pedira, pela graça que lhe achou”. M.R.”

In *Público* (23 – 08 – 1993)

Local onde estudou e Obra:

“Foi uma das 19 primeiras alunas do **Liceu de Évora**. Nesta cidade, Florbela terminou o livro-caderno que primeiro escreveu, “Trocando Olhares”. “Évora!... O teu olhar... O teu perfil.../ Tua boca sinuosa, um mês de Abril/ Que o coração no peito me alvoroça!/ ... Em cada viela um vulto dum fantasma... / E a minh’alma soturna escuta e pasma... / E sente-se passar menina e moça...”, recordará mais tarde.”

Poema: “À JANELA DE GARCIA DE RESENDE”

Janela antiga sobre a rua plana...

Ilumina-a o luar com seu clarão...

Dantes, a descansar de luta insana,

Fui, talvez, flor no poético balcão...

Dantes! Da minha glória altiva e ufana,

Talvez... Quem sabe?... Tonto de ilusão,

Meu rude coração de alentejana

Me palpitasse ao luar nesse balcão...

Mística dona, em outras Primaveras,

Em refulgentes horas de outras eras,

Vi passar o cortejo ao sol doirado...

Bandeiras! Pajens! O pendão real!

E na tua mão, vermelha, triunfal,

Minha divisa: um coração chagado!...

FLORBELA ESPANCA

in "Sonetos"

Ed. Ulisseia, 1991

166 páginas

Poema: “Évora!”

Évora! Ruas ermas sob os céus

Cor de violetas roxas ... Ruas frades

Pedindo em triste penitência a Deus

Que nos perdoe as míseras vaidades!

Tenho corrido em vão tantas cidades!

E só aqui recordo os beijos teus,

E só aqui eu sinto que são meus

Os sonhos que sonhei noutras idades!

Évora! ... O teu olhar ... o teu perfil ...
Tua boca sinuosa, um mês de Abril,
Que o coração no peito me almoroça!

... Em cada viela o vulto dum fantasma ...
E a minh'alma soturna escuta e pasma ...
E sente-se passar menina e moça ...

Relação com Túlio Espanca e sonetos com referência à cidade:

“Um rapaz que frequentava a sua casa, seu primo direito e afilhado Túlio Espanca, que lá privava com a companhia culta dos que aí se reuniam. “Recordo-me até de, numa dessas reuniões, ter ouvido da boca de Florbela os sonetos ‘Évora’ e ‘À Janela de Garcia de Resende’”, disse o historiador entretanto falecido ao *Público*.”

In *Público* (18 – 01 – 1991)

Hoje em dia, na Sala do Governo Civil do Colégio do Espírito Santo, encontra-se o espólio do primo e afilhado da poetisa – Túlio Espanca, que contém: documentos pessoais, fotografias (onde também se vê Florbela), condecorações, diários, a sua máquina de escrever, entre outros. Numa das varandas do mesmo edifício (CES) encontramos também a estátua de Túlio Espanca. E está hoje, sepultado no Cemitério de Nossa Senhora dos Remédios em Évora, ao lado de outros escritores da cidade.

Busto de Florbela Espanca:

“Muitos, muitos anos mais tarde, uma senhora de Évora recorda que, na cidade, havia um busto de Florbela que as senhoras respeitáveis e as meninas do liceu evitavam olhar por pudor, Florbela tornara-se a mulher escandalosa. Curioso itinerário o desta mulher nascida num recando do Alentejo, feminista «avant-la-lettre», fumadora de boquilha e devoradora de liberdade, arrastando atrás de si uma infelicidade mítica, casamentos destruídos, maternidades incompletas e um intenso desejo de ser diferente e reconhecida como tal.”

In *Expresso* (27 – 07 – 1985)

No **Jardim Público de Évora** encontramos estátuas de diversas personalidades, de entre elas, o busto de Florbela Espanca, mandado colocar pelo Grupo Pró-Évora.

Outros lugares relevantes:

- Livraria Nazareth;
- Colégio de D^a Salvadora Mosca (onde Florbela trabalhou, a partir de Outubro de 1916, Rua Diogo Cão, 40);

- Rua das Fontes e Rua de Machede (onde moraram companheiras de estudo de Florbela);
- Sede do jornal Notícias de Évora (onde Florbela publica pela primeira vez na vida em 2 de Julho de 1916);
- O Jardim e a Mata públicos, segundo Celestino David, lugar de passeio assíduo de Florbela;
- O itinerário que liga o centro à Estação de caminho de ferro (lugar sistemático de chegada e parte dia de/a Évora).

Adaptação feita a partir de *Roteiro Florbeliano* realizado pelo Grupo Pró-Évora

Curiosidades:

► Em 1993 foi rodada na zona de Évora sob a direcção de Francisco Manso a série “Outonos”, onde o episódio 4 “Nostalgia”, com o argumento de Miguel Faria.

“Neste programa dedicado à poetisa Florbela Espanca, é apresentada uma breve resenha histórica da sua vida pessoal, e também enquanto escritora. Teresa Madruga, Pedro Barbosa e António Capelo fazem a reconstituição dos últimos anos melancólicos e sóis da vida da poetisa, desde a mudança de Évora para Matosinhos, em 1930, onde tenta recuperar da doença de insónias de que padece desde a morte do seu irmão, Apeles, intercalando com leituras de alguns dos mais conceituados poemas da autoria de Florbela Espanca.”

In <http://www.rtp.pt/programa/tv/p14981/e4> (consultado em 28 - 03 -2017)

“As filmagens decorrem em ambientes e cenários que se pretendem rigorosos em relação à época e aos cenários reais da vida de Florbela (...). Um pátio da casa de Évora, uma rua da cidade, a Biblioteca Pública, as torres da Sé (...)

In *Público* (23 – 08 – 1993)

► De 19 de Novembro a 10 de Dezembro de 1994 esteve no Museu de Évora uma exposição bibliográfica e iconográfica sobre Florbela Espanca.

- No mesmo âmbito, das comemorações do 1º Centenário de Florbela Espanca, O Grupo Pró-Évora, em 1994, organizou um ciclo de conferência sobre a poetisa. E também um roteiro Florbeliano.

► Existe, actualmente, em Évora o restaurante Fanatismo, localizado em pela Praça do Giraldo, que é alusivo à sua poesia. Encontramo-la por toda a parte, nas paredes e nos pratos do restaurante podemos encontrar gravados excertos do poema que dá nome ao próprio restaurante, o poema “Fanatismo”, entre outros.

Tabela IV

Gabriel Victor do Monte Pereira

Gabriel Victor do Monte Pereira nasceu em Évora a 7 de Março de 1847 e faleceu em Lisboa a 13 de Outubro de 1911. Era filho de António Pereira da Silva, professor no liceu de Évora e de Luísa do Monte Pereira descendente de uma antiga família de lavradores [eborenses](#).

Entre 1888 e 1902 foi conservador e director da [Biblioteca Nacional](#). Desempenhou também o cargo de Inspector das Bibliotecas e Arquivos. Era apaixonado pela história e a arqueologia, encontrou em Évora um conjunto de fundos bibliográficos e arquivísticos assim como um vasto espólio arqueológico de suporte ao seu trabalho enquanto erudito.

Traduziu do latim os grandes escritores gregos e romanos, nomeadamente [Estrabão](#) e [Plínio](#), que caracterizaram a geografia da [Península Ibérica](#). Estas obras constituem ainda hoje uma fonte importante para o exercício da arqueologia.

Uma das suas obras mais conhecidas: "Estudos Eborenses" constitui uma importante referência para a história da cidade de Évora. Para além de estudos históricos produziu algumas obras integradas no género "literatura amena", que na terminologia [oitocentista](#) designava a literatura ligeira em forma de conto ou romance.

Foi um conservador e diretor da [Biblioteca Nacional](#). Trabalhou na Santa Casa da Misericórdia de Évora em 1872. Foi vereador da Câmara Municipal de Évora. Fundou a Biblioteca Municipal de Évora.

Existe em Évora uma rua com o nome do escritor (antiga Rua da Ladeira), está identificada a casa onde este nasceu. Na placa que a identifica, lê-se: "Nesta casa nasceu em 7 de Março de 1847 Gabriel Victor do Monte Pereira. Honra das letras pátrias e justo orgulho da terra que lhe foi berço a qual por este modo presta homenagem a sua memória e aponta o seu nome ao respeito dos vindouros." – Esta casa (sinalizada como "Casa do Escritor") funciona hoje como Alojamento Local.

"Gabriel Pereira dá-nos narrativas vivamente coloridas, como «Procissões Eborenses», «Festejos de Évora em 1729» e ainda os «Assédios de Évora»."

" (...) Gabriel Pereira, escritor operoso, amante das coisas belas, cujo estímulo visível é o entranhado amor à nobre cidade de Évora (...)."

In Artigo "Gabriel Pereira – Notas sôbre os «Estudos Eborenses»"

Tabela V

Antunes da Silva

A vida de Armando Antunes da Silva foi essencialmente marcada por três grandes paixões: a escrita, o Alentejo e a prática democrática. Na literatura foi o que se pode chamar um escritor regionalista, dado que toda a temática da sua obra se centra naquilo a que chamou de “**Pátria Alentejana**”, socorrendo-se de uma linguagem linear, fácil e atraente. Pertenceu à segunda geração do neorrealismo, cujos mecanismos de representação narrativa se fundavam nos conflitos sociais que colocavam predominantemente em cena camponeses, operários, patrões e senhores da terra.

Antunes da Silva nasceu em Évora em 1921, na **Porta Nova** (actual Largo Luís de Camões), onde também foi criado.

Depois de feita a instrução primária matriculou-se na **Escola Comercial e Industrial de Évora** (Actual Escola Gabriel Pereira).

Escreveu um livro de crónicas denominado “Alentejo é Sangue”. Nessas páginas lembrará como uma dádiva de saudade as imagens da vida de todos: na escola primária, na escola industrial, no jogo da bola no Buraco dos Colegiais, no velho Convento do Salvador; ou confeccionando uma gazeta pícara, datilografada, onde havia aprendizes de prosador, com saibo pelos pactos do amor e da amizade, e jornalistas sensíveis; brincando aos detetives e aos poetas, vagabundos noturnos dentro das ruas da nossa cidade, povoada de lendas, dos nichos, arcos, alcárcovas, poiais e catacumbas; no Jardim Público, ouvindo a música no coreto e namorando as moças – «tribunos de uma adolescência exaltante, pachorrenta e livre».

Estando ligado à política, chegou a ser detido. Em Évora não tinha a mínima tranquilidade, perseguido que era constantemente pela PIDE, que destinara para a sua vigilância um indivíduo sem quaisquer escrúpulos, vigarista consumado e pederasta conhecido. Atendendo às circunstâncias, Antunes da Silva rumaria a Lisboa em 1948.

Outras obras: “Vila Adormecida” (1948); “Sam Jacinto” (1950); “O Aprendiz de Ladrão” (1954); “O Amigo das Tempestades” (1958). E em 1960 estreia-se no romance com “Suão” (1960) - título que o consagrará ao obter o “Prémio dos Leitores” do “Diário de Lisboa” e despertar a curiosidade dos críticos além-fronteiras; “A Fábrica”.

Colaborou também em diversos periódicos, entre os quais “O Comércio do Porto”, “Diário Popular”, “Diário de Lisboa” e “República”, entre os de expansão nacional. No Alentejo brilhou as páginas da “Democracia do Sul” (Évora) e do “Diário do Alentejo” (Beja). Teorizou sobre o neorrealismo nas revistas “Vértice” e na “Colóquio”. Em 1987 foi-lhe atribuído o Prémio de

Jornalismo do II Congresso sobre o Alentejo, realizado na capital do Baixo Alentejo. Antunes da Silva também foi poeta. Em 1952 lançou “Esta Terra Que é Nossa” e em 1957 “Canções do Vento”,

EM 1986, ano do seu regresso, casou com Maria Gisela, passando o casal a viver na **Alcárcova de Baixo**.

Passará os últimos anos da sua vida a ler e a conversar com os amigos nas **arcadas da Praça**, nunca desperdiçando uma oportunidade para um bom petisco, acompanhado de um copo de tinto alentejano. Foi um homem bom, afável mas discreto, que não gostava de se colocar em bicos dos pés e por isso mesmo recusava sempre com elegância convites para colóquios e debates. Faleceu em 21 de Dezembro de 1997 e está agora sepultado no **cemitério de Nossa Senhora dos Remédios** (a lado de António Francisco Barata, Gabriel Pereira, Túlio Espanca, Mário Chicó).

Adaptado de <http://viverevora.blogspot.pt/2013/07/vida-e-obra-de-antunes-da-silva-ou-o.html>

“Antunes da Silva tornou-se escritor e os livros que escreveu em prosa e em verso reflectem bem a paisagem alentejana e a vida tantas vezes heróica das suas gentes.”

António Galopim de Carvalho

Curiosidades:

- A autarquia deu o seu nome a uma das ruas;
- Chegou a ser dirigente do Juventude Sport Clube (de Évora);
- Frequentava o Café Arcada;
- Foi director do *Notícias do Sul*.

Tabela VI

Celestino David

- Nasceu a 14 de Janeiro de 1880, na freguesia de Santa Maria Maior, concelho de Covilhã.
- Faleceu em Évora a 28 de Setembro de 1952.
- Em Coimbra tornou-se bacharel em Direito (1902) - foi lá que conheceu um grupo de discípulos ilustres, que mais tarde se notabilizaram quer na administração pública, quer como poetas, escritores ou jornalistas.

- Em Fevereiro de 1912 tornou-se Secretário do Governo Civil de Évora, donde foi transferido a seu pedido, a 16 de Agosto de 1935, para Santarém. Mas, acabou por regressar a Évora e a 16 de Novembro de 1919 realizou um seu antigo sonho - criou e fundou o Grupo Pró-Évora, cujo objectivo era defender o património artístico e monumental de Évora.

- Possuía diplomas de sócio de várias instituições de arte, ciências e literárias.

- Em 1950, foi nomeado pelo Governo, quando atingiu o limite de idade como funcionário público e, Évora conferiu-lhe o diploma de Cidadão Eborense.

- Da sua extensa obra destacam-se: *Évora Encantadora, Évora, a Sempre Bela, Alentejo Terra de Solidão, Évora, Catedral do Silêncio, Poemas Alentejanos, Alentejo, Meu Amor, Eça de Queiroz em Évora, A Vida Sentimental de José Dominguiso, Henrique Pousão - O Pintor Alentejano, O Romance de Florbela Espanca e Dordio Gomes - Pintor Alentejano*, entre outros.

Quem vem do Hospital Velho para o Largo da Porta de Moura subindo pela íngreme Rua Dr. Joaquim Henrique da Fonseca, há-de reparar que, à sua direita, na frontaria do número 19, está colocada uma lápide marmórea comemorativa do 1º. Centenário do nascimento de Celestino David, figura pouco conhecida dos actuais eborenses. No sucinto epitáfio se pode ler, em termos da homenagem que lhe foi prestada pela cidade e pelo Grupo Pró-Évora: «Nesta casa faleceu em 28-9-1952 Celestino David, escritor e poeta beirão que a Évora e seu tempo regional deu todo o seu talento de homem público e de artista».

Tabela VII

Garcia de Resende

Nasceu em [Évora](#) no ano de [1470](#), de uma família nobre, a que pertencem dois humanistas ilustres: André de Resende e André Falcão de Resende. E faleceu também em [Évora](#), a [3 de Fevereiro](#) de [1536](#).

Contemporâneo de Gil Vicente e de Sá de Miranda, Garcia de Resende desenvolveu na corte o seu talento de escritor e de artista. Foi

um [poeta](#), [cronista](#), [músico](#), desenhador, granjeando ainda em vida uma aura de homem culto e ilustre.

Mas o que tornou Resende conhecido foi o [Cancioneiro Geral](#), publicado em 1516, que reuniu as composições poéticas produzidas nas cortes de [D. Afonso V](#) (1438-81), D. João II e D. Manuel I, tendo-lhe redigido um prólogo dedicado ao [príncipe D. João](#) e composto as quarenta e oito [trovas](#) com que encerra a obra. A partir de 1530 fixou residência em Évora para ultimar os seus escritos.

Outras obras: [Cancioneiro Geral](#) (1516); *Breve memorial sobre a confissão* (1521); *O sermão dos três reis magos* (1536); *Vida e Feitos del-rei D. João II* (1545); *Crónica de D. João II* (1545); *Miscelânea e variedade de histórias* (1554).

- Ainda de temática amorosa, as composições mais breves, cantigas, vilancetes, glosas, desenvolvendo frequentemente motes alheios, revelam a capacidade de exprimir num apuramento formal e lapidar os paradoxos da vassalagem amorosa.

O corpus poético de Resende no Cancioneiro inclui ainda composições de temática social que revelam uma postura crítica relativamente às transformações históricas e políticas que revolucionaram a sociedade, os seus costumes e a sua moral, na viragem do século XV para o século XVI.

In https://pt.wikipedia.org/wiki/Garcia_de_Resende (consultado a 20 - 04 - 2017) e *Garcia de Resende* in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-04-20 10:20:10]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/\\$garcia-de-resende](https://www.infopedia.pt/$garcia-de-resende)

- “Dizem os biógrafos que se doutorou em Teologia pela Ordem de S. Domingos, e que viajou pela Europa, onde se relacionou com os mais notáveis humanistas da época.

Foi apreciador e versado em antiguidades e – talvez mais pelo apreço em que deveria ser tida a sua vasta e profunda erudição do que pela recomendação (...)”

- “dedicado e leal moço de escrevaninha e cronista de suas histórias”

In *A Cidade de Évora* – Boletim da Comissão Municipal de Turismo – 17 – 18 – Ano VI – Março – Junho – 1949 (p.439)

Local onde se encontra o seu túmulo:

Capela do Espinheiro: “Naquela pequena capela, isolada na enorme cêrca do histórico convento onde D. Manuel teve conhecimento oficial da descoberta do

caminho marítimo para a Índia, repousam as cinzas (...) do famoso Garcia de Resende.

Pois a lousa que cobre a sepultura do imortal cronista foi daí arrancada e levada para a casinha dum lavrador, onde serviu de mesa, sendo perfurada ao centro para escoamento das águas.

Felizmente, embora mutilada, já há bastantes anos voltou ao lugar donde nunca devia ter sido afastada (...).”

In Artigo “Notas à margem de uma exposição de Fotografias Antigas” in A Cidade de Évora nº 1 – 4 – Citações:

*Sabe-se que foi Garcia de Resende que mandou edificar esta capela.

Acerca do Teatro Garcia de Resende (Évora):

“O teatro em Évora data da criação do teatro português.

O fundador aqui viveu; aqui representou muitos dos seus afamados autos – alguns em estreia – tendo até, segundo alguns investigadores, aqui falecido, repousando seus ossos na magestosa nave da igreja de S. Francisco (...).”

*Contém mais informações sobre o projecto/abertura do teatro (nas fotografias).

In Citação do artigo “O quinquagésimo aniversário do Teatro Garcia de Resende”

História do Teatro Garcia de Resende (pela CME):

- O Teatro Garcia de Resende, assim chamado em honra do renascentista eborense com o mesmo nome, é um dos que melhor representa os chamados «teatros à italiana» em Portugal. E está mesmo ao nível de alguns na Europa. Por exemplo, o célebre Scala de Milão.

- *“A exemplo de outros teatros construídos no séc. XIX, a construção do TGR resultou de uma iniciativa das elites locais, destinada a conter o desemprego e a criminalidade daí resultante. O grande proprietário José Ramalho Dinis Perdigão dinamizou a criação de uma Sociedade e, em 31 de Outubro de 1881, foi lançada 1ª. pedra.*

Só em 1890, no entanto, o Teatro estaria pronto a funcionar, após vários contratemplos, entre os quais a morte, em 1884, de Ramalho Perdigão. A viúva, D. Inácia Fernandes de Barahona, viria mais tarde a casar com o benemérito Dr. Francisco Barahona, que deu continuidade à obra.

O TGR seria inaugurado em 1 de Junho de 1892, na presença do infante D. Afonso, com uma peça de E. Schwalbach, “O Íntimo”, levada à cena pela Companhia de Teatro do D. Maria II.

Em 1941, um vendaval destelhou-o, e, tendo permanecido assim durante todo o Inverno, as pinturas foram danificadas. Para além disso, durante os trabalhos de recuperação foi roubado o revestimento interior em chumbo da cobertura, que garantia o isolamento térmico e acústico. Em 1943, a Câmara arrendou-o como teatro e cinema, autorizando alterações na plateia, que foi descaracterizada. Em 1969, uma intervenção desastrada alterou irremediavelmente a sua imagem original (fachada principal).

O TGR chegou a ser utilizado como depósito de lixo, até que, em 1975, na sequência da Revolução dos Cravos, foi ocupado pelo Centro Cultural de Évora, que a partir dali deu início à primeira experiência de descentralização teatral. Mas depois de profundas reformas levadas a cabo pelo município nos últimos 20 anos, mantém-se hoje como um espaço cultural de referência, gerido pelo CENDREV – Centro Dramático de Évora.”

In <http://www.cm-evora.pt/pt/site-viver/culturaepatrimonio/cultura/EquipamentosCulturaisMunicipio1/Paginas/TeatroGarciaResende.aspx> (consultado em 20 - 04 – 2017)

*O Teatro Garcia de Resende faz parte da Rota Europeia dos Teatros Históricos. (A Rota Ibérica da Rota Europeia de Teatros Históricos apresenta os teatros históricos mais interessantes de Portugal e Espanha: Na zona central do país, encontra-se o Teatro Garcia de Resende (1892), na cidade medieval de Évora, sendo o melhor exemplo do estilo Neo-Barroco de Portugal.)

In <http://www.perspectiv-online.org/pages/routen-in-anderen-sprachen/rota-iberica.php?lang=DE> (consultado em 20 – 04 -2017)

Acerca do jornal O Garcia de Resende:

- O jornal tinha a sua sede na Rua de Machede nº91.
- A 1ª série do jornal saiu a 15 de Março de 1908.
- O seu proprietário era: F. Luiz d’Oliveira.
- Descrição do Templo Romano presente neste jornal: “As columnas e o seu entablamento são de granito, os capitéis de ordem coríntia e as bases de mármore branco. A aplicação de granito e mármore branco são banais em Évora.”

In *O Garcia de Resende* (exemplares do jornal consultados na Hemeroteca)

Tabela VIII

Vergílio Ferreira

- **Em 1945** Inicia as aulas em Évora, no antigo Liceu Nacional, hoje pertença da Universidade da cidade de *Aparição*.

- **Em 1946**, casa, em 16 de fevereiro, em Évora, com Regina Kasprzykowski, professora de Educação Visual, nascida a 27 de julho de 1915, no Porto e de ascendência polaca:

“A Regina veio de Faro a Évora, onde eu estava, fomos ao Registo, viemos ao café para o ‘copo-d’água’. O copo-d’água foram bolos e um galão. Presente o nosso padrinho de casamento, que foi o Alberto Miranda, meu colega do Liceu. Fez questão de pagar a despesa. Pagou.” (Vergílio Ferreira, *Conta-Corrente* 3: 17).

- *Em 1959 publica o romance Aparição. No início desse ano letivo começa a dar aulas no Liceu Camões, em Lisboa.*

- *Em 1960, a Sociedade Portuguesa de Escritores atribui-lhe o Prémio Camilo Castelo Branco pelo romance Aparição.*

- *Em 1968, aquando da celebração dos vinte cinco anos de atividade literária de Vergílio Ferreira, é editada uma edição especial de Aparição, com ilustrações de Júlio Resende e apresentada no Porto e em Lisboa uma exposição bibliográfica.*

- Em 1996 é homenageado, por ocasião dos seus 80 anos, pela Universidade de Évora e pela Universidade Católica de Viseu, tendo estado presente na homenagem desta última, onde foram apresentadas a edição contendo as atas do Colóquio de Homenagem do Porto, realizado em 1993, e a brochura do seu Doutoramento *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra.

In <http://vergilioferreira.pt/1940-a/> (consultado a 20 – 04 – 2017)

Obra:

- **Ficção:** *A Curva de uma Vida; O Caminho Fica Longe; Onde Tudo foi Morrendo; Vagão J; Promessa; Mudança; A Face Sangrenta; Manhã Submersa; Apelo da Noite; Cântico Final; Aparição; Estrela Polar; Alegria Breve; Nítido Nulo; Apenas Homens; Rápida a Sombra; Contos; Signo Sinal; Para Sempre; Uma esplanada sobre o mar; Até ao Fim; Em Nome da Terra; Na Tua Face; Cartas a Sandra.*

- **Ensaio:** *Sobre o Humorismo de Eça de Queiroz; Do Mundo Original; Carta ao Futuro; Fenomenologia a Sartre; Interrogação ao Destino, Malraux; Espaço do Invisível (5 volumes); Invocação ao Meu Corpo; O Escritor Apresenta-se; Arte Tempo.*

- **Diário:** *Conta-Corrente (5 volumes); Pensar; Conta-Corrente Nova Série (4 volumes); Escrever; Diário Inédito.*

- **Traduções das obras:**

Alegria Breve – Edição Russa; Edição Francesa Gallimard; Edição Grega.
Aparição – Edição Italiana Besa; Edição Polaca; Aparición.

- Vergílio Ferreira visitou o Café Arcada no ano de 1946, havendo até uma referência a este espaço no seu romance *Aparição*.

- O Colégio do Espírito Santo, é um local onde o escritor Vergílio Ferreira foi docente e onde, desde 1997 é atribuído um prémio com o seu nome de forma a honrá-lo.

- Vergílio Ferreira viveu numa casa na Rua Doutor Augusto Eduardo Nunes, Nº5, entre 1949 e 1959, onde se pode ver uma placa que refere isso mesmo, foi uma forma de a cidade homenagear o escritor aquando do 40º aniversário do romance *Aparição*.

Na referida lápide pode ler-se:

“Vergílio Ferreira
28-1-1916 – 1-3-1996

Nesta casa viveu o escritor Vergílio Ferreira de 1949 a 1959 Homenagem da cidade de Évora No 40 aniversário da publicação do romance “APARIÇÃO” Abril 1999”

Curiosidades:

- Existe já um Roteiro de Vergílio Ferreira em Évora realizado pela Câmara Municipal de Évora. Está disponível no posto de Turismo e em tempos foi utilizado para a realização de visitas guiadas a escolas. Actualmente não existem visitas guiadas.
- A obra *Aparição* está agora a ser adaptada ao cinema, o que aumenta a visibilidade e o interesse do público pela obra.

- O espólio de Vergílio Ferreira encontra-se na Biblioteca Nacional desde 1997 e, entre outros, contém o manuscrito da obra *Aparição*.

In O espólio de Vergílio Ferreira (Revista Veredas nº8 – 2007)

Autor(es): Godinho, Helder; Turíbio, Ana Isabel

Publicado por: Associação Internacional de Lusitanistas

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/34552>

Accessed : 21-Apr-2017 14:31:55

Registos do jornal Conta-Corrente:

27 de Junho de 1980: «Tardes de infância, memória do Alentejo, tardes quentes de Évora longínqua. Vou pelos claustros do liceu, devo ir fazer exames talvez para a sala 8. Pelas janelas abertas, vejo as searas ao longe, a linha débil do horizonte. Uma rola canta nalgum quintal próximo, o Verão arde aos meus olhos deslumbrados, à minha memória longa e enternecida. Que vem fazer o passado onde não tem que fazer? Mas é o que vai sobrando da inexistência do futuro. Tardes do Alentejo, ó tardes quentes de Junho. Évora de nunca mais, ruas fulminadas de sol, arcarias da Praça, memória festiva dos dias de feira. Ilusão do que nunca existiu, e é a verdade perfeita no existir da evocação».

7 de Outubro de 1990: «Recordámos uma vez mais a Évora do nosso tempo e da gente que lá havia ou que lá houve e para essa gente ou a sua memória e para a cidade que foi nossa e é hoje uma ilha pequena na vastidão do que da cidade transbordou para fora das muralhas, mandei, mandámos a nossa saudade. Évora, Évora, eu vos saúdo com a memória serena e triste de quando lá fomos em alegria e esperança e projectos que nos enchiam a vida inteira e a deixaram quase vazia».

29 de Junho de 1992: «Lá fomos a Évora. Percorremos a rota da memória e de novo senti que um desajustamento profundo me separava já de tudo. Tudo estava como (quase) o imaginava e perdurava em mim mas confusamente sentia que eu já não era dali, que a cidade se me ausentara para uma estranheza que me tornava estranho. Mas lá revimos o que foi o nosso habitá-la. As ruas e praças, a Sé e o Templo de Diana, a rua da Mesquita, 28, ou seja a nossa casa agora desabitada e arruinada.

Revimos alguns amigos ou antigos alunos em encontros de acaso e foi sempre isso para eles e para mim, mas sobretudo para eles, motivo de grande excitação. Era o encontro com o passado e uma forma oblíqua de o recuperar. Fomos à feira de São João no Rossio, sentámo-nos nos bancos do jardim, fomos à praça em frente da Igreja de São Francisco. Fomos ao Alto de São Bento e quedámo-nos a olhar largamente o extraordinário espectáculo da cidade branca, desdobrada no horizonte da planície requeimada».

Citação de um dos seus ensaios – *Espaço do Invisível* – 5 (1998):

«Falo de mim e de vós, mas podia falar apenas da cidade. Porque mesmo essa, quando a ela volto, envelheceu imenso na realidade imóvel de ser. Imóveis estão estas pedras, estas ruas, estes claustros. E no entanto houve um tempo que neles se acumulou e nos tornam diferentes quando os volto a olhar. São outros sendo os mesmos, porque a distância de uma idade lhes embacia a realidade imóvel que é sua. De longe vos saúdo a vós e à cidade, com a emoção de quem relembra o que fomos outrora numa outra realidade mais verdadeira, e que é o irreal em que nos vemos. Assim, de certo modo, vós e eu estamos mutuamente mais presentes na nossa evocação que não muda do que se presentes fôssemos neste encontro que em breve se dissipará»

Tabela IX

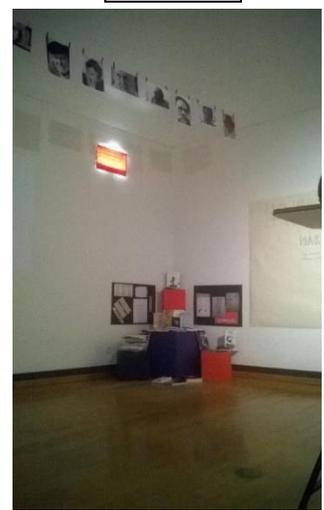
Anexo A



Anexo B



Anexo E



Anexo F

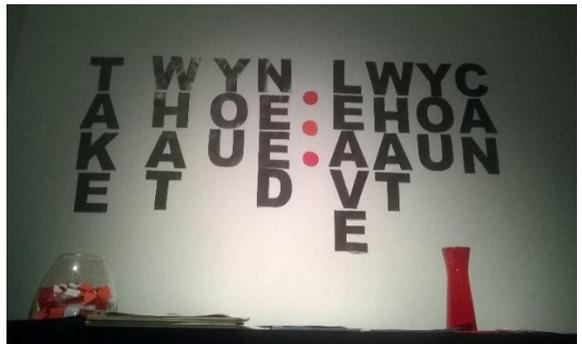


Anexo C



Anexo D

Anexo H



Anexo G

Tabela X

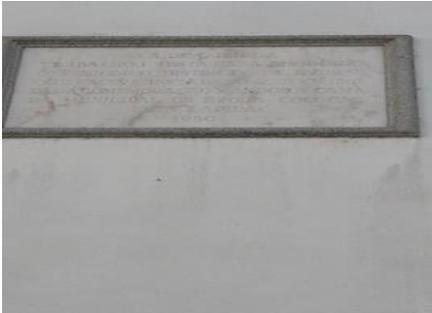
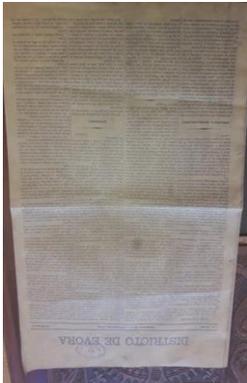
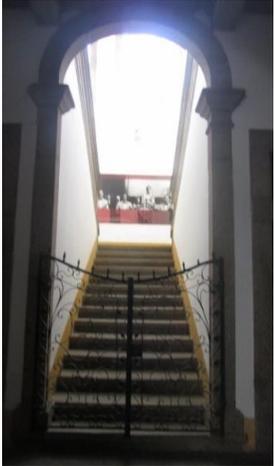
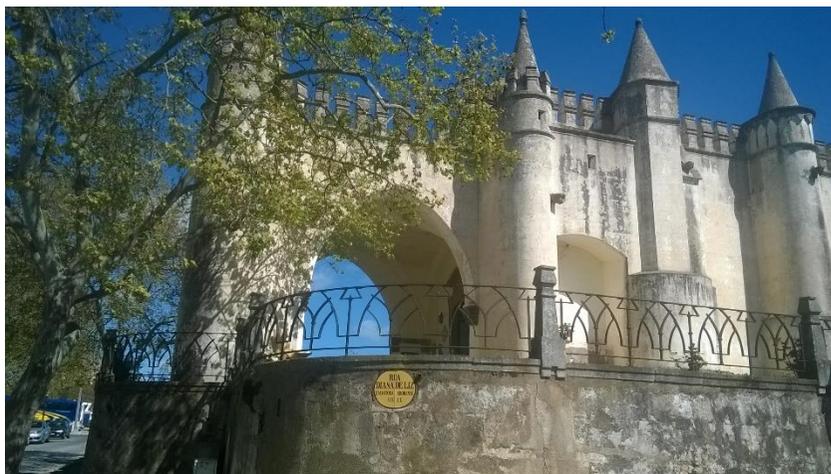
 <p>Anexo I</p>  <p>Anexo J</p>  <p>Anexo K</p>	 <p>Anexo L</p>  <p>Anexo M</p>  <p>Anexo N</p>
---	---

Tabela XI



Anexo O



Anexo P

Tabela XII



Anexo Q



Anexo R

Tabela XIII

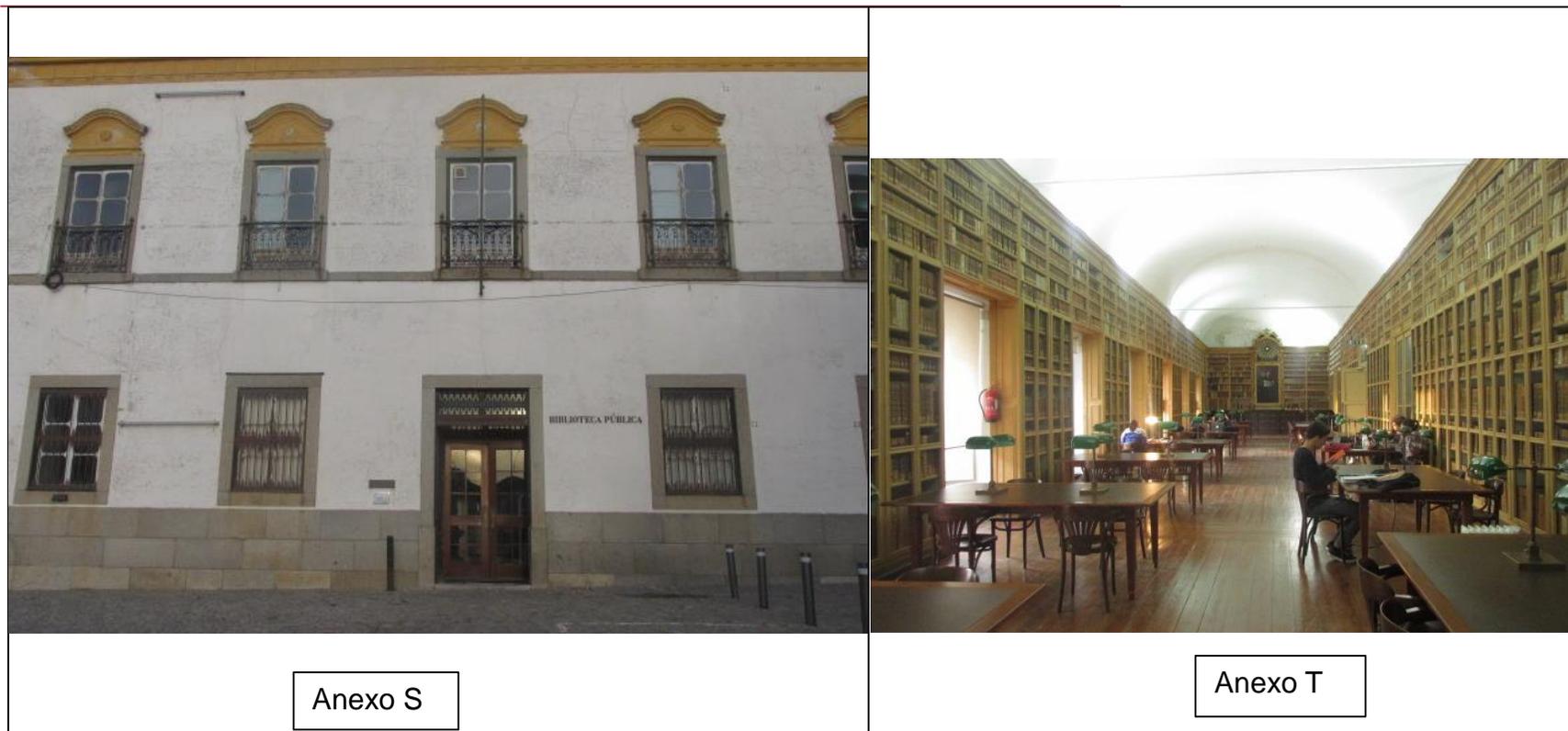


Tabela XIV



Anexo U



Anexo V



Anexo W

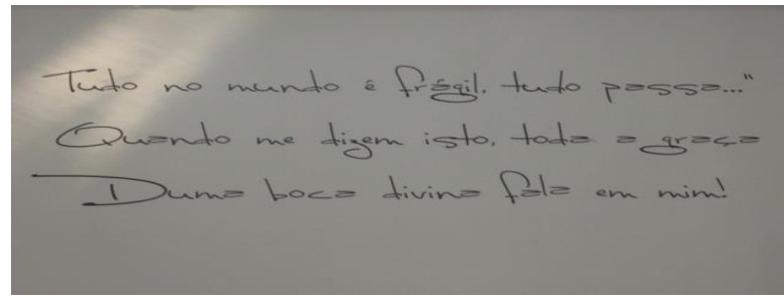
Tabela XV



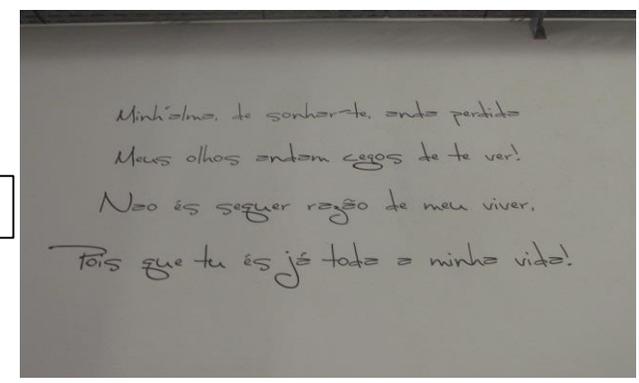
Anexo X



Anexo Y



Anexo Z



Anexo AB

Tabela XVI

<p data-bbox="674 331 860 384">Anexo AC</p> 	<p data-bbox="1621 320 1816 373">Anexo AD</p>   <p data-bbox="1330 1054 1514 1107">Anexo AE</p>
--	--

Tabela XVII



Anexo AF

Anexo AG



Anexo AH

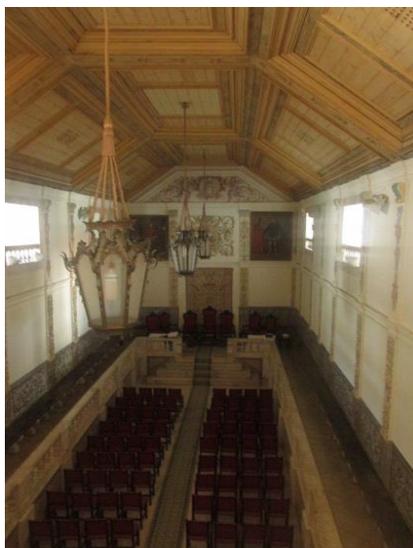
Anexo AI



Tabela XVIII



Anexo AJ



Anexo AK

Anexo AL



Anexo AM



Anexo AN



Anexo AO



Tabela XIX

Anexo AP



Anexo AQ



Anexo AR



Anexo AS



Tabela XX



Anexo AT



Anexo AV

Anexo AU



Tabela XXI



Anexo AW



Anexo AX

Tabela XXII



Anexo AY



Anexo AZ



Anexo AAB

Tabela XXIII



Tabela XXIV



Anexo AAE



Tabela XXV

Tabela XXVI



Anexo AAG



Anexo AAJ

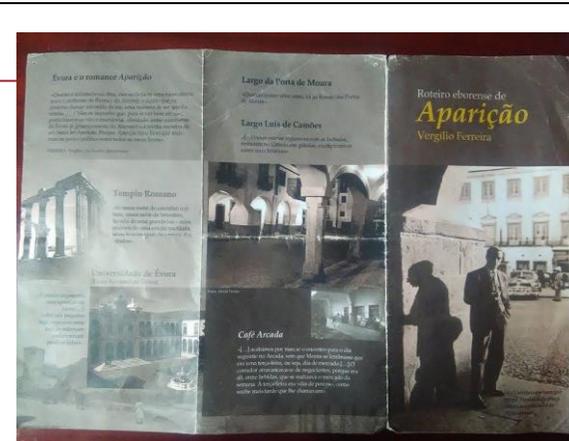
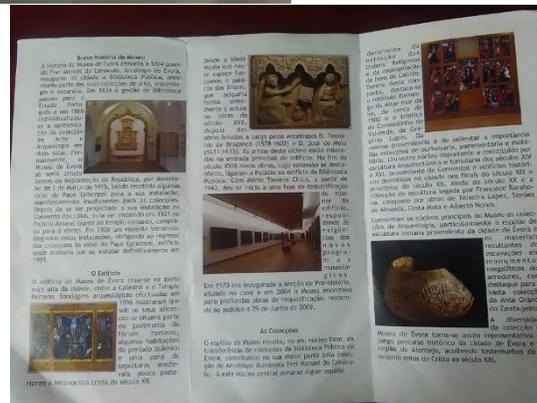


Anexo AAK

Tabela XXVII



Anexo AAL



Anexo AAM

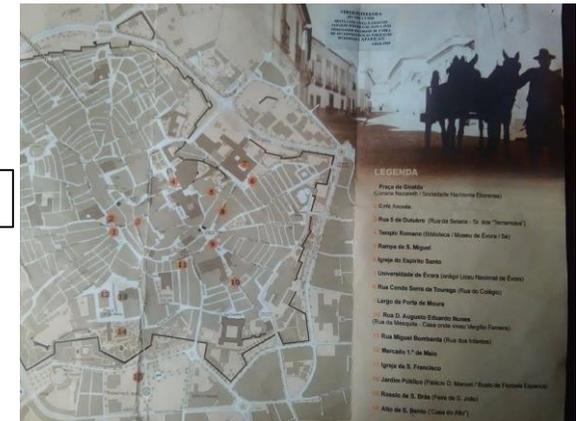
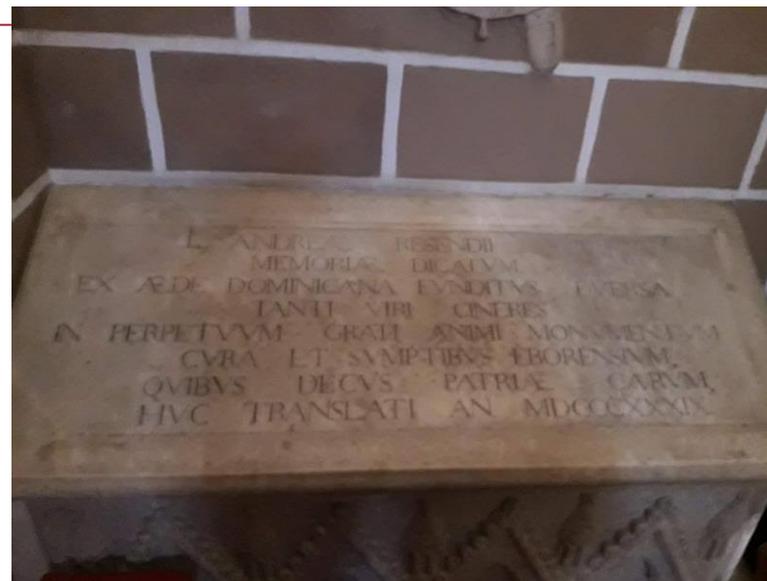


Tabela XXVIII



Anexo AAN



Anexo AAO

Tabela XXIX



Anexo AAP



Anexo AAQ



Anexo AAR

Tabela XXX



Anexo AAS



Anexo AAT

Tabela XXXI



Anexo AAU



Anexo AAV



Tabela XXXII



Anexo AAW
Este anexo constitui sugestões de logotipos da rota literária.

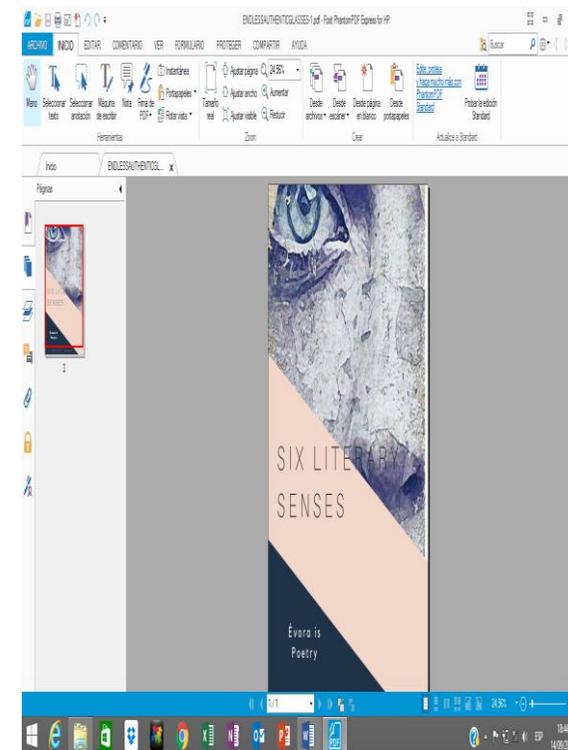


Tabela XXXIII

ITINERÁRIO LITERÁRIO POR ÉVORA – Duração de 1 dia			
Localização	Pontos a Referir	Descrição	
1. Praça do Giraldo	1 - Praça do Giraldo.	- Local emblemático da cidade, muitas vezes referido em obras literárias.	
	2 - Café Arcada Sugestão: Possível local para tomar o pequeno-almoço.	- Referido na obra <i>Aparição</i> ; - Frequentado por escritores como Vergílio Ferreira ou Antunes da Silva.	
2. Largo Luís de Camões	3 - Antigo Largo da Porta Nova;	- Local onde nasceu Antunes da Silva; - Referências feitas por Galopim de Carvalho;	
	4 - N.º39.	- N.º 39 – Casa onde viveu Florbela Espanca.	
3. Rua José Elias Garcia	5 - Casa onde viveu Eça de Queirós Sugestão: Entregar neste local uma cópia do jornal o <i>Districto</i>	- Casa e Lápide que identifica a casa onde viveu Eça de Queirós aquando da sua passagem por Évora e que corresponde também ao local onde era redigido o jornal o <i>Districto</i>	

4. Praça Joaquim António Aguiar	6 - Teatro Garcia de Resende.	- O teatro da cidade de Évora tem o nome do escritor Garcia de Resende.	
5. Rua 5 de Outubro (Antiga Rua da Selaria)	7 - Nº75;	- Nº75 – casa onde viveu Florbela Espanca;	
	8 -Livraria “Fonte de Letras”.	- Espaço onde se respira literatura.	
6. Rua Diogo Cão	9 - Nº30;	- Nº30 – Casa onde viveu Florbela Espanca;	
	10 - Nº40.	- Nº40 – Casa onde trabalhou Florbela Espanca.	
7. Rua de S. Manços	11 - Janela de Garcia de Resende.	- Janela Manuelina que pertence à casa onde, segundo a tradição, viveu Garcia de Resende. - Florbela Espanca tem um poema dedicado a esta janela “À Janela de Garcia de Resende”.	
8. Praça do Giraldo	12 - Restaurante Fanatismo. Sugestão: possível local para almoço.	- Restaurante alusivo à poesia de Florbela Espanca.	
9. Largo dos Colegiais	13 – Colégio do Espírito Santo (Antigo Liceu André de Gouveia).	- Antiga livraria do edifício; - Sala do Governo Civil (espólio de Túlio Espanca); - Estátua de Túlio Espanca; - Sala dos Actos; - Sala de aula com cátedra (ex: 117).	
10. Largo do Marquês de Marialva	14 - Sé Catedral.	- Na Sé encontra-se o túmulo de André de Resende.	

11. Largo do Conde de Vila Flor	15 - Biblioteca Pública de Évora.	- Breve referência ao Templo Romano (?); - Biblioteca Pública de Évora, local onde se respira literatura e que foi frequentado por diversos escritores (incluindo Florbela Espanca).	
---------------------------------	-----------------------------------	---	--

ITINERÁRIO LITERÁRIO POR ÉVORA – Duração de meio dia

Sugestões de Título:

- 1 – Diana de Liz Vs Florbela Espanca: Duas Escritoras, duas poetisas, a morte e as obras...
 2 – Liz e Espanca, as poetisas antes do tempo: Se a morte pudesse falar, talvez dissesse: À sombra do cipreste era ainda demasiado cedo para permanecer ...

Localização	Pontos a Referir	Descrição	Escritores
1. Rua de Aviz	1 – Nº 61	- Casa onde viveu Florbela Espanca;	- Florbela Espanca.
	2 – Nº 5	- Casa onde viveu Florbela Espanca.	
2. Largo Luís de Camões (Antigo Largo da Porta Nova)	3 – Nº 39	- Casa onde viveu Florbela Espanca.	- Florbela Espanca.
3. Rua João de Deus	4 – Nº 28	- Casa onde viveu Florbela Espanca;	- Florbela Espanca.
4. Rua 5 de Outubro (Antiga Rua da Selaria)	5 – Nº 75	- Casa onde viveu Florbela Espanca.	- Florbela Espanca.
5. Rua Diogo Cão	6 - Nº 30;	- Casa onde viveu Florbela Espanca;	- Florbela Espanca.
	7 – Nº 40.	- Nº40 – Casa onde trabalhou Florbela Espanca.	

6. Largo Conde Vila Flor	8 – Biblioteca Pública de Évora	- Local onde se respira literatura e que foi frequentado por diversos escritores (incluindo Florbela Espanca). E é também o local onde se encontra parte do espólio da poetisa.	- Florbela Espanca.
7. Jardim Público	9 - Jardim Público.	- Busto de Florbela Espanca. Local onde a poetisa muitas das vezes passeava.	- Florbela Espanca.
8. Travessa do Açacal	10 - Travessa do Açacal.	- Rua onde nasceu Diana de Liz.	- Diana de Liz.
9. Largo dos Colegiais	11 – Colégio do Espírito Santo (Antigo Liceu André de Gouveia).	- Liceu onde estudou Florbela. - Sala do Governo Civil (espólio de Túlio Espanca); - Estátua de Túlio Espanca.	- Florbela Espanca.
10. Rua Diana de Liz	12 - Rua Diana de Liz.	- Lápide que identifica a rua e que foi mandada colocar por Ferreira de Castro.	- Diana de Liz.

Tabela XXXIV

Alguns exemplos de autores que referem Évora nas suas obras

“O viajante está em Évora

Em Évora há, sim, uma atmosfera que não se encontra em outro qualquer lugar; Évora tem, sim, uma presença constante de História nas suas ruas e praças, em cada pedra ou sombra; Évora logrou, sim, defender o lugar do passado sem retirar espaço ao presente.”

José Saramago, in *Viagem a Portugal*.

Luís de Camões

“Évora

Eis a nobre cidade, certo assento do rebelde Sertório antigamente, Onde ora as águas nítidas de argento Vem sustentar de longo a terra e a gente, Pelos arcos reais que, cento e cento Nos ares se alevantam nobremente, Obedeceu, por meio e ousadia De Giraldo, que medos não temia.”

In *Os Lusíadas* – Canto III, estrofe 63. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 2005, p. 96.

Florbela Espanca

Évora Ao amigo vindo da luminosa Itália, a minha cidade, como eu Soturno e triste...

<p><i>Évora! Ruas ermas sob os céus Cor de violetas roxas... Ruas frades Pedindo em triste penitência a Deus Que nos perdoe as míseras vaidades!</i></p> <hr/> <p><i>Tenho corrido em vão tantas cidades! E só aqui recordo os beijos teus, E só aqui eu sinto que são meus Os sonhos que sonhei noutras idades!</i></p> <p><i>Évora!... O teu olhar... o teu perfil... Tua boca sinuosa, um mês de Abril, Que o coração no peito me alvoroça!</i></p> <p><i>... Em cada viela o vulto dum fantasma... E a minh'alma soturna escuta e pasma... E sente-se passar menina e moça...</i></p>
<p>Miguel Sousa Tavares</p> <p>“Amanhecia em Évora. O sol saíra da planície e espreitava entre os muros caiados da cidade. Passou pelas ruínas romanas do Templo de Diana, as suas colunas de granito cinzento suavizadas pela luz da manhã nascente. Vinha aí um belo dia, d sol e frio, um dia perfeito para ficar à lareira a ler histórias. O café da esquina acabara de abrir portas: espreitou lá para dentro e constatou que o dono já ligara a máquina de café e havia até um cliente ao balcão. Pediu um café, uma sanduíche de presunto e uma garrafa de água e veio sentar-se cá fora, escutando os ruídos da cidade que acordava. Eva. Év...ora. A cidade branca acordava.”</p> <p>In Madrugada Suja, 2013, p. 22.</p>

Tabela XXXV